

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM

DANIELA PRISCILA DE OLIVEIRA VERONEZI

**CONSTRUÇÃO DO SUJEITO COM SÍNDROME DE *DOWN* NO CINEMA
BRASILEIRO:** estudo do dispositivo de inclusão social a partir do filme “Colegas”

Goiânia
2018

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

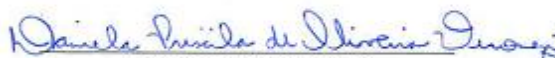
Nome completo do autor: Daniela Priscila de Oliveira Veronezi

Título do trabalho: CONSTRUÇÃO DO SUJEITO COM SÍNDROME DE *DOWN* NO CINEMA BRASILEIRO: estudo do dispositivo de inclusão social a partir do filme "Colegas"

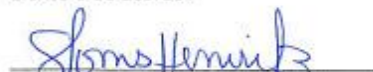
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 04/12/2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

- Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente
 - Submissão de artigo em revista científica
 - Publicação como capítulo de livro
 - Publicação da dissertação/tese em livro

²A assinatura deve ser escaneada.

DANIELA PRISCILA DE OLIVEIRA VERONEZI

CONSTRUÇÃO DO SUJEITO COM SÍNDROME DE *DOWN* NO CINEMA

BRASILEIRO: estudo do dispositivo de inclusão social a partir do filme “Colegas”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, nível Mestrado, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania.

Linha de pesquisa: Mídia e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes.

Goiânia
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Veronezi, Daniela Priscila de Oliveira

Construção do Sujeito com Síndrome de Down no Cinema Brasileiro: estudo do dispositivo de inclusão social a partir do filme "Colegas" [manuscrito] / Daniela Priscila de Oliveira Veronezi. - 2018. 180 f.

Orientador: Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós Graduação em Comunicação, Goiânia, 2018.

1. Comunicação. 2. Cultura. 3. Dispositivo. 4. "Colegas". 5. Síndrome de Down. I. de Aquino Gomes, Suely Henrique, orient. II. Título.

CDU 007



ATA 23/2018

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezoito, a partir das quatorze horas, na sala nove da Faculdade de Informação e Comunicação realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação de Mestrado de **DANIELA PRISCILA DE OLIVEIRA VERONEZI**, intitulada **CONSTRUÇÃO DO SUJEITO COM SÍNDROME DE DOWN NO CINEMA BRASILEIRO: estudo do dispositivo de inclusão social a partir do filme "Colegas"**. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Suely Henrique de Aquino Gomes (orientadora/FIC/UFG), Andréa Pereira dos Santos (FIC/UFG), Angelita Pereira de Lima (UFG) e Deyvisson Pereira da Costa (UFMT). Após a arguição, os membros da banca se reuniram em sessão secreta para concluir a avaliação e definir o parecer final da dissertação, que foi aprovada. Por fim, lavrou-se a presente ata, que segue assinada pelo Presidente e pelos demais membros da banca.

Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes (Presidente)
Suely Henrique de Aquino Gomes

Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos
Andréa Pereira dos Santos

Profa. Dra. Angelita Pereira de Lima
Angelita Pereira de Lima

Prof. Dr. Deyvisson Pereira da Costa
Deyvisson Pereira da Costa

Dedico este trabalho a Deus, que me deu forças em todos os momentos desta caminhada, à minha mãe, que é meu espelho e minha fonte de inspiração, à minha avó, que é um anjo que lá do céu sempre cuida de mim, à minha irmã, que desde o dia em que entrou na minha vida me ensina profundamente sobre o significado da palavra amor, ao meu pai e aos meus irmãos, que são muito especiais para mim, e ao meu amor, que viveu intensamente cada instante deste caminho ao meu lado e que se dedicou com muito carinho e compreensão à nossa linda história, tornando minha vida ainda mais colorida e feliz.

AGRADECIMENTOS

A Deus, à minha amada família (mãe, pai, avós, irmãos, primos e tios), que me inspira a viver e a ser sempre feliz, à minha madrinha, que este ano se despediu precocemente de nós e virou uma estrelinha no céu, e à família que estou construindo ao lado do meu lindo amor. Aos amigos que fiz em Mirandópolis, Londrina, Foz do Iguaçu, Goiânia e aos que conheci em outros locais e circunstâncias, mas que seguem como parte da minha vida.

À minha orientadora, Suely Henrique de Aquino Gomes, que acreditou em mim e na minha proposta de pesquisa quando eu era apenas uma sonhadora aventureira que almejava ingressar no mestrado e, com carinho e dedicação, foi me ajudando a caminhar e a concretizar este incrível projeto de vida.

Aos professores Andréa Pereira dos Santos e Deyvisson Pereira da Costa que, juntamente com a minha orientadora, integraram as minhas bancas de qualificação e de defesa e cujos comentários assertivos e construtivos me fizeram aperfeiçoar a minha pesquisa. À professora Angelita Pereira de Lima, que, gentilmente, aceitou o convite para integrar minha banca de defesa e cooperar com o desenvolvimento da minha pesquisa. A todos os professores que passaram pela minha vida e que foram construindo pequenos tijolinhos de conhecimento em mim e que, desse modo, muito contribuíram para as minhas conquistas profissionais.

Aos professores e amigos do mestrado, que com orientações valiosas me ajudaram a aperfeiçoar minha pesquisa e a transformar em realidade um sonho antigo, adiado e quase adormecido de ser Mestre em Comunicação. À Karol Almeida da Silva Abreu que, gentilmente, prontificou-se a normalizar o meu trabalho e a todos os profissionais da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) que participaram, direta ou indiretamente, da concretização desta etapa da minha vida.

Ao roteirista, produtor e diretor do filme “Colegas”, Marcelo Galvão, aos protagonistas Ariel Goldenberg, Rita Pokk e Breno Viola, bem como a todo o elenco e equipe de produção, que me fizeram acreditar, ainda mais, no quão valiosa e gratificante é a luta pela inclusão social.

“A ficção consiste, portanto, não em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível”.

Michel Foucault (O Pensamento do Exterior)

RESUMO

A presente pesquisa busca delinear as imbricações existentes no binômio comunicação e cultura, com o objetivo de compreender o dispositivo de inclusão social a partir da análise do filme “Colegas”, de 2012, e do contexto sócio-histórico de sua produção, embasado na noção de dispositivo empregada por Foucault (2015) e operacionalizada por Deleuze (1996). Como produto do cinema brasileiro, “Colegas” conta em seu elenco com mais de 60 pessoas com síndrome de *Down*, incluindo os protagonistas. O trabalho parte do arcabouço teórico-metodológico foucaultiano, principalmente da noção de dispositivo, que abrange tanto práticas discursivas quanto não discursivas. Aliado aos estudos foucaultianos, buscou-se em Deleuze (1996) a operacionalização do dispositivo, que atua a partir das curvas de visibilidade e das curvas de enunciação, das linhas de força e das linhas de subjetivação. Enquanto procedimento, o dispositivo constitui, em essência, o método de análise do discurso empregado nesta investigação científica. Em consonância com as particularidades dos estudos relativos ao cinema, também foi aplicada, para o escrutínio dos dados, a análise fílmica, com base em Vanoye e Goliot-Lété (2006). Em conjunto, esses métodos resultam no híbrido denominado de análise do discurso fílmico. Para que o dispositivo de inclusão social das pessoas com síndrome de *Down* seja estudado a partir de um produto cinematográfico, foram utilizados como parâmetros de análise o contexto sócio-histórico da produção de “Colegas”, que Aumont et al. (2014) denomina de “fora de campo anti-clássico”, e também o filme em si. O espaço de recepção, por sua vez, não foi objeto de estudo desta pesquisa. Como resultado, esta investigação permitiu o entendimento do modo como os sentidos manifestos no filme “Colegas” dialogam com os discursos circulantes na sociedade contemporânea sobre a inclusão das pessoas com síndrome de *Down*.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Dispositivo. Inclusão Social. “Colegas”. Síndrome de *Down*. Análise do Discurso Fílmico.

ABSTRACT

The present research aims to delineate the existing imbrications in the binomial communication and culture, in order to understand the social inclusion dispositif from the analysis of the film "Colegas", 2012, and the socio-historical context of its production, based on the notion of a dispositif employed by Foucault (2015) and operationalized by Deleuze (1996). As a product of Brazilian cinema, "Colegas" has in its cast more than 60 people with Down syndrome, including the protagonists. The work starts from the Foucaultian theoretical-methodological framework, mainly of the notion of dispositif, which encompasses both discursive and non-discursive practices. In addition to the Foucaultian studies, Deleuze (1996) sought the operationalization of the dispositif, which acts from the visibility curves and the enunciation curves, lines of force and lines of subjectivation. As a procedure, the dispositif constitutes, in essence, the method of discourse analysis employed in this scientific investigation. According to Vanoye and Goliot-Lété (2006), the film analysis was also used for the scrutiny of the data. Together, these methods result in the so-called hybrid of filmic discourse analysis. For the social inclusion dispositif of people with Down syndrome to be studied from a cinematographic product, the socio-historical context of the production of "Colegas" was used as parameters of analysis, which Aumont et al. (2014) calls it "anticlassical out of field", and also the film itself. The reception space, on the other hand, was not the object of study of this research. As a result, this investigation allowed the understanding of the way in which the manifest meanings in the film "Colegas" dialogue with the circulating discourses in the contemporary society on the inclusion of the people with Down syndrome.

Keywords: Communication. Culture. Social Inclusion. Dispositif. "Colegas". Down Syndrome. Filmic Discourse Analysis.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|--|
| ADID | Associação para o Desenvolvimento Integral do <i>Down</i> |
| APAE | Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais |
| CEESD | Centro de Educação Especial Síndrome de <i>Down</i> |
| CNJ | Conselho Nacional de Justiça |
| CORDE | Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência |
| CPD | Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência |
| DUDH | Declaração Universal dos Direitos Humanos |
| FAAP | Fundação Armando Álvares Penteado |
| FADA | Família <i>Down</i> e Amigos |
| FENAPAES | Federação Nacional das Apaes |
| GADIM | Aliança Global para Inclusão das Pessoas com Deficiência na Mídia e Entretenimento |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IOK | Instituto Olga Kos Inclusão Cultural |
| MAIS | Movimento de Ação e Inovação Social |
| MEC | Ministério da Educação |
| MINC | Ministério da Cultura |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| SBT | Sistema Brasileiro de Televisão |
| SDH/PR | Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República |
| SD | Síndrome de <i>Down</i> |
| SNPD | Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Dados do filme “Colegas” | 40 |
| Quadro 2 – Alguns prêmios recebidos | 40 |
| Quadro 3 – Arcabouço legal aplicável às pessoas com SD..... | 60 |
| Quadro 4 – Planos que materializam o sujeito afetivo | 74 |
| Quadro 5 – Planos que materializam o sujeito desejante | 76 |
| Quadro 6 – Planos que materializam o sujeito independente..... | 77 |
| Quadro 7 – Planos que materializam o sujeito lúdico | 79 |
| Quadro 8 – Planos que materializam o sujeito transgressor..... | 80 |
| Quadro 9 – Sujeito Afetivo..... | 85 |
| Quadro 10 – Sujeito Desejante | 85 |
| Quadro 11 – Sujeito Independente | 86 |
| Quadro 12 – Sujeito Lúdico..... | 86 |
| Quadro 13 – Sujeito Transgressor | 87 |
| Quadro 14 – Decomposição fílmica da primeira sequência escolhida: planos 1 a 29..... | 102 |
| Quadro 15 – Decomposição fílmica da segunda sequência escolhida: planos 1 a 66..... | 117 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Percentual populacional por tipo de deficiência | 22 |
| Figura 2 – Processo de construção de sentido | 37 |
| Figura 3 – Recorte simplificado do dispositivo de Foucault (2015) e de Deleuze (1996) | 44 |
| Figura 4 – Termos adequados e inadequados para se referir às pessoas com SD | 49 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 16 |
| 2 | APRESENTAÇÃO DA PESQUISA | 20 |
| 2.1 | Tema, objeto, problema de pesquisa, argumento central e evidências | 20 |
| 2.2 | Objetivos | 21 |
| 2.2.1 | Objetivo Geral | 21 |
| 2.2.2 | Objetivos Específicos | 21 |
| 2.3 | Justificativa | 22 |
| 3 | CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO | 24 |
| 3.1 | Sujeito com deficiência | 27 |
| 3.1.1 | Sujeito com Síndrome de <i>Down</i> | 29 |
| 4 | CINEMA E INCLUSÃO SOCIAL | 35 |
| 4.1 | Filme “Colegas” | 38 |
| 5 | REFERENCIAL TEÓRICO - NOÇÃO DE DISPOSITIVO | 42 |
| 5.1 | Curvas de visibilidade | 46 |
| 5.2 | Curvas de enunciação | 47 |
| 5.3 | Linhas de força | 47 |
| 5.4 | Linhas de subjetivação | 47 |
| 5.5 | Dispositivo de inclusão social da pessoa com síndrome de <i>Down</i> | 47 |
| 5.5.1 | “Não ditos” | 48 |
| 5.5.1.1 | <i>Discursos Silenciados</i> | 48 |
| 5.5.1.2 | <i>Instituições e/ou Proposições Filosóficas, Morais e Filantrópicas</i> | 50 |
| 5.5.1.3 | <i>Organizações Arquitetônicas</i> | 55 |
| 5.5.2 | “Ditos” | 55 |
| 5.5.2.1 | <i>Discursos</i> | 56 |
| 5.5.2.2 | <i>Leis e Decisões Regulamentares</i> | 59 |
| 5.5.2.3 | <i>Medidas Administrativas</i> | 63 |
| 5.5.2.4 | <i>Enunciados Científicos</i> | 65 |
| 5.5.3 | “Colegas” como enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social..... | 67 |

| | | |
|------------|---|------------|
| 6 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 69 |
| 6.1 | Abordagem qualitativa..... | 69 |
| 6.2 | Seleção e extração dos dados..... | 70 |
| 6.3 | Métodos de análise..... | 70 |
| 6.3.1 | Análise Fílmica..... | 70 |
| 6.3.2 | Análise do Discurso..... | 71 |
| 6.3.3 | Análise do Discurso Fílmico..... | 71 |
| 6.4 | Operacionalização da análise..... | 72 |
| | | |
| 7 | RESULTADOS DA PESQUISA | 73 |
| 7.1 | Reconstrução: interpretação dos dados com base no universo diegético de “Colegas” (“campo”)..... | 73 |
| 7.1.1 | Sujeito Afetivo..... | 74 |
| 7.1.2 | Sujeito Desejante | 76 |
| 7.1.3 | Sujeito Independente | 77 |
| 7.1.4 | Sujeito Lúdico..... | 79 |
| 7.1.5 | Sujeito Transgressor | 80 |
| 7.2 | Reconstrução: interpretação dos dados na conexão entre o “campo” e as entrevistas do diretor e dos três protagonistas..... | 82 |
| 7.3 | Reconstrução: interpretação dos dados para além da diegese do filme e de sua conexão com a realidade aparente..... | 88 |
| | | |
| 8 | CONSIDERAÇÕES | 94 |
| | | |
| | REFERÊNCIAS..... | 96 |
| | | |
| | ANEXO A – DECOMPOSIÇÃO FÍLMICA DA SEQUÊNCIA DE “COLEGAS” DOS 11 MINUTOS E 03 SEGUNDOS AOS 13 MINUTOS E 52 SEGUNDOS (2 MINUTOS E 49 SEGUNDOS) | 102 |
| | | |
| | ANEXO B – DECOMPOSIÇÃO FÍLMICA DA SEQUÊNCIA DE “COLEGAS” DE 1 HORA, 25 MINUTOS E 24 SEGUNDOS A 1 HORA, 29 MINUTOS E 50 SEGUNDOS (4 MINUTOS E 26 SEGUNDOS)..... | 117 |

ANEXO C – BIOGRAFIAS DO DIRETOR E DOS TRÊS PROTAGONISTAS DE “COLEGAS” 151

ANEXO D – ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DIRETOR DE “COLEGAS”, EM 19 DE SETEMBRO DE 2012, PARA O PROGRAMA “SEM CENSURA” 153

ANEXO E – ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DIRETOR E PELOS TRÊS PROTAGONISTAS DE “COLEGAS”, EM 03 DE MARÇO DE 2013, PARA O PROGRAMA “DE FRENTE COM GABI” 160

1 INTRODUÇÃO

O Brasil intensificou os esforços pela garantia dos direitos das pessoas com deficiência a partir da segunda metade do século XX impulsionado, sobretudo, pelas mudanças ocorridas no cenário internacional. Entre as transformações mundiais que motivaram esse movimento, destaca-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)¹, aprovada em 1948 na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que suscitou um amplo e profundo debate sobre os direitos iguais e inalienáveis como fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.

O caminho trilhado internacionalmente, aliado aos movimentos sociais que emergiram no Brasil, principalmente na década de 1980, repercutiu na Constituição Federal², de 1988. No entanto, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo³, aprovada pela Assembleia Geral da ONU, em 2006, e assinada em *New York City*, em 2007, por diversos países, entre eles o Brasil, é considerada o grande marco das conquistas das pessoas com deficiência. Em 2009, essa Convenção foi promulgada no Brasil, após ser aprovada, em 2008, pelo Congresso Nacional com equivalência de emenda constitucional e é o único tratado internacional de direitos humanos, até o momento, com essa prerrogativa no ordenamento jurídico brasileiro. Em 2015, a Convenção resultou na instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência⁴, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Nesse cenário, surgiu a questão inicial que instigou a pesquisadora a realizar este trabalho de investigação científica: como a pessoa com deficiência é construída na mídia em razão das mudanças legislativas ocorridas, sobretudo, em momentos históricos? Dados da Cartilha do Censo 2010 - Pessoas com Deficiência, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2012)⁵, demonstram que 23,9% da população do país possui, ao menos, um tipo de deficiência, seja física ou intelectual. Esse percentual representa mais de 45 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente uma em cada quatro residentes no país.

¹ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 07 out. 2018.

² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 out. 2018.

³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁵ Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2018.

Devido à amplitude da noção de deficiência, optou-se por restringir o campo de pesquisa, de modo a se alcançar resultados palpáveis e mais profundos. Com isso, a síndrome de *Down* (SD) foi a escolhida, pois passou a ocupar espaço na mídia, sobretudo na televisão e no cinema, e, com isso, suscitou diversas discussões acerca do assunto. No entanto, vale destacar que muitas conquistas empreendidas em prol dos direitos dessas pessoas abarcam não apenas a SD, mas a noção de deficiência de um modo amplo e, nesses casos, esse conjunto amplificado foi trazido para esta investigação, já que a SD o compõe. Dito isso, definiu-se como tema deste estudo a “construção do sujeito com SD no cinema brasileiro”.

As imagens, como textos, são formas de representar e encobrir o mundo. Servem para descrever as coisas e lhes dar sentido, suprimindo e integrando, desdobrando e restringindo a realidade ao mesmo tempo. O cinema, como artefato cultural que é, pode e deve ser explorado como forma de discurso que contribui para a construção de significados sociais. A junção das técnicas de filmagem e montagem com elenco e o processo de produção resultam num conjunto de significações que precisam ser partilhadas por quem o acessa, para que as imagens irradiadas possam produzir sentidos que, muitas vezes, tornam-se determinantes para suas vidas (PIRES; SILVA, 2014, p. 608).

Nesse contexto, abordar o caráter discursivo do cinema envolve um aspecto que ultrapassa sua condição de entretenimento, abarcando o seu poder na construção de símbolos que visam dar sentido à realidade vivida. Assim, as imagens veiculadas pelo cinema podem auxiliar de forma expressiva na conscientização da sociedade em relação à inclusão das pessoas com SD, pois a própria Convenção da ONU, em seu artigo 8º, objetiva “incentivar todos os órgãos da mídia a retratar as pessoas com deficiência de maneira compatível com o propósito da presente Convenção” (BRASIL, 2009, p. 6), tendo em vista a importância dos meios de comunicação na produção social de sentido.

Com isso, o cinema, quando se utiliza de uma narrativa comprometida com o desenvolvimento da sociedade, pode ser caracterizado como um importante meio de promoção da igualdade e da justiça social que circunda os conceitos de inclusão e, por consequência, de exclusão. Tanto um quanto o outro estão permeados por estratégias de poder que definem os grupos que participam dessa relação. Assim, há políticas públicas, normas nacionais e internacionais, campanhas, documentos, entre outros elementos, que mapeiam os segmentos desprestigiados pelos sistemas político, econômico e social e, a partir dessa análise, buscam maneiras de incluí-los.

Nessa perspectiva, esta investigação científica almeja responder à seguinte questão-problema: “como o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme ‘Colegas’, de 2012?”. Ao se definir a questão-problema, faz-se necessário considerar que o cinema deve ser

compreendido como arte (estética) e como mídia, pois embora não tenha compromisso fiel com a construção da realidade, sua mensagem contribui para a constituição da cultura e do imaginário social. Tal constatação amplifica-se em referência às pessoas com deficiência, entre as quais se incluem as com SD, uma vez que esses sujeitos ocupam pouco espaço na veiculação da mídia e quando aparecem, por vezes, são retratados de modo estereotipado e estigmatizado.

Sob o aspecto teórico, recorre-se aos estudos de Foucault (2015) acerca da noção de dispositivo, que é a rede que se constitui entre elementos heterogêneos categorizados como “ditos” (discursos, leis, regulamentos, medidas administrativas e enunciados científicos) e “não ditos” (organizações arquitetônicas, instituições e proposições filosóficas, morais e filantrópicas). Ao rol dos “não ditos” também se incluem os discursos silenciados, em razão de outros que foram externalizados e disseminados.

Assim, a noção de dispositivo torna-se central nesta investigação, pois estabelece as bases para que se possa compreender o modo como o sujeito com SD foi construído no filme “Colegas”, uma vez que o discurso, na visão foucaultiana, deve ser entendido a partir do dispositivo. Somado a esses estudos, buscou-se em Deleuze (1996) a operacionalização da noção de dispositivo, que atua a partir das curvas de visibilidade e das curvas de enunciação, das linhas de força e das linhas de subjetivação. Calcado nesse arcabouço teórico, busca-se responder à questão-problema, considerando, também, o espaço de produção de “Colegas”.

Como método de pesquisa, optou-se pela qualitativa. Para a seleção e extração dos dados, foram realizados estudos no filme escolhido e, complementarmente, analisaram-se entrevistas com o roteirista, produtor e diretor, Marcelo Galvão, e com os protagonistas Ariel Goldenberg, Breno Viola e Rita Pook. Em uma etapa posterior da interpretação dos dados, “Colegas” foi escrutinado a partir do dispositivo de inclusão social que circunda o espaço de produção da trama.

A escolha do referido produto audiovisual pautou-se em diversos critérios. Primeiramente, por ser uma produção nacional, já que se almeja estudar o processo de inclusão no Brasil. Em segundo lugar, o assunto minorias, ainda que tenha adquirido novos espaços no cinema, apresenta um número limitado de produções, restringindo o rol de possibilidades. Por último, a escolha fundamentou-se na expressiva repercussão de “Colegas” junto ao público, inclusive foi apresentado na ONU e ganhou diversos prêmios nacionais e internacionais, como referência em inclusão social.

O filme “Colegas” se configura como um amplo campo de estudo da diversidade cultural no cinema, já que a maioria das produções audiovisuais ainda tem como prevalência a propagação da cultura hegemônica, bem como a difusão de preconceitos, estereótipos e

estigmas das minorias. O objeto selecionado, ao contrário, dissemina a inclusão social de modo central na trama, o que abre um vasto campo para análises no intuito de se responder ao problema de pesquisa.

Para o escrutínio dos dados, utiliza-se a análise do discurso fílmico, um híbrido entre a análise do discurso, que pode ser compreendida a partir dos estudos foucaultianos sobre os “ditos” e os “não ditos” presentes na noção de dispositivo, e a análise fílmica, empregada por Vanoye e Goliot-Lété (2006), que propõe a desconstrução das sequências de “Colegas” e sua posterior reconstrução, ou seja, interpretação dos dados, que, nesta análise, contou com elementos do filme e de seu espaço de produção.

Após a primeira tentativa de análise, notou-se dificuldade em conectar, de modo sistemático, a trama com o seu espaço de produção. Para tanto, as interpretações dos dados com base em “Colegas” e na conexão entre o filme e as entrevistas do diretor e dos três protagonistas foram estruturadas, posteriormente, com base em cinco categorias de análise: sujeito afetivo, sujeito desejante, sujeito independente, sujeito lúdico e sujeito transgressor.

Em linhas gerais, o caminho trilhado por esta investigação científica está disposto da seguinte maneira: introdução, apresentação da pesquisa, contexto sócio-histórico, cinema e inclusão social, referencial teórico - noção de dispositivo, procedimentos metodológicos, resultados da pesquisa, considerações, referências e anexos.

2 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Para que se possa delinear e, assim, compreender a investigação científica proposta neste estudo, faz-se necessário explicar acerca de conceitos básicos que o pesquisador precisa estruturar para que os resultados alcançados sejam compatíveis com os almejados. Nessa perspectiva, dedica-se este espaço à apresentação do tema, objeto, problema de pesquisa, argumento central, evidências, objetivos e justificativas que sustentem este trabalho.

2.1 Tema, objeto, problema de pesquisa, argumento central e evidências

A pesquisa configura-se como um caminho contínuo de investigação e construção do conhecimento. Para a fundamentação teórica, a coleta de dados e a interpretação de fenômenos, devem ser aplicados métodos de investigação com o intuito de realizar uma análise organizada, justificada e coerente. Assim, estudar em profundidade um objeto de pesquisa, à luz dos procedimentos teórico-metodológicos, é o desafio dos investigadores sociais. Esse processo inquieta o pesquisador em busca de respostas para as perguntas formuladas à priori e o estimula, ainda mais, com as descobertas de outras questões que surgem no transcorrer dos estudos, com base na dinâmica do objeto e do contexto no qual está inserido, que diferencia, atualiza, amplia e enriquece qualitativamente a investigação científica.

Com vistas às transformações sociais e à abordagem progressiva acerca da deficiência na contemporaneidade, que abrange também os meios de comunicação, em especial os audiovisuais, a escolha do tema “construção do sujeito com SD no cinema brasileiro” instiga este estudo, ao aliar questões de grande relevância social, cultural, ética, política, acadêmica, comunicacional e histórica como a centralidade da problematização das lutas empreendidas pelas minorias, como os sujeitos com SD, em um ambiente propício à produção social de sentido, como o cinema.

Para esta dissertação, o objeto selecionado é o filme “Colegas”, que foi investigado a partir da conexão entre duas perspectivas: o “fora de campo” (“fora de cena”) - que se caracteriza como o espaço de produção do cinema - e o “campo” - que representa o produto audiovisual em si. No entanto, não contempla o espaço de recepção, de consumo do filme. A partir da escolha do objeto, é importante explicitar, mais uma vez, que o cinema não possui um compromisso fiel com a construção da realidade, mas que, apesar disso, condiciona e é condicionado por ela. Posto isso, este estudo é norteado pela seguinte questão-problema: “como o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme ‘Colegas’, de 2012?”.

Como argumento central tem-se, à priori, que o sujeito com SD é construído em “Colegas” com base no momento histórico em que foi produzido, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social. Para tanto, elenca-se, como primeira evidência, que as pessoas com SD, em “Colegas”, são capazes de viver como qualquer outro sujeito social. Como segunda evidência tem-se que o momento histórico no qual o filme foi concebido busca fortalecer o discurso de inclusão na sociedade.

2.2 Objetivos

A seguir apresentam-se os objetivos geral e específicos que norteiam esta investigação científica e possibilitam ao pesquisador clarificar o que se almeja alcançar com os estudos empreendidos.

2.2.1 Objetivo Geral

Compreender o dispositivo de inclusão social a partir da análise do filme “Colegas”, de 2012, e do contexto sócio-histórico de sua produção, com base na noção de dispositivo empregada por Foucault (2015) e operacionalizada por Deleuze (1996).

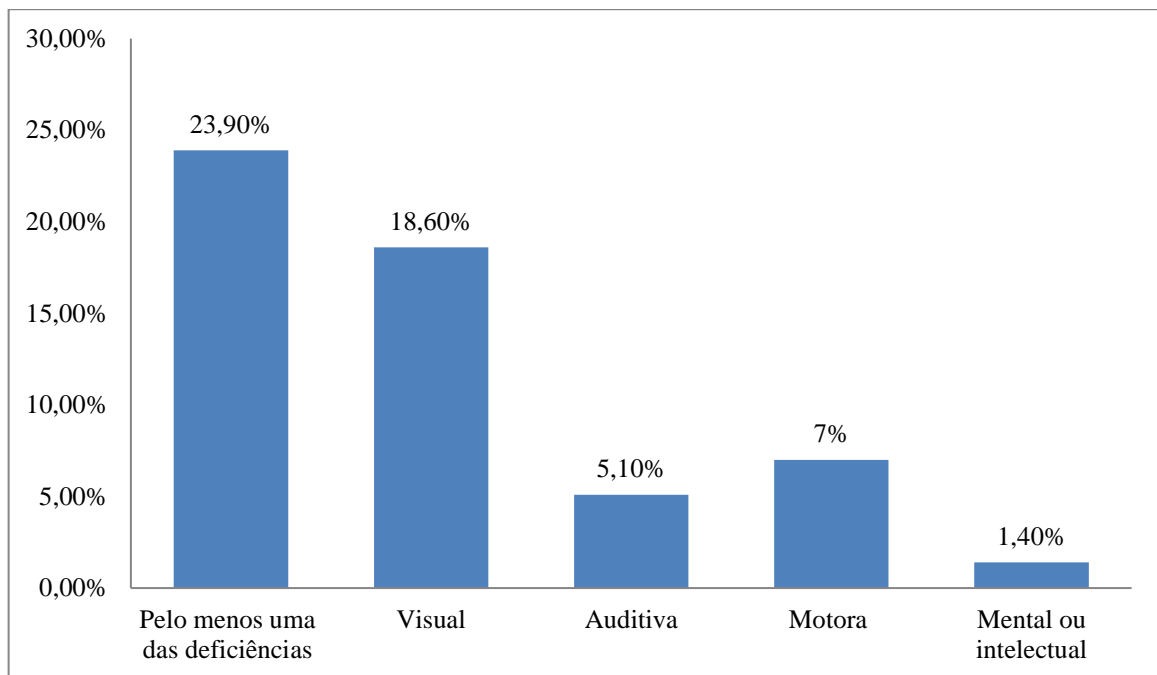
2.2.2 Objetivos Específicos

- a) tecer a rede do dispositivo de inclusão social, a partir das curvas de visibilidade e das curvas de enunciação, das linhas de força e das linhas de subjetivação, propostas por Deleuze (1996) e presentes no filme em análise;
- b) investigar o dispositivo de inclusão social a partir dos discursos circulantes no momento histórico da produção do filme;
- c) identificar as categorias constitutivas do sujeito com síndrome de *Down* em “Colegas”.

2.3 Justificativa

No Brasil, dados da Cartilha do Censo 2010 - Pessoas com Deficiência, do IBGE (2012), apontam que 23,9% da população do país possui, ao menos, um tipo de deficiência, seja física ou intelectual. Esse percentual corresponde a mais de 45 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente uma em cada quatro residentes no país.

Figura 1 – Percentual populacional por tipo de deficiência⁶



Fonte: elaborada pela autora (2018) com base na Cartilha do Censo 2010 - Pessoas com Deficiência.

Devido à amplitude da noção de deficiência, que abarca quase $\frac{1}{4}$ da população brasileira, conforme mencionado acima, optou-se por restringir o campo de pesquisa, de modo a se alcançar resultados palpáveis e mais profundos. Com isso, a SD, que compõe o rol da deficiência intelectual, foi a escolhida, pois passou a ocupar espaço na mídia, em especial neste século, sobretudo na televisão e no cinema e, com isso, suscitou diversas discussões acerca do assunto. Embora não exista precisão dos dados, estima-se que a população brasileira com SD seja de aproximadamente 0,16% (o que equivale a aproximadamente 300 mil pessoas).

Após essas delimitações de estudo, partiu-se para a escolha do produto midiático mais adequado como objeto de análise. Para Vanoye e Goliot-Lété (2006), o filme é um produto cultural que está inserido em um dado contexto social e histórico e que possibilita a análise de

⁶ Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2018.

uma sociedade. Assim, “Colegas” despertou o interesse por ser protagonizado por três jovens com *Down* e contar no elenco com outros 60 jovens com essa deficiência. Além disso, esse filme obteve grande repercussão nacional e internacional, ganhando diversos prêmios e sendo apresentado em vários festivais e eventos.

Em 2013, “Colegas” foi exibido na VI Conferência de Estados Partes da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo da ONU, com a mensagem de que todos têm o direito de sonhar. Desse modo, justifica-se a escolha de “Colegas” como relevante objeto de estudo para se compreender o dispositivo de inclusão social, considerando o momento histórico em que foi concebido.

3 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

A história das leis ou acordos que garantem direitos básicos às pessoas é muito mais antiga que a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)⁷. Em 1689, a Declaração Inglesa de Direitos⁸, documento que estabelecia nova governança no império inglês após o evento chamado de Revolução Gloriosa, tratava de assegurar direitos básicos aos cidadãos ingleses, como a liberdade, a justiça e a propriedade. Em 1776, os Estados Unidos proclamaram sua independência com a Declaração de Direitos de Virgínia⁹, na qual se consideravam que os homens são criados iguais e com direitos inalienáveis, como a vida, a liberdade e a busca pela felicidade. Já em 1789, com a Revolução Francesa, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão¹⁰ definia um conjunto de direitos que deveriam ser assegurados a todos os seres humanos.

A principal diferença da DUDH para as Declarações anteriores é que o seu conteúdo se coloca com uma pretensão expressamente universal, ponto de vital importância em um contexto de pós-guerra em que a xenofobia havia sido transformada em norma jurídica pelo regime nazista. Assim, a DUDH foi constituída, de forma conjunta, diante do cenário de enorme destruição e das memórias das atrocidades da Segunda Guerra Mundial. Ela contou com a participação de 56 países e foi aprovada, em 1948, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), como o documento que estabelece os direitos básicos inalienáveis de todos os seres humanos.

Apesar de não possuir caráter legalmente obrigatório, a Declaração passou a ser o ponto de referência para a construção de leis nos países que se identificam como democracias legitimadas. A Declaração Universal dos Direitos Humanos “consolida a afirmação de uma ética universal ao consagrar um consenso sobre valores de cunho universal a serem seguidos pelos Estados” (PIOVESAN, 2013, p. 209).

Em 2018, a DUDH completa 70 anos e sabe-se que os fatos não se desenrolaram de forma tão simples. Logo depois de proclamada a Declaração, os países envolvidos começaram

⁷ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 07 out. 2018.

⁸ Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/a-declaracao-inglesa-de-direitos-1689.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

⁹ Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-bom-povo-de- virginia-1776.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

a questionar sua obrigatoriedade jurídica, dando início a uma disputa sobre como vincular os Estados àquelas disposições por meio de um tratado internacional - controvérsia que se estendeu por quase vinte anos, culminando com a adoção de dois pactos distintos, o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos¹¹, que trata da garantia de acesso à justiça e à participação política, e o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais¹², que estabelece a garantia de direitos econômicos, sociais e culturais de pessoas físicas que constituem a população de um país membro da ONU.

Somado a isso, uma série de tratados internacionais de direitos humanos e outros instrumentos adotados desde 1945 expandiram o corpo dos direitos humanos. Eles incluem a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio (1948)¹³, a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965)¹⁴, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (1979)¹⁵, a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989)¹⁶ e a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo (2006)¹⁷, entre outras.

No Brasil, o Estatuto da Pessoa com Deficiência¹⁸ resulta da multidisciplinariedade que abarca, em sua concepção, o direito internacional, o direito constitucional, os direitos humanos, o direito de família e o direito civil. Sua essência coaduna com os conceitos inerentes à Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, que tem o propósito de “promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais pelas pessoas com deficiência, promovendo o respeito pela sua dignidade inerente” (BRASIL, 2009, p. 3) e assegura que os “Estados Partes reconhecerão que as pessoas com deficiência gozam de capacidade legal em igualdade de condições com as demais pessoas em todos os aspectos da vida” (BRASIL, 2009, p. 7).

¹¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0591.htm>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹³ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30822-6-maio-1952-339476-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹⁴ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/ConvIntElimTodForDiscRac.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4377.htm>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹⁶ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

Em relação ao direito civil e de família, mudanças significativas também foram efetivadas, principalmente em relação aos limites do papel do curador¹⁹ da pessoa com deficiência, que passa a atuar de acordo com a necessidade de sua intervenção, mediante sentença proferida pelo juízo competente. É importante destacar que, com as modificações apresentadas pelo Estatuto, a incapacidade civil absoluta passou a se restringir apenas aos menores de 16 anos, ou seja, o novo critério adotado se refere exclusivamente à idade e não mais inclui a deficiência, como ocorria anteriormente, em conformidade com o que defende a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.

Nessa perspectiva, para a compreensão das mudanças profundas empreendidas ao longo da história e que resultaram em conquistas importantes para as pessoas com deficiência, como a Convenção da ONU e o Estatuto, Piovesan (2013) apresenta o processo de construção dos direitos humanos desses sujeitos em quatro fases: a) intolerância: a deficiência representa a impureza e o castigo divino; b) invisibilidade: tanto a deficiência relativa quanto a absoluta é tida como algo natural; c) assistencialismo: sustentado nos conceitos médicos e biológicos de que a deficiência é uma doença e, como tal, deve ser curada, sendo o foco centrado no sujeito, portador da enfermidade; e d) inclusão: trata da relação entre a pessoa com deficiência e o meio no qual ela está inserida, bem como da necessidade de eliminar as barreiras culturais, físicas ou sociais existentes na sociedade que impossibilitam o pleno exercício dos direitos humanos.

Com vistas aos estereótipos e estigmas sociais enfrentados pelas pessoas com deficiência no transcorrer da história, foi necessária, conforme destaca Piovesan (2013), a criação de convenções internacionais para que os países signatários assegurem, promovam e protejam o pleno e igualitário exercício dos direitos humanos e das liberdades fundamentais de todas as pessoas com deficiência. Assim, Piovesan (2013) defende que a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e seu Protocolo Facultativo emerge, na comunidade internacional, como resposta à exclusão e à discriminação das pessoas com deficiência.

¹⁹ Pode ser curador, o cônjuge ou companheiro do interditado. São curadores legítimos o pai ou a mãe. Na falta destes, o parente mais próximo ou qualquer outra pessoa nomeada que se responsabilize perante o juiz pela pessoa do interditado. Os pais podem indicar em testamento o curador de sua preferência. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2013/02/interdicao-da-pessoa-com-deficiencia-intelectual-tutela-e-curatela/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

3.1 Sujeito com deficiência

Na década de 1950 (subsequente à DUDH), associações foram constituídas, no Brasil, em prol das pessoas com deficiência. No entanto, a década de 1980 se destacou pela intensificação dos movimentos sociais em defesa da igualdade desses sujeitos. Em 1981, ao reconhecer a responsabilidade dos governos em tratar com igualdade as pessoas com deficiência, a ONU instituiu o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, que é considerado de grande importância na abordagem do tema deficiência pelos organismos internacionais. No Brasil, esses êxitos repercutiram no processo de redemocratização do país e foram incorporados à Constituição Federal. Segundo Sasaki (2010), a intervenção dos movimentos sociais no texto constitucional foi decisiva para a conquista de direitos e garantias para essa parcela da população.

Retornando ao cenário mundial, em 2006, as conquistas empreendidas pelas pessoas com deficiência resultaram na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo da ONU, que se apresenta, no Brasil, até o momento, como o único tratado internacional de direitos humanos aprovado com prerrogativa de emenda constitucional, pelo Decreto Legislativo nº 186, de 2008, e com sua promulgação efetivada pelo Decreto nº 6.949, de 2009. Vale destacar que a Convenção, como parte da Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 8º, trata especificamente da importância da conscientização como estratégia de rompimento das barreiras comunicacionais que dificultam a ação:

1. Os Estados Partes se comprometem a adotar medidas imediatas, efetivas e apropriadas para: a) Conscientizar toda a sociedade, inclusive as famílias, sobre as condições das pessoas com deficiência e fomentar o respeito pelos direitos e pela dignidade das pessoas com deficiência; b) Combater estereótipos, preconceitos e práticas nocivas em relação a pessoas com deficiência, inclusive aqueles relacionados a sexo e idade, em todas as áreas da vida; c) Promover a conscientização sobre as capacidades e contribuições das pessoas com deficiência.
2. As medidas para esse fim incluem: a) Lançar e dar continuidade a efetivas campanhas de conscientização públicas, destinadas a: I) Favorecer atitude receptiva em relação aos direitos das pessoas com deficiência; II) Promover percepção positiva e maior consciência social em relação às pessoas com deficiência; III) Promover o reconhecimento das habilidades, dos méritos e das capacidades das pessoas com deficiência e de sua contribuição ao local de trabalho e ao mercado laboral; b) Fomentar em todos os níveis do sistema educacional, incluindo neles todas as crianças desde tenra idade, uma atitude de respeito para com os direitos das pessoas com deficiência; c) Incentivar todos os órgãos da mídia a retratar as pessoas com deficiência de maneira compatível com o propósito da presente Convenção; d) Promover programas de formação sobre

sensibilização a respeito das pessoas com deficiência e sobre os direitos das pessoas com deficiência (BRASIL, 2009, p. 5).

Como um dos pilares deste trabalho, salienta-se, principalmente, o conteúdo apresentado no item 2, alínea c, no qual os Estados Partes da Convenção se comprometem a adotar medidas imediatas, efetivas e apropriadas, em relação aos países signatários, para que passem a “incentivar todos os órgãos da mídia a retratar as pessoas com deficiência de maneira compatível com o propósito da presente Convenção” (BRASIL, 2009, p. 6). Em decorrência dessa Convenção e de sua incorporação ao ordenamento jurídico brasileiro foi concebido, em 2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência. Esse Estatuto objetiva assegurar e promover a inclusão social e a cidadania, em igualdade de condições e direitos, com a equiparação de oportunidades, autonomia e acessibilidade a essa importante e significativa parcela da população brasileira.

Diversos codinomes pejorativos (“defeituosos”, “aleijados”, “inválidos” e “incapazes”) já foram atribuídos aos sujeitos com deficiência. No entanto, ao se organizarem em movimentos sociais, motivados por perspectivas internacionais, passaram a ser designados “pessoas deficientes”, “pessoas portadoras de deficiência”, como aparece no texto constitucional. A expressão “pessoa com deficiência”, embasada no modelo social, ganhou notoriedade com a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.

Segundo a Escola de Gente (2004), o modelo médico defende que a deficiência deve ser combatida com tratamentos na área da saúde. Já o modelo social, que predomina no dispositivo de inclusão investigado por esta pesquisa, considera que grande parte dos problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência está no modo como a sociedade lida com o tema. Nessa perspectiva, para BAMPI et al. (2010), o modelo social emergiu no Reino Unido, na década de 1960, em contraposição ao modelo médico dominante, e transformou a compreensão acerca da deficiência, atribuindo a culpa da desigualdade à sociedade e não ao sujeito com deficiência.

Em oposição à expressão “pessoa portadora”, inerente ao modelo médico, “pessoa com deficiência” humaniza a denominação. É também uma tentativa de reduzir os estereótipos e os estigmas causados pela deficiência. Santos (2011) destaca a importância dos estudos, das discussões e dos encontros internacionais para as conquistas referentes à inclusão social e à diversidade. Também destaca o papel dos movimentos sociais na sensibilização dos poderes públicos para as questões relativas aos sujeitos com deficiência.

Há muito já se deu conta de que as lutas econômicas e sociais transbordam para o campo da cultura, da produção e circulação de sentidos, o que indica que os processos comunicacionais são elementos constitutivos do imaginário social e contribuem para a disseminação de ideias acerca daquilo que nas sociedades pode ser considerado certo ou errado, bom ou ruim, desejável ou indesejável (MENDONÇA, 2009, p. 14).

Já Sasaki (2003) destaca que a construção de uma verdadeira sociedade inclusiva está atrelada, também, ao cuidado com a linguagem, ao passo que, por meio dela, expressa-se, voluntaria ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação. Ao se falar de linguagem, faz-se necessário remeter ao objeto de estudo desta investigação científica: o filme “Colegas”, já que para Metz (2014, p. 64) “o cinema é uma linguagem antes de qualquer efeito especial de montagem. Não é por ser uma linguagem que o cinema pode nos contar tão belas histórias, é porque ele nos contou tão belas histórias que se tornou uma linguagem”.

Nessa perspectiva, o cinema está imbuído de uma linguagem que alcança o grande público e, portanto, precisa estar calcado em princípios éticos e morais que contribuam para eliminar os estereótipos e estigmas sociais. Partindo das conquistas empreendidas pelas pessoas com deficiência, de um modo amplo, adentra-se, na sequência, a uma abordagem mais específica sobre a SD.

3.1.1 Sujeito com Síndrome de *Down*

A SD é uma deficiência ocasionada pela existência de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células durante a formação do bebê. Trata-se da alteração cromossômica mais comum em humanos e a principal causa de deficiência intelectual na população. As pessoas com SD, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. A presença do cromossomo 21 extra na constituição genética determina características físicas específicas²⁰. O termo síndrome significa um conjunto de sinais e sintomas e *Down* designa o sobrenome do médico e pesquisador que primeiro descreveu a associação dos sinais característicos da pessoa com SD (BRASIL, 2013, p. 9).

É importante destacar que não se trata de uma doença e sim de uma condição genética. Doenças, em geral, demandam tratamentos medicamentosos. No entanto, as pessoas com SD até usam remédios, mas apenas quando estão doentes, assim como os demais sujeitos sociais. A ideia de combater a deficiência com medicamentos foi propagada na sociedade pelo modelo

²⁰ Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>>. Acesso em: 18 out. 2018c.

médico, mas veemente refutada pelo modelo social, ambos abordados anteriormente. As pessoas com SD, quando estimuladas adequadamente, têm potencial para uma vida saudável e plena inclusão social. No Brasil, nasce uma criança com essa condição genética, em média, a cada 700 nascimentos, independente de etnia, gênero ou classe social. As crianças, os jovens e os adultos com SD podem ter algumas características semelhantes e estarem sujeitos a uma maior incidência de doenças, mas apresentam personalidades e características diferentes e únicas²¹.

Ainda há pessoas que utilizam o termo “mongoloide” para se referir ao sujeito com SD. Essa expressão foi cunhada pela comunidade científica de séculos atrás, em razão dos traços fisionômicos da pessoa com *Down*, notadamente pelo fato do formato dos seus olhos se assemelharem aos do povo da Mongólia (BRASIL, 2013). No entanto, essa terminologia é considerada preconceituosa, neste momento histórico, e a expressão mais adequada a ser utilizada é pessoa com síndrome de *Down*. Não há registros relacionados à SD antes do século XIX. Essas características foram oficialmente apresentadas à comunidade científica, pela primeira vez, em 1846, por Edouard Onesimus Seguin, mas não havia estudos publicados que caracterizavam uma pesquisa. O médico britânico John Langdon Down foi o primeiro a descrever a síndrome, em 1866 (BRASIL, 2013).

Durante o período que antecedeu a identificação da alteração cromossômica, os pacientes foram rejeitados e mantidos sob regime hospitalar, em condições precárias. Segundo Foucault (2014), os processos disciplinares, nos séculos XVII e XVIII, assumiram a fórmula geral de dominação exercida em diversos espaços, como nos hospitais, nas escolas, nas organizações militares, na família, entre outras instituições. Desse modo, o controle do espaço, do tempo e dos movimentos foi submetido ao olhar vigilante que se introjetou no próprio indivíduo do século XIX, imerso em uma sociedade moderna, industrial e capitalista. Dessa forma, o panoptismo (estrutura na qual tudo pode ser observado a partir de um ponto central) manifesta-se nos mais simples níveis de funcionamento da vida cotidiana, o que explica, entre outras questões, o apartamento das pessoas com *Down* do convívio social.

Em 1959, quase cem anos após a descrição da síndrome, realizada pelo médico britânico, sua causa genética foi descoberta pelo professor Jérôme Lejeune, que identificou uma cópia extra do cromossomo 21, determinando a causa do “mongolismo”, como sendo, na verdade, a trissomia do cromossomo 21 (BRASIL, 2013). Trata-se da primeira alteração cromossômica detectada na espécie humana e, na década de 1960, essa descoberta marcou o

²¹ Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>>. Acesso em: 18 out. 2018c.

início de uma nova fase dos estudos científicos a respeito da síndrome. Nessa mesma década, a denominação passou de “mongolismo” para síndrome de *Down*, termo incorporado à sociedade americana nos anos de 1970.

Até a década de 1990, os sujeitos com *Down* tinham uma baixa expectativa de vida, pois se acreditava que não era possível um tratamento para SD, por se referir a uma ocorrência genética, e os investimentos em pesquisas, no mundo, eram e ainda são escassos quando comparados a outras deficiências²². Ainda assim, a última década do século XX demarcou o terceiro período da história da síndrome, com a incorporação dos princípios da igualdade de direitos defendidos, no Brasil, pela Constituição Federal de 1988. Teve início, assim, a fase do interesse científico aliado ao interesse educacional.

Já no início deste século, o processo de inclusão se intensificou, como já mencionado, com a aprovação da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo²³, em 2006, e com a posterior incorporação desse documento ao ordenamento jurídico brasileiro, que resultou, em 2015, no Estatuto da Pessoa com Deficiência²⁴. Também em 2006, a ONU instituiu o dia 21 de março para se pensar e discutir a SD e, desde então, passou-se a comemorar o Dia Internacional da Síndrome de *Down*. A data remete à luta pela inclusão social desses sujeitos, com o objetivo de dar ampla visibilidade aos seus direitos e combater o preconceito que atinge fortemente esse segmento da população.

É importante salientar que a escolha dessa data não se deu ao acaso, já que a SD é uma alteração genética no cromossomo 21, que deve ser formado por um par, mas que, no caso das pessoas com a síndrome, aparece com 3 exemplares (trissomia)²⁵. Com base nesse panorama de conquistas dos sujeitos com SD, a marginalização passa, gradativamente, a ceder espaço à humanização. No entanto, a mudança cultural, com respeito à diversidade, é um processo lento e a inclusão, como prática social, ainda se encontra em estágio inicial.

[...] nos últimos 20 anos, pessoas sem a síndrome tiveram um ganho de sobrevida de dez anos, isto é, a expectativa de vida passou de 60 para 70 anos. Nesse mesmo período, a sobrevida na população com Síndrome de *Down* foi de 25, 30 anos para 60, 65 anos. Portanto, elas ganharam 30 anos de sobrevida com qualidade graças à atenção

²² Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2013/01/pesquisas-sobre-sindrome-de-down-no-mundo/>>. Acesso em: 20 out. 2018d.

²³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

²⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

²⁵ Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2015/03/21-de-marco-dia-internacional-da-sindrome-de-down/>>. Acesso em: 20 out. 2018f.

médica e da família que passaram a receber (MUSTACCHI, 2012, (informação verbal))²⁶.

Além de viverem poucos anos, as pessoas com *Down* eram afastadas do convívio social e familiar. No entanto, somado aos aspectos já elencados por Mustacchi (2012), ao estimular, de modo precoce, o desenvolvimento das potencialidades das crianças com *Down*, a expectativa de vida aumentou consideravelmente. Para Bartalotti (2004), as especificidades das pessoas com SD devem ser consideradas e conhecidas pelos profissionais que com elas lidam, de forma a otimizar o processo de ensino e aprendizagem, a fim de propiciar o desenvolvimento desses sujeitos em direção à independência e à autodeterminação.

Quando chega a hora de ir para a escola, a pergunta é: que tipo de escola? As escolas especiais têm pertinência para casos muito delicados de autocomprometimento que exijam a atuação profissional especializada. A grande maioria, porém, deve ser matriculada numa escola comum, porque crianças com *Down* têm potencialidades que precisam ser trabalhadas. O que não pode ser exigido delas em sala de aula é que tenham capacitação didática igual a das outras crianças. Não se deve esperar que aprendam exponenciais e frações, por exemplo. O enfoque deve estar na socialização e na oportunidade de serem alfabetizadas. O mais importante é cobrar-lhes situações de vida comum, de vida social a fim de habilitá-las para o convívio com a sociedade. Assim, sairão fortalecidas e por si só alcançarão situações sociais de lazer, de trabalho, de amor, de carinho, e estabelecerão vínculos sociais. Não podemos marginalizar essas crianças. Marginalizar significa colocar para fora, excluir e a intenção hoje é incluí-las num contexto de convivência. Nós, os mais velhos, ainda carregamos muitos preconceitos, porque não tivemos a oportunidade de conviver com pessoas com *Down* na escola (MUSTACCHI, 2012, (informação verbal))²⁷.

Na prática, esses sujeitos podem frequentar dois tipos de escola: especial e inclusiva. Na especial, não existem alunos sem deficiência; já na inclusiva, todos os alunos com e sem deficiência têm a oportunidade de conviverem e aprenderem juntos, de modo a eliminar obstáculos que limitam a aprendizagem e a participação discente no processo educativo. Em geral, o aluno com deficiência está matriculado na escola regular, mas, dependendo da sua necessidade, pode precisar frequentar também uma escola especial para ter atendimento educacional especializado, pois a maioria das escolas regulares do país não estão preparadas para receberem e ensinarem os alunos com deficiência, devido a problemas de infraestrutura e formação profissional da equipe.

A presença de um aluno com deficiência intelectual em uma sala de aula regular tende a causar em muitos membros da equipe escolar (professores, diretores, coordenadores e outros

²⁶ Entrevista concedida por Mustacchi (2012). Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/sindrome-de-down-2/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

²⁷ Entrevista concedida por Mustacchi (2012). Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/sindrome-de-down-2/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

auxiliares) inquietações quanto à viabilidade de seu ensino e permanência entre os “normais”. Tais inquietações residem nos estereótipos cristalizados na história e que precisam ser desconstruídos para se adequar à nova realidade, que inclui educação para todos, respeitando, porém, as necessidades de cada sujeito.

Vencido esse obstáculo, “família, escola e sociedade precisam caminhar juntas na defesa da inclusão efetiva para que a entrada no mercado de trabalho de pessoas com síndrome de *Down* possa se tornar uma realidade para todos” (MOVIMENTO *DOWN*, 2018a). Trata-se de enunciados a serem tecidos na rede de integralidade do *Down*, com vistas a transpor as barreiras em prol da inclusão. Para que se possa, de fato, iniciar um movimento de inclusão social alguns pressupostos são fundamentais, já que as barreiras comportamentais se caracterizam como poderosos meios de exclusão. Assim, foi concebida a Cartilha “10 coisas que todo mundo precisa saber sobre síndrome de *Down*”, com os seguintes conceitos (ALMEIDA et al., 2018)²⁸:

- 1- SD não é doença: a doença é um problema de saúde e as pessoas com deficiência, como as demais, por vezes adoecem, mas na maior parte do tempo estão saudáveis;
- 2- pessoas com SD não são todas iguais: todos os sujeitos têm características únicas, tanto genéticas, herdadas de seus familiares, quanto culturais, sociais e educacionais;
- 3- sujeitos com SD têm deficiência intelectual: deficiência intelectual não é o mesmo que deficiência mental²⁹, pois esta é um comprometimento de ordem psicológica;
- 4- as pessoas têm SD, não são portadoras de síndrome de *Down*: a deficiência é uma característica inerente à pessoa, não é algo que se pode deixar em casa, por isso o termo portador é inadequado;
- 5- a pessoa é um indivíduo. Ela não é a deficiência: sempre cite primeiro a pessoa e depois a deficiência, por isso o correto é pessoa com síndrome de *Down*;
- 6- sujeitos com SD têm opinião: eles podem se expressar como as demais pessoas;
- 7- pessoas com SD não devem ser tratadas como coitadinhas: elas se divertem, estudam, passeiam, trabalham, namoram como os demais sujeitos da sociedade;
- 8- de perto, ninguém é normal: não existem os “normais” e os “anormais”, as pessoas têm características diversas;

²⁸ Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Folder-Guia-para-jornalistas-arquivo-digital_bx.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

²⁹ Importante observar que o IBGE aborda a deficiência mental e intelectual como um grupo unificado, que, segundo dados da Cartilha do Censo 2010 - Pessoas com Deficiência representa 1,4% da população brasileira. No entanto, a ONU não as considera como sinônimas e emprega a terminologia deficiência intelectual para designar as pessoas com SD.

9- Direito constitucional à inclusão e cidadania: a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo foi incorporada à Constituição Federal;

10- Por que a terminologia é importante: para enfrentar preconceitos, estereótipos e promover a igualdade.

Esses 10 passos são fundamentais para conscientizar a sociedade acerca da importância de tratar o *Down* de modo adequado, pois o respeito às diferenças é um dos primeiros passos para uma sociedade que se propõe a ser inclusiva. O item 9, é um alerta para o fato de que, atualmente, os sujeitos com deficiência estão protegidos por um acordo internacional que mudou a concepção da deficiência no Brasil e no mundo. Nos demais itens, busca-se quebrar paradigmas, pois a maior parte da população ainda acredita que a SD é uma doença, que as pessoas com *Down* possuem as mesmas características e que não dispõem de opinião própria, entre diversos outros estereótipos arraigados no sistema social.

Destaca-se que as diferenças entre as pessoas com SD decorrem de aspectos genéticos individuais, intercorrências clínicas, nutrição, estimulação, educação, contexto familiar, social e meio ambiente. Em geral, elas têm muito mais semelhanças com os demais sujeitos da sociedade do que diferenças. Casarin (2003, p. 281) afirma que, "[...] apesar de haver uma tendência à uniformização, a pessoa com SD tem sua própria personalidade e se diferencia de outras pessoas".

4 CINEMA E INCLUSÃO SOCIAL

Inclusão social é um conceito que perpassa diversos campos do conhecimento e, como tal, deve ser pensada também sob seu aspecto imaterial. O cinema, como estética (obra de arte ou entretenimento de cunho cultural) e como mídia (meio de propagação de mensagens ao público), contribui para a construção do imaginário social, que se expressa por ideologias e, também, por símbolos, alegorias, rituais e mitos. É composto por um conjunto de relações imagéticas que operam como memória afetiva e social de uma cultura, uma essência ideológica mantida pela comunidade (MORAES, 2002). Logo, pensar a inclusão social nos remete ao campo do simbólico, que encontra no cinema um meio de grande relevância para auxiliar na concepção desses elementos que integram o tecido social e regulam as interações.

Para Metz (2014), o cinema consegue levar suas mensagens à sociedade com um tom de realidade, ainda que não o seja de fato, mas que psicologicamente implica essa acepção. Segundo o autor, o cinema possui credibilidade e seja o filme classificado ou não como realista, o irreal emerge como um acontecimento e não como algo inventado. Desse modo, o poder atualizador dos filmes remete tanto aos realistas quanto aos irrealistas, sendo que os primeiros se apresentam com a conotação de familiaridade que agrada o lado afetivo dos públicos que os prestigiam e os segundos, por sua vez, estimulam a imaginação desse grande público.

O cinema, frequentemente, apresenta temas e discussões muito atuais e pode ser utilizado como estratégia voltada à desmistificação de preconceitos, estigmas e estereótipos. Abordar o cinema sob essa perspectiva não significa colocar na ficção a obrigatoriedade de construção do real, que ela de fato não tem. No entanto, como afirma Metz (2014, p. 22) “no cinema, a impressão de realidade é também a realidade da impressão, a presença real do movimento”.

Sob esse ponto de vista e tendo a inclusão social como premissa, uma característica fundamental do cinema é o efeito que o universo diegético da produção fílmica causa no universo real do espectador. Segundo, Santos et al. (2016) a diegese refere-se à dimensão ficcional de uma narrativa, uma realidade presente no texto que se diferencia da realidade em que os espectadores estão inseridos. Em outras palavras, ainda que o cinema não pretenda representar a realidade, o movimento das suas imagens confere a ele uma aproximação com o imaginário social.

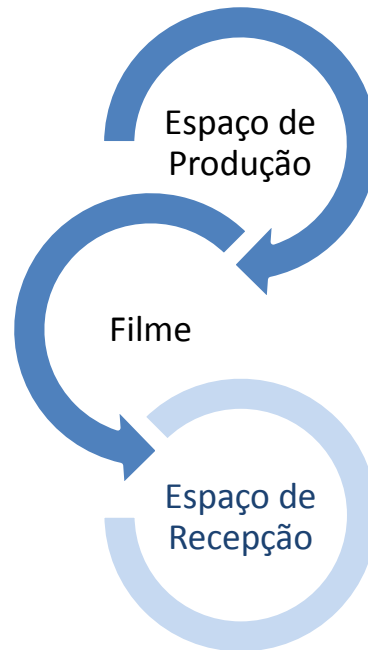
[...] devemos nos perguntar por que a impressão de realidade é tão mais forte diante de um filme do que diante de uma fotografia, como notaram tantos autores e como qualquer um pode verificar na experiência cotidiana. Há uma resposta que se impõe

de imediato: é o movimento (uma das maiores diferenças, sem dúvida a maior, entre o cinema e a fotografia), é o movimento que dá uma forte impressão de realidade. Afirmção que foi feita com frequência, mas não até as últimas consequências. “A conjunção da realidade do movimento e da aparência das formas motiva o sentimento da vida concreta e a percepção da realidade objetiva. As formas emprestam seu arcabouço objetivo aos movimentos e o movimento dá consistência às formas”, constata Edgar Morin em *Le cinema ou l’homme imaginaire*. Em relação à fotografia, o cinema traz, portanto, um índice de realidade suplementar (já que os espetáculos da vida real são móveis), traz também muito mais do que isso, como observa ainda Edgar Morin valendo-se da célebre análise da A. Michotte van den Berck: o movimento dá aos objetos uma ‘corporiedade’ e uma autonomia que sua efígie imóvel lhes subtrai, destaca-os da superfície plana a que estavam confinados, possibilita-lhes desprender-se melhor de um “fundo”, como “figuras; livre do seu suporte, o objeto se “substancializa”; o movimento traz o relevo e o relevo traz a vida. Teremos reconhecido aqui o “efeito estereocinético”, cuja importância para o cinema foi salientada por Cesare L. Musatti no seu artigo intitulado “Os fenômenos estereocinéticos e os efeitos estereoscópicos do cinema normal” (METZ, 2014, p. 19).

O cinema tem o potencial e a capacidade para contribuir com o desenvolvimento de um ser humano mais consciente e crítico em relação ao seu meio. O filme, quando constituído com base em um compromisso social, é uma oportunidade de incentivar pessoas a questionar, a repensar valores e outras convenções e a construir relações mais conscientes. Nessa perspectiva, contribui para a formação de sujeitos mais críticos e cientes das suas responsabilidades como cidadãos membros de uma sociedade economicamente desigual e pode ser visto como uma ponte que conecta pessoas de mundos tão separados e tão próximos ao mesmo tempo. Esse contato pode ser o ponto inicial para uma interação maior por meio do reconhecimento e da desmistificação do “outro”.

Nesta dissertação, dois espaços do cinema foram considerados: o primeiro é “[...] o fora de campo ‘anticlássico’, heterogêneo ao campo, pode ser definido como o espaço de produção (no sentido amplo da palavra)” (AUMONT et al., 2014, p. 26) e o segundo é o “campo”, ou seja, o filme. Já o terceiro, o espaço da recepção, não foi analisado, pois a inquietação que norteia esta investigação científica almeja compreender o modo como o sujeito com SD é construído no filme “Colegas”, de 2012, e não os sentidos manifestos nos espectadores a partir da narrativa.

Figura 2 - Processo de construção de sentido



Fonte: elaborada pela autora (2018).

Ao se pesquisar o espaço de produção, busca-se analisar a concepção de “Colegas” a partir do momento sócio-histórico em que o filme foi concebido (em sentido amplo, considera-se a composição desse momento a partir da DUDH e, progressivamente e mais especificamente, dos desdobramentos advindos dessa Declaração, que culminou na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo - grande marco na luta desses sujeitos), que tem como premissa a inclusão social, presente nos discursos governamentais, legislativos, das instituições que atuam em prol da causa das pessoas com SD, entre outros.

Como já mencionado, a diegese do filme não é a mesma do contexto histórico, ou seja, do “fora de campo”, mas a busca pela realidade não é o que se almeja com essa investigação e sim a influência que o “fora de campo” exerce na concepção de uma peça audiovisual que não foi criada em outro momento histórico porque não cabia no âmbito de realidades sociais anteriores, que escondiam as pessoas com SD do convívio social. Ainda que se tenha muito a conquistar em relação à inclusão social e por isso a importância de um estudo como este, as pessoas com deficiência, de um modo geral, e as com *Down*, em especial, eram relegadas ao anonimato, por meio de um tecido simbólico que separava os “normais” e os “anormais”.

Nos últimos anos, no entanto, esses sujeitos passaram, paulatinamente, a ser incluídos na sociedade, fato que, em teoria, pode ser compreendido com a passagem da sociedade

disciplinar, empregada por Foucault (2014), para a sociedade de controle, concebida por Deleuze (1992). Na sociedade disciplinar, o modelo panóptico é dominante, ou seja, as “autoridades” (pais, professores, patrões, médicos) estão de corpo presente e em tempo real a observar e a vigiar os que se encontram enclausurados sob esse regime de poder. Trata-se do momento em que as pessoas com SD eram apartadas do convívio social.

Já nas sociedades de controle, a vigilância se torna efêmera e virtual. Os espaços de arquitetura, típicos das sociedades disciplinares (casa, escola, igreja, quartel, prisão, hospital), dão lugar a uma espécie de antiarquitetura, que caracteriza as sociedades de controle. A ausência da arquitetura física é fruto de um processo em que se caminha para um mundo virtual. Constata-se que o rompimento com o enclausuramento físico das pessoas com SD associa-se a uma transposição dos espaços de dominação. Na sociedade de controle, o aspecto disciplinar não desaparece, apenas muda a atuação das instituições. Os dispositivos de poder, que ficam circunscritos aos espaços fechados dessas instituições, passam a adquirir total fluidez e a atuar em todas as esferas sociais, abolindo o confinamento outrora concebido como técnica principal.

4.1 Filme “Colegas”

“Colegas” é uma comédia que aborda a vida de um modo inocente, irreverente e poético por meio do olhar de três jovens com SD que adoram cinema. Os personagens Stalone, vivido por Ariel Goldenberg, Aninha, interpretada por Rita Pook, e Márcio, por Breno Viola, vivem juntos em um instituto para pessoas com SD. Certo dia, inspirados pelo filme “Thelma & Louise” (1991), eles resolveram fugir no Karmann-Ghia vermelho do jardineiro, Senhor Arlindo, interpretado por Lima Duarte, em busca de seus sonhos: Stalone quer conhecer o mar, Márcio deseja voar e Aninha procura um marido para se casar.

Eles partem do interior de São Paulo rumo a Buenos Aires, na Argentina. Nessa viagem, enquanto experimentam o prazer da liberdade, envolvem-se em inúmeras aventuras e confusões que conferem à trama a leveza de uma vida que parece ser uma eterna brincadeira. O filme se inicia com a narração do Senhor Arlindo, que conta como Stalone, Aninha e Márcio foram viver no instituto. Stalone, o líder da equipe (porque sabia dirigir), é cinéfilo e tem a ideia de roubar o carro do Senhor Arlindo.

Nessa aventura, Stalone também levou seus melhores amigos, Aninha e Márcio. Logo no início da viagem, eles avistaram um circo e decidiram parar. No local, fantasiaram-se e definiram a ordem com que os sonhos de cada um seriam realizados, sendo primeiro o de Stalone, segundo o de Aninha e terceiro o de Márcio. Em “Colegas”, os protagonistas estão na

mira de policiais atrapalhados e da imprensa, mas conseguem se safar de todas as situações e tornam-se assaltantes de postos de gasolina, lanchonetes, entre outros locais, utilizando armas de brinquedo. Os três passam a ser considerados bandidos armados e perigosos e ninguém tem coragem de enfrentá-los. Enquanto isso, eles seguem realizando, um a um, seus desejos.

O filme é composto por várias referências de outras obras cinematográficas, como “E o Vento Levou”, “Homens de Preto”, “*Pulp Fiction*”, “Cães de Aluguel”, “Jules e Jim - Uma Mulher para Dois”, “A Vida é Bela” e, até mesmo, “Psicose”. A trilha sonora principal é de Raul Seixas, cantor preferido dos protagonistas, devido à sua irreverência e poesia.

Da ficção ao real, o filme conta com roteiro, produção e direção de Marcelo Galvão, que redigiu a essência da trama em 2005, durante um voo, com o intuito de prestar uma homenagem ao tio dele, Márcio, que vivia no Rio de Janeiro em um instituto para pessoas com SD. “Colegas” foi gravado em 2011, ficou pronto em 2012 e estreou nos cinemas em março de 2013. Entre o roteiro e o início das gravações, passaram-se seis anos, já que o filme não tinha orçamento para ser produzido.

É inegável que “Colegas” emergiu em um contexto no qual o tema inclusão passou a compor, ainda que de modo incipiente, o discurso social e o ordenamento jurídico brasileiro, principalmente com a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Em décadas anteriores, nas quais as pessoas com SD eram suprimidas do convívio social, o tema contava com raras produções audiovisuais, tanto para o cinema quanto para a televisão, e, possivelmente, não alcançaria a repercussão que obteve no momento sócio-histórico em que foi produzido.

Rita Pokk e Ariel Goldenberg, que eram casados na vida real, no período de produção do filme, foram os primeiros a serem escolhidos pelo diretor. Goldenberg foi fundamental para a captação de recursos para o filme, por sua determinação e desejo que o roteiro saísse do papel e, de fato, tornasse-se um produto audiovisual. Breno Viola, um judoca faixa preta que viaja o mundo para competir, foi selecionado posteriormente, entre centenas de adolescentes, e é o personagem que na trama representa o tio de Galvão.

Goldenberg é fã do ator americano Sean Penn e inspirou a campanha “#vemseanpenn” nas redes sociais para chamar a atenção do ator e convidá-lo para o lançamento de “Colegas”. Essa campanha acabou se tornando uma peça publicitária para o filme, ao passo que despertou o interesse de diversas pessoas pela trama. Sean Penn não compareceu ao lançamento, mas tomou conhecimento do convite e Goldenberg foi visitar a casa dele em Los Angeles, nos Estados Unidos. Na ocasião, o ator americano presenteou o brasileiro com o certificado de indicação ao Oscar, de 2001, pelo filme “*I am Sam*”.

Quadro 1 – Dados do filme “Colegas”³⁰

| |
|---|
| <p>Roteiro, produção e direção: Marcelo Galvão</p> <p>Produtora: Estúdio Gatacine</p> <p>Protagonistas: Ariel Goldenberg, Breno Viola e Rita Pokk</p> <p>Patrocinadores: Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), Prefeitura Municipal de Paulínia, Petrobras, Neoenergia, AkzoNobel (fabricante holandesa de tintas, com filial no Brasil) e KSB (fabricante de bombas hidráulicas)</p> <p>Locais de gravação: Paulínia, Bertioga, Torres e Buenos Aires</p> <p>Estreia no cinema: março de 2013</p> <p>Destaque: Exibição na ONU, em 2013</p> |
|---|

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base em dados disponíveis no Blog “Colegas”, o filme.

Quadro 2 – Alguns prêmios recebidos³¹

(continua)

| |
|--|
| <p>40ª edição do Festival de Cinema de Gramado (Brasil)</p> <p>Prêmio de Melhor Longa-Metragem Brasileiro</p> <p>Prêmio de Melhor Direção de Arte</p> <p>Prêmio Especial do Júri aos Protagonistas</p> <p>Prêmio Jovem Brasileiro (Brasil)</p> <p>Categoria Entretenimento/Cinema</p> <p>36ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (Brasil)</p> <p>Melhor Filme Brasileiro (Prêmio do Público)</p> <p>Melhor Filme Brasileiro - Troféu Juventude (Prêmio do Público)</p> <p>Festival do Rio de Janeiro (Brasil)</p> <p>Seleção Oficial</p> <p>1º Festival de Cinema de Paulínia 2008 (Brasil)</p> <p>Prêmio de Melhor Roteiro</p> <p>Brafftv - Brazilian Film & Tv Festival of Toronto (Canadá)</p> <p>Prêmio de Melhor Ator para Ariel Goldenberg</p> <p>Prêmio de Melhor Diretor para Marcelo Galvão</p> <p>6º International Disability Film Festival Breaking Down Barriers (Rússia)</p> <p>Prêmio de Melhor Filme</p> <p>XXVII Festival de Cinema Latino-americano di Trieste (Itália)</p> <p>Prêmio do Público</p> <p>FESTin - 4º Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa (Portugal)</p> <p>Prêmio do Público</p> <p>Menção Honrosa do Júri</p> <p>Brazilian Film Festival of New York (EUA)</p> |
|--|

³⁰ Disponível em: <<https://blogcolegasofilme.com/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

³¹ Disponível em: <<https://blogcolegasofilme.com/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

Quadro 2 – Alguns prêmios recebidos³²

(conclusão)

Melhor Filme (Prêmio de Público)

Festival de Anápolis (GO)

Menção Honrosa para Ariel Goldenberg, Rita Pokk e Breno Viola

Melhor Direção, Melhor Roteiro e Melhor Edição para Marcelo Galvão

Melhor Trilha Sonora para Ed Côrtes

Diva Film Festival (Chile)

Melhor Direção para Marcelo Galvão

Melhor Direção de Arte para Zenor Ribas

Melhor Trilha Sonora para Ed Côrtes

Los Angeles Brazilian Film Festival (EUA)

Melhor Diretor para Marcelo Galvão

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base em dados disponíveis no Blog “Colegas”, o filme.

³² Disponível em: <<https://blogcolegasofilme.com/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

5 REFERENCIAL TEÓRICO - NOÇÃO DE DISPOSITIVO

Ao resgatar em Foucault (2015) a noção de dispositivo e trabalhá-la a partir da rede que instaura a inclusão social das pessoas com SD, esta pesquisa não vislumbra esgotar todos os discursos presentes na sociedade relativos ao tema, mas apresentar um conjunto de elementos que constituam o dispositivo de inclusão social no momento histórico em que o filme “Colegas” foi concebido. Para tanto, assim como apontam os estudos arqueológicos foucaultianos, faz-se necessário escavar as camadas sociais para compreender como as verdades acerca desse momento histórico emergiram no discurso social.

Porém, assim como defende o filósofo em sua fase genealógica, não se pretende, com isso, alcançar a gênese, ou seja, a origem do processo de inclusão, mas estudá-la a partir de dado momento que permite esboçar o contexto sócio-histórico no qual está inserido o ambiente de produção de “Colegas” e compreender a diegese do filme. Nessa perspectiva, pretende-se conceber o modo como o sujeito com SD foi construído nessa produção audiovisual. Assim como propõem os estudos foucaultianos, esta pesquisa almeja buscar caminhos, experimentar e encontrar elementos que ajudem a compreender o fenômeno da inclusão das pessoas com *Down*, já que “não se pode ler Foucault sem fazer em seus confrontos aquilo que ele mesmo fez com uma constância impressionante: apostas intelectuais” (COURTINE, 2013, p. 7).

Desse modo, a noção de dispositivo empregada por Foucault (2015) depende de uma visão mais ampla de seus estudos para compreendê-la em toda a sua dimensão. A aposta intelectual desta pesquisa é a de que o sujeito com SD é construído em “Colegas” com base no momento histórico em que foi produzido, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social. Assim, para pensar o dispositivo é preciso compreender, inicialmente, a arqueologia como procedimento, que é uma forma de interrogar, de indagar o porquê dos enunciados selecionados e não outros em seu lugar. Foucault (2008) concebe a arqueologia como a arte de cavar e esse modo de buscar compreender como os elementos se constituem é que constrói os sujeitos, ou seja, o procedimento possibilita entender como o fazer constrói o ser, que não está pronto e se constitui nesse fazer.

Foucault (2008) não pensa a história com começo, meio e fim, mas ele cava a história para saber como a camada de cima se cristalizou. Nessa fase, foca-se em compreender como determinados saberes foram incorporados pela sociedade e não outros, uma vez que são esses saberes circulantes que constroem os sujeitos. A noção de dispositivo trouxe o elemento do poder para os estudos foucaultianos, mas a fase arqueológica e a genealógica estão imbricadas, pois uma não substitui a outra, ao contrário, somam-se, agregam valor. Como já mencionado,

a genealogia se propõe a fazer outro exercício, que não é o da gênese, mas o de estabelecer um recorte temporal de quando um enunciado se instalou.

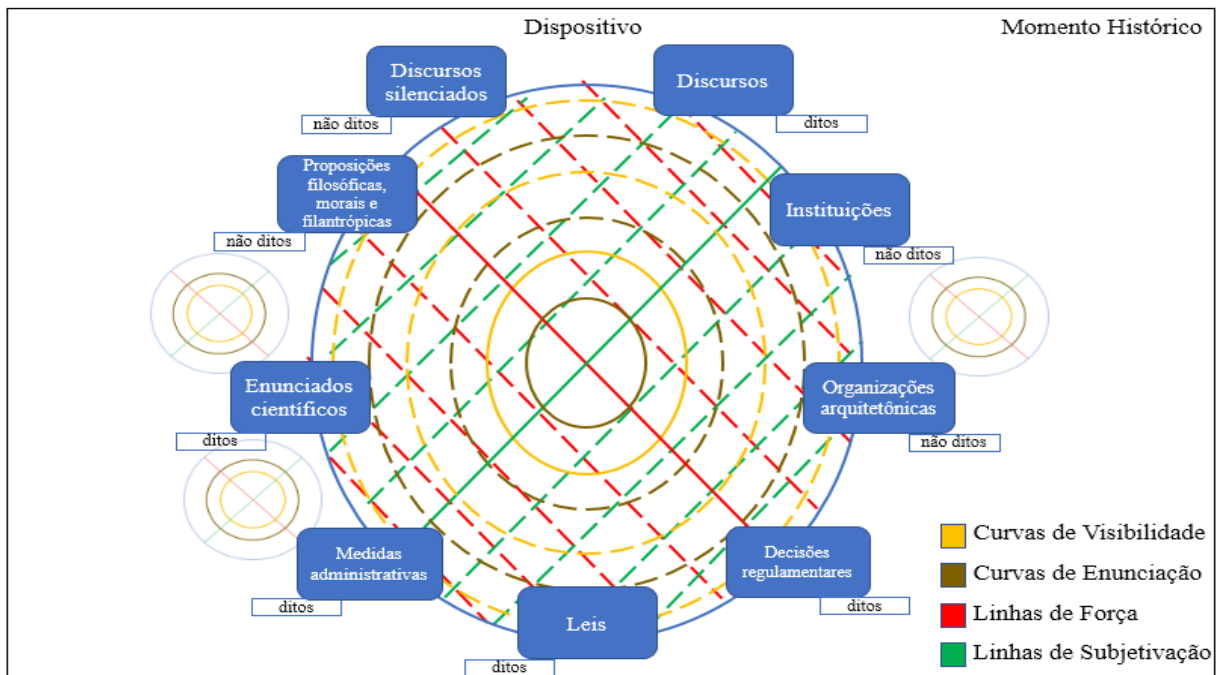
No caso deste trabalho, as raízes para se compreender o dispositivo de inclusão social no momento da concepção do filme “Colegas” partiu da DUDH, de 1948, que progressivamente disseminou seus pressupostos para a sociedade global e, por consequência, para a brasileira, culminando, em conjunto com outros enunciados relevantes que emergiram neste lapso temporal, como já mencionado, na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, de 2006, que é considerada o grande marco das conquistas empreendidas pelas pessoas com deficiência. Nessa perspectiva, o conceito de dispositivo torna-se central neste trabalho, pois o discurso, na visão foucaultiana, deve ser compreendido a partir dele. Para Foucault (2015) dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2015, p. 364).

O dispositivo se esculpe em redes que justapõem sujeitos, leis, discursos, instituições, entre outros elementos, em determinado momento histórico, e que estão intimamente relacionadas ao poder e à produção de saber. Essa concepção se concretiza na medida em que cada pessoa que se confronta com os componentes de subjetivação, que circulam na sociedade, também os emite. Com isso, esses componentes ganham relevância social e se atualizam na vida de cada sujeito. A subjetividade é sensível a mudanças, por meio de diversos elementos que perpassam o cotidiano.

[...] no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. Por isso, as três grandes instâncias que Foucault vai sucessivamente distinguir, Saber, Poder e Subjetividade, não possuem contornos definidos de uma vez por todas; são antes cadeias de variáveis que se destacam uma das outras (DELEUZE, 1996, p. 1).

Figura 3 - Recorte simplificado do dispositivo de Foucault (2015) e de Deleuze (1996)



Fonte: elaborada pela autora (2018) com base na noção de dispositivo de Foucault (2015) e de Deleuze (1996).

Ao tratar do dispositivo, Deleuze (1996) assegura que Foucault considerava que embora existam linhas de sedimentação, também há linhas flexíveis, maleáveis, que em determinados momentos se aproximam, em outros se afastam e esses movimentos podem ocasionar fissuras, fraturas. Essa dinâmica das linhas reconfigura os saberes, os poderes, as subjetividades, os sujeitos, os discursos e as verdades. O dispositivo é uma noção que engloba, em sua definição, as múltiplas relações de poder e de seu exercício nos diversos domínios da realidade social.

Ainda que o conceito de dispositivo não tenha sido explorado por Foucault, sua compreensão é fundamental para a percepção das dinâmicas da sociedade contemporânea. Segundo Agamben (2009, p. 29) “o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de saber”. A noção de dispositivo surgiu na obra de Foucault na passagem da arqueologia do saber para a genealogia do poder, motivado por um propósito teórico e epistemológico. Vale destacar que, neste trabalho, a relação de saber-poder do dispositivo de inclusão social se operacionaliza na imbricação entre o campo discursivo fílmico e o espaço de produção de “Colegas”, fruto do momento histórico no qual a trama foi concebida.

Na verdade, a noção de dispositivo substitui pouco a pouco aquela de episteme, empregada por Foucault, de um modo absolutamente particular, em *As palavras e as coisas* e até o final dos anos 60. Com efeito, a episteme é um dispositivo especificamente discursivo, enquanto o "dispositivo", no sentido que Foucault

explorará dez anos mais tarde, contém igualmente instituições e práticas, isto é, "todo o social não discursivo" (REVEL, 2005, p. 40).

Foucault (2008), ao conceber a arqueologia do saber, interessava-se por certas práticas discursivas de determinados campos do saber que buscavam produzir as subjetividades e construir os sujeitos. O dispositivo é uma noção que Foucault (2015) compõe na genealogia do poder, quando ele inicia uma nova problemática de pesquisa centrada na preocupação do saber em suas relações com o poder, e que ultrapassa as práticas discursivas, ou seja, aquilo que os homens dizem e representam por meio da linguagem, abarcando, também, aquilo que os homens fazem. Desse modo, desvendar a subjetivação e compreender os “ditos” e os “não ditos” que constituem o dispositivo, no transcorrer da história, é uma característica fundamental em seus estudos.

Com isso, constata-se que o dispositivo é considerado uma prática mais geral do que a episteme e é compreendido como arranjos de poder presentes em relações dispersas no cotidiano, possibilitando afirmações, negações e teorias que podem ser identificadas nas práticas discursivas. É importante entender como os regimes de verdade e as práticas formaram esse dispositivo, em outras palavras, cava-se justamente para compreender os procedimentos que constituíram as verdades do momento histórico em análise.

Também é preciso conceber que os dispositivos não são estanques, ao contrário, circulam, e que os discursos que emergem das relações entre os sujeitos produzem novos regimes de verdade em dados momentos, resultando em novos dispositivos. Como o dispositivo atravessa todas as coisas e estabelece uma rede de conexão com diferentes formações discursivas, busca-se entender em que ele consiste e como se relaciona com a construção do sujeito com SD no filme “Colegas”. Com vistas a estabelecer o mapa do caminho a ser percorrido, faz-se uma reflexão sobre o dispositivo, a partir das obras de Foucault (2015) e de Deleuze (1996).

Deleuze (1996) procura conferir materialidade ao dispositivo e, para tanto, aponta uma perspectiva analítica para constituí-lo, pois sua estrutura consiste em um conjunto multilinear de linhas que entram na composição de uma rede que será tecida no transcorrer da análise. Ao mapear o dispositivo é possível observar, em sua formação, curvas de visibilidade e de enunciação e linhas de força e de subjetivação. Desse modo, buscou-se estruturar a investigação sobre o dispositivo de inclusão social de maneira a identificar a existência das dimensões do saber-poder-subjetividade estruturadas na compreensão dos objetos visíveis, dos enunciados formuláveis, das forças em exercício e dos sujeitos.

Considera-se que a emergência da inclusão e dos diversos elementos que circundam o dispositivo apontam, segundo Foucault (2015), para um tipo de concepção que, em um momento histórico específico, buscou responder a uma urgência histórica. Por sua vez, as associações que se processaram a partir dessa urgência criaram também as condições de sua permanência, com o intuito de obter um efeito, gerir e governar os homens, produzir um sujeito. Ao se propor a analisar o dispositivo de inclusão social, é fundamental ter sempre em mente se o dispositivo de fato está mudando ou se está apenas se rearranjando como estratégia de manter a governança sobre os sujeitos.

Nessa perspectiva, um dos objetivos específicos proposto neste estudo é tecer a rede do dispositivo de inclusão social, a partir das curvas de visibilidade e das curvas de enunciação, das linhas de força e das linhas de subjetivação, propostas por Deleuze (1996) e presentes no filme em análise. Além disso, os outros objetivos específicos desta dissertação consistem em investigar o dispositivo de inclusão social a partir dos discursos circulantes no momento histórico da produção do filme e identificar as categorias constitutivas do sujeito com síndrome de *Down* em “Colegas”.

Desse modo, no trajeto analítico investiga-se a inclusão social a partir da leitura do filme selecionado como objeto de estudo desta investigação científica, considerando-o como acontecimento discursivo que emerge no presente, com vistas a responder à questão-problema: “como o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme ‘Colegas’, de 2012?”. A seguir, apresentam-se as já mencionadas curvas e linhas, operacionalizadas por Deleuze (1996), que compõem o dispositivo.

5.1 Curvas de visibilidade

Para Deleuze (1996), a visibilidade abarca a dimensão dos “não ditos” e é composta por uma linha de luz que leva às formas variáveis, ou seja, cada dispositivo tem um regime de luz específico que define o que é visível ou invisível. Apenas a luz possibilita as curvas de visibilidade e, por isso, são denominadas de “máquinas de fazer ver”.

5.2 Curvas de enunciação

As curvas de enunciação, segundo Deleuze (1996), compõem a dimensão dos “ditos”, dos enunciados. São as “máquinas de fazer falar”.

Remetem para linhas de enunciação sobre as quais se distribuem as posições diferenciais dos seus elementos. E, se as curvas são elas próprias enunciadas, é porque as enunciações são curvas que distribuem variáveis, e, assim, uma ciência, num dado momento, ou um gênero literário, ou um estado de direito, ou um movimento social, são definidos precisamente pelos regimes de enunciados a que dão origem. Não são nem sujeitos nem objetos, mas regimes que é necessário definir pelo visível e pelo enunciável, com suas derivações, as suas transformações, as suas mutações. E em cada dispositivo as linhas atravessam limiares em função dos quais são estéticas, científicas, políticas, etc (DELEUZE, 1996, p. 1).

5.3 Linhas de força

As linhas de força (poder-saber) estão em exercício no dispositivo. São linhas em movimento que atravessam as curvas de enunciação e de visibilidade e tangenciam as coisas e as palavras. “A linha de forças produz-se em toda a relação de um ponto a outro e passa por todos os lugares de um dispositivo” (DELEUZE, 1996, p. 1). Essa é a dimensão do poder articulado com o saber.

5.4 Linhas de subjetivação

Para Deleuze (1996), as linhas de subjetivação, ou seja, as linhas de produção dos sujeitos são fruto de uma crise no pensamento de Foucault. Essas linhas estão em processo de construção no dispositivo e consistem em um sistema de individuação relacionado aos grupos ou às pessoas que escapam às forças estabelecidas e aos saberes constituídos. “Não é certo que todo dispositivo disponha de um processo semelhante” (DELEUZE, 1996, p. 2). Assim, os sujeitos são construídos a partir dos discursos e das práticas sociais do dispositivo presente em um determinado momento histórico.

5.5 Dispositivo de inclusão social da pessoa com síndrome de *Down*

Com base nos estudos foucaultianos, esta pesquisa não almeja abarcar totalidades, mas escavar as camadas sociais, como pressupõem os procedimentos arqueológicos, e buscar compreender as curvas de visibilidade e de enunciação e as linhas de força e de subjetivação

que resultaram no dispositivo de inclusão social e, como sugerem os estudos genealógicos, a delimitação temporal não tem como propósito a gênese, ou seja, a origem da noção de inclusão, mas tem como marco da difusão desse ideal a DUDH, da qual o Brasil é signatário.

Para tanto, na sequência, apresentam-se alguns dos “não ditos” e “ditos” que constituem o dispositivo de inclusão social. É importante frisar que se trata de um rol exemplificativo e não exaustivo de discursos e práticas sociais. Destaca-se, ainda, que os “ditos” e os “não ditos” estão imbricados, intimamente relacionados na rede que tece os elementos do dispositivo, e que a opção, nesta investigação, em apresentá-los em separado é apenas exemplificativa e didática, de modo a clarificar a compreensão acerca do dispositivo de inclusão social, tendo em vista a complexidade que abarca essa noção nos estudos de Foucault (2015).

5.5.1 “Não ditos”

A seguir, expõe-se um rol exemplificativo dos elementos que compõem os “não ditos” do dispositivo de inclusão social, em especial dos sujeitos com SD (instituições, proposições filosóficas, morais e filantrópicas e organizações arquitetônicas). No rol dos “não ditos”, também se mostram alguns discursos silenciados no transcorrer da histórica e que deram lugar a outros. Destaca-se que devido às lutas e conquistas conjuntas das pessoas com deficiência, por vezes apresentam-se exemplos de “não ditos” que englobam a deficiência de um modo amplo, quando relevante para a pesquisa em processo. De todo modo, sempre que possível, priorizou-se, no rol apresentado abaixo, os “não ditos” focados na SD.



5.5.1.1 *Discursos Silenciados*

Os discursos silenciados são os que deixaram de ser ditos ou passaram a ser considerados incorretos, dando lugar a outros, já que o dispositivo não apenas promove a enunciação, mas também ensina como falar e concebe termos que podem ou não ser utilizados em dado momento histórico. Com isso, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo procurou silenciar o discurso proferido, por exemplo, pelo modelo médico que atribui a deficiência como um problema do portador, em contraposição ao modelo social, ratificado pela referida Convenção, no qual a adversidade, em relação à deficiência, encontra-se na sociedade, que conta com obstáculos para a inclusão social.

Também é importante salientar que as pessoas com deficiência, em especial as com SD, sempre integraram uma minoria silenciada, escondida pela família e apartada do convívio

social. Atualmente, ainda que de modo incipiente, essa realidade está sendo modificada, pois esses sujeitos passaram a fazer parte do convívio social, as famílias deixaram de escondê-los e as escolas, aos poucos, vão experimentando tê-los como parte da vivência estudantil, ainda que muito se tenha a progredir. Fato é que os sujeitos com SD iniciaram um processo de enunciação em busca de espaço na sociedade e para tanto, fez-se necessário travar uma batalha contra os discursos estereotipados, que os inferiorizam, em lugar de outros que pressupõem práticas inclusivas.

Figura 4 - Termos adequados e inadequados para se referir às pessoas com SD³³

|  NÃO USE |  USE |
|---|--|
| Deficiente, inválido, doente e excepcional | Pessoa com deficiência |
| Portador de síndrome de Down, retardado, portador de retardamento mental | Pessoa com síndrome de Down |
| Doença genética | Condição genética |
| Pessoa especial, com necessidades especiais | Necessidades específicas |
| Trabalhadores com deficiência são melhores, pessoas com síndrome de Down são anjos, ingênuos e carinhosos | Evite estereótipos |
| Defeituoso, condenado, erro genético e anomalia | Palavras positivas ou neutras |
| O risco de ter uma criança com síndrome de Down | A probabilidade / as chances de ter uma criança com síndrome de Down |

Fonte: Cartilha “10 coisas que todo mundo precisa saber sobre síndrome de Down”, do Movimento Down, escrita por Almeida et al. (2018, p. 2).

³³ Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Folder-Guia-para-jornalistas-arquivo-digital_bx.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

Ratificando o já mencionado, discursos, proferidos outrora, foram silenciados dando lugar a outros. A coluna “não use” representa os discursos silenciados e a “use” apresenta os discursos que devem ser proferidos na contemporaneidade. Assim, por exemplo, portador de síndrome de *Down*, retardado e portador de retardamento mental não devem ser utilizados. Trata-se de expressões vinculadas ao modelo médico de deficiência que, como explicitado anteriormente, foi rechaçado pela Convenção da ONU, que, em contraposição, consagrou o modelo social, no qual o termo adequado a ser empregado é pessoa com síndrome de *Down*.

Com vistas aos estudos empreendidos por esta investigação científica, que tem como objeto o filme “Colegas”, é preciso cautela acerca da utilização dos discursos silenciados, apresentados na figura 4, já que deram lugar a outros que são considerados “politicamente corretos” neste momento histórico. Essa precaução é potencializada porque o cinema, como mídia, propaga informações que podem ser benéficas ou prejudiciais para o fortalecimento de práticas inclusivas, já que estão em pauta “múltiplas e complexas questões relacionadas às formas pelas quais se produzem sentidos e sujeitos na cultura” (FISCHER, 2002, p. 151).

5.5.1.2 Instituições e/ou Proposições Filosóficas, Morais e Filantrópicas

Para esta pesquisa, esses dois elementos dos “não ditos”, relacionados à visibilidade, foram agrupados, já que, no caso do dispositivo de inclusão social, a segmentação conceitual entre eles é muito tênue. Para a exemplificação abaixo, optou-se pela ordem de criação de cada iniciativa.

a) Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae)³⁴

A Apae é um movimento pioneiro no Brasil que atende pessoas com deficiência intelectual, incluindo os sujeitos com SD. Essa Associação surgiu no Rio de Janeiro, em 1954, com a chegada ao Brasil de Beatrice Bemis, do corpo diplomático norte-americano e mãe de uma criança com SD. Nos Estados Unidos, ela já havia participado da fundação de mais de duzentas e cinquenta associações de pais e amigos. Motivados pelas ações desempenhadas pela norte-americana, um grupo, constituído por pais, amigos, professores e médicos fundou a primeira Apae brasileira.

³⁴ Disponível em: <<https://apaebrazil.org.br/page/2>>. Acesso em: 20 out. 2018.

De 1954 a 1962, surgiram outras Apaes. No final de 1962, doze das dezesseis existentes reuniram-se em São Paulo para a realização da primeira reunião nacional de dirigentes apaeanos. Pela primeira vez no Brasil discutia-se a questão da pessoa com deficiência com um grupo de familiares que trazia para o movimento suas experiências como pais e, em alguns casos, também como técnicos na área.

Em 1962, foi criada a Federação Nacional das Apaes (Fenapaes) que iniciou suas atividades em São Paulo e, posteriormente, passou a ser sediada em Brasília. A Federação, assim como as Apaes, caracteriza-se por ser uma sociedade civil, filantrópica, de caráter cultural, assistencial e educacional. Além da Federação Nacional, o Brasil conta também com 24 Federações nos estados e com mais de duas mil Apaes distribuídas pelo país.

b) Centro de Educação Especial Síndrome de *Down* (CEESD)³⁵

O CEESD foi fundado em 1981 pelos pais de uma pessoa com SD e tem como foco o desenvolvimento global desses sujeitos, por meio da inclusão social, oferecendo suporte e estímulos necessários para inseri-los na sociedade. O Centro oferece apoio complementar com atendimentos terapêuticos, de modo a facilitar a inclusão desde o ambiente escolar até o mercado de trabalho.

c) Fundação Síndrome de *Down*³⁶

Criada em 1985, a Fundação apoia pessoas com deficiência intelectual e suas famílias, de acordo com as necessidades específicas de cada sujeito que recebe atendimento. Para tanto, dispõe de cinco serviços: atenção terapêutica, educação especial, apoio à vida adulta, formação e inclusão no mercado de trabalho e atenção à família.

d) Associação para o Desenvolvimento Integral do *Down* (ADID)³⁷

Fundada em 1989, a ADID é uma associação sem fins lucrativos que desenvolve projetos capazes de promover e integrar socialmente as pessoas com deficiência intelectual,

³⁵ Disponível em: <<http://www.ceesd.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

³⁶ Disponível em: <<http://www.fsdwn.org.br/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

³⁷ Disponível em: <<http://www.adid.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

preferencialmente com SD. Também busca trabalhar com pesquisa científica, aplicação e divulgação de metodologias educacionais que contribuam com a qualidade da aprendizagem.

e) Associação dos Portadores da Síndrome de *Down* - Amigo *Down*³⁸

A Associação Amigo *Down*, fundada em 1992, é uma entidade beneficente, sem fins lucrativos, que atende as pessoas com SD e os seus familiares. Defende que a informação é essencial na luta contra o preconceito ainda existente na sociedade e na criação de oportunidades para o desenvolvimento pleno das potencialidades desses sujeitos. Por isso, seu trabalho objetiva informar e atualizar o conhecimento dos pais e da comunidade interessada sobre a SD.

f) Congresso Brasileiro sobre Síndrome de *Down*³⁹

Com início em 1992, a 8ª edição do Congresso foi realizada na cidade de Maceió (Alagoas), em 2017. Trata-se de um evento com múltiplos temas e aspectos sobre as pessoas com SD, seus familiares e profissionais, com o intuito de que todos exercitem práticas inclusivas para que os sujeitos com *Down* conquistem a cidadania.

g) Instituto MetaSocial⁴⁰

Desde 1996, o Instituto MetaSocial desenvolve ações junto à mídia para promover a inclusão social. Responsável pelo *slogan* “Ser Diferente é normal”, o Instituto não tem fins lucrativos e atua em diversas frentes, dentro e fora do Brasil, buscando demonstrar que todas as pessoas merecem oportunidades e respeito. Embora o Instituto almeje a inclusão das pessoas com deficiência, de um modo geral, a maior parte do conteúdo elaborado pelo MetaSocial, ou com o apoio dele, traz os sujeitos com SD como representantes da necessidade de inclusão.

³⁸ Disponível em: <<http://www.amigodown.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

³⁹ Disponível em: <<https://www.doity.com.br/viii-congresso-brasileiro-de-sindrome-de-down>>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.metasocial.org.br/sobre>>. Acesso em: 20 out. 2018.

h) Instituto *Ápice Down*⁴¹

Criado em 2007, trata-se de uma instituição sem fins lucrativos, que busca a promoção da qualidade de vida e a inclusão das pessoas com SD em todos os ciclos de vida, por meio de orientação em saúde, educação e direito. O *Ápice* trabalha com o Programa Empresas e Profissionais Solidários e presta serviços voluntários no ambiente empresarial.

i) Instituto Olga Kos Inclusão Cultural (IOK)⁴²

Fundado em 2007, o Instituto IOK é uma associação sem fins lucrativos que desenvolve projetos artísticos e esportivos, aprovados em leis de incentivo fiscal, para atender, prioritariamente, pessoas com deficiência intelectual. No entanto, parte das vagas dos projetos é destinada a pessoas sem deficiência, em situação de vulnerabilidade social e residentes em regiões próximas aos locais onde as oficinas são realizadas.

j) Família *Down* e Amigos (Fada)⁴³

A Fada, criada em 2008, trabalha no apoio a familiares de pessoas com deficiência. São realizadas desde visitas neonatais até atendimentos informativos nas áreas de educação, saúde e jurídica, incluindo treinamentos para profissionais e estudantes dessas áreas, bem como para pais e cuidadores de pessoas com deficiência.

k) Movimento *Down*⁴⁴

O Movimento *Down* foi instituído em 21 de março de 2012 (Dia Internacional da SD), por uma iniciativa do Movimento de Ação e Inovação Social (MAIS), realizado em parceria com o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Trata-se de uma plataforma virtual para a produção e difusão de informações sobre a SD e conta com uma rede de colaboradores e consultores, do Brasil e do exterior. Essas pessoas agregam conhecimento e experiência em

⁴¹ Disponível em: <<https://www.institutoapicedown.org.br/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁴² Disponível em: <<http://www.institutoolgakos.org.br/2.0/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁴³ Disponível em: <<http://www.familiadown.com.br/eventos/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2018a.

áreas como educação, saúde, trabalho, entre outras, com o intuito de promover a inclusão social desses sujeitos.

l) Projeto Minha *Down* é *Up*!⁴⁵

Lançado em 2016, por pais de uma menina com SD, o projeto proporciona apoio psicológico, educacional e jurídico às famílias, além de demonstrar que o *Down* é alegre. Por isso, o portal leva esse nome. O intuito é apresentar o quanto as crianças com SD são capazes e o papel da família em transmitir essa consciência e postura a elas.

m) Instituto Mano *Down*⁴⁶

O Instituto Mano *Down* conta com mais de 6 anos de atuação, mas sua formalização jurídica ocorreu em 2015, com o intuito de promover assistência social, por meio da disseminação de informações, da prática de inclusão social e do apoio às pessoas com SD, procurando valorizar suas potencialidades e estimular suas habilidades, aptidões e competências. Para tanto, promove atividades educacionais e realiza debates entre os familiares dos sujeitos com SD.

n) Aliança Global para Inclusão das Pessoas com Deficiência na Mídia e Entretenimento (Gadim) - Brasil⁴⁷

A Gadim foi criada pela brasileira, Patrícia Almeida, pela americana, Beth Haller, e pela australiana, Cátia Malaquias, e lançada na ONU, em 2016. Almeida também fundou a Gadim Brasil que, seguindo os preceitos da Aliança Global, busca conscientizar e incentivar ações e parcerias que promovam uma representação mais realista e digna, baseada nos direitos humanos das pessoas com deficiência nos meios de comunicação e entretenimento. Assim, atua para o empoderamento dos sujeitos com deficiência e das pessoas que os circundam, com base nos direitos reafirmados pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, mais especificamente em seu artigo 8º, que tem a

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.minhadowneup.com.br/sobre/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.manodown.com.br/category/eventos/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.gadimbrasil.org/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

conscientização como premissa. Ainda que a Gadim não trate especificamente da SD, as ações desenvolvidas também são benéficas para esses sujeitos.

5.5.1.3 Organizações Arquitetônicas

Devido às características apresentadas pelas pessoas com SD, não há necessidade de modificações na arquitetura das cidades, dos prédios ou de outras edificações para que esses sujeitos sejam incluídos na sociedade. No entanto, são necessárias modificações nos sistemas sociais para que a inclusão de fato ocorra. Como exemplo, aborda-se o sistema educacional especial e inclusivo.

a) Educação Especial e Educação Inclusiva⁴⁸

A educação especial atende exclusivamente pessoas com deficiência. Já a educação inclusiva agrega sujeitos com e sem deficiência em um mesmo ambiente de aprendizagem e abrange cidadania plena e valorização da diversidade. É importante destacar que as diferenças sempre se fazem presentes, contudo, na educação inclusiva, as pessoas com SD precisam ser reconhecidas e valorizadas, sem preconceito. Em países como a Itália, as escolas especiais foram abolidas, já no Brasil essa realidade não é factível, pelo menos a curto e médio prazo.

Ainda que, em geral, o *Down* esteja matriculado em escolas regulares, as escolas especiais servem como apoio ao aprendizado educacional especializado. Apesar de o Brasil ainda ser deficitário em relação à educação inclusiva, é importante salientar que o país é o primeiro no mundo a ter uma professora com SD. Débora Seabra de Moura trabalha com educação infantil em Natal, no Rio Grande do Norte.

5.5.2 “Ditos”

Após serem apresentados alguns “não ditos” que compõem o dispositivo de inclusão social das pessoas com SD, parte-se para a apresentação de um rol exemplificativo dos “ditos” que são constituídos por discursos, leis, decisões regulamentares, medidas administrativas e enunciados científicos. Como se observa a seguir, algumas instituições e/ou proposições

⁴⁸ Disponível em: <<https://institutoitard.com.br/o-que-e-educacao-inclusiva-um-passo-a-passo-para-a-inclusao-escolar/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

filosóficas, morais e filantrópicas, que ilustraram os “não ditos”, também foram citadas nos “ditos”, mais especificamente no item discurso.

Essa dupla citação se deu de modo proposital, uma que se enquadram nos “não ditos” por sua própria existência enquanto prática social e nos “ditos” a partir dos discursos que proferem na sociedade. Para não ficar exaustivo, apenas algumas foram replicadas. Assim como ocorreu no rol acima descrito, sempre que relevante para a pesquisa, foram trazidos “ditos” gerais acerca da deficiência, porém a ênfase foi dada para os específicos das pessoas com SD.

5.5.2.1 Discursos

a) Apae e Fenapaes⁴⁹

As raízes históricas e culturais da deficiência sempre foram marcadas por forte rejeição, discriminação e preconceito. Devido à ineficiência do Estado em promover políticas públicas que garantam a inclusão social desses sujeitos, as Apaes emergiram como uma grande rede constituída por pais, amigos, pessoas com deficiência, voluntários, profissionais e instituições parceiras - públicas e privadas - para a promoção e defesa dos direitos de cidadania e de inclusão social da pessoa com deficiência.

É importante destacar que apesar do pioneirismo e da longa trajetória de atuação das Apaes no Brasil, em 2017, pela primeira vez, a Fenapaes esteve presente na Conferência dos Estados Partes da Convenção da ONU. O Vice-Presidente da Federação salienta a relevância dessa Convenção que possibilita, entre outras conquistas, a interação entre os países signatários e também destaca a importância de acordos internacionais, firmados pelo Brasil, para a troca de experiências em relação à implantação dos preceitos defendidos pela Convenção. Já a Presidente destaca os avanços alcançados nos últimos anos, mas reforça os inúmeros desafios futuros, uma vez que a inclusão é um processo constante de defesa de direitos.

b) Campanha “Todo bebê é um bebê Johnson's” da Johnson & Johnson⁵⁰

O bebê Johnson's da campanha em homenagem ao Dia das Mães, de 2017, é uma criança com SD. Essa campanha é uma estratégia de comunicação da empresa para reconfigurar e ressignificar o símbolo da marca Johnson's *Baby*, com a conotação de que todo bebê é um

⁴⁹ Disponível em: <<https://apaebrital.org.br/page/2>>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q977nSSYXMo>>. Acesso em: 10 out. 2018.

bebê Johnson's, independentemente de sua condição física ou intelectual. Essa estratégia ganhou destaque tanto na mídia *online* quanto *offline*, pois diversos veículos de comunicação e também pessoas, individualmente, passaram a se manifestar acerca da campanha.

c) Instituto MetaSocial⁵¹

Seguindo os preceitos da Convenção da ONU e com base em ampla e diferenciada estratégia de comunicação, o principal foco do trabalho do Instituto é a informação, objetivando conscientizar, reduzir o preconceito e promover a inclusão social. Em 2009, o MetaSocial foi convidado pela ONU para lançar o Site-Manifesto “Ser Diferente é Normal e os Direitos são Iguais”, em comemoração ao Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, em 3 de dezembro. O Instituto defende que a inclusão nunca alcançou tamanha evidência. Nesse cenário, foi lançada na internet a campanha “Ser Diferente é Normal” que almeja conscientizar e promover a inclusão de todos. Assim, busca-se demonstrar as potencialidades das pessoas, independentemente de suas limitações, levando a sociedade a ver que todos possuem o mesmo valor humano e, por isso, merecem ser tratados com respeito e dignidade.

d) Festival Assim Vivemos⁵²

O Festival foi criado em 2003 e encontra-se em sua 8ª edição, já que acontece a cada dois anos. Os filmes representam sujeitos com diversos tipos de deficiência, tanto física quanto intelectual. No entanto, entre os longas e curtas-metragens estão os que tratam da SD. Inclusive, as peças de divulgação da 8ª edição, em 2017, foram ilustradas com a imagem de uma pessoa com SD. O Festival apresenta uma coletânea de filmes produzidos no mundo sobre as pessoas com deficiência, no intuito de sempre demonstrar as pluralidades atuais e pertinentes que movem esses sujeitos nas diferentes culturas.

e) Movimento *Down*⁵³

O Movimento *Down* elabora orientações sobre legislação, saúde, terapias, educação, pesquisas, estratégias e boas práticas para ajudar famílias, profissionais e o público em geral a

⁵¹ Disponível em: <<https://www.metasocial.org.br/sobre>>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁵² Disponível em: <<http://www.assimvivemos.com.br/2017/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁵³ Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2018a.

lutar contra o preconceito e a efetivamente estabelecer condições para a inclusão social. O Movimento é filiado à *Down Syndrome International* e à Federação Brasileira das Associações de Síndrome de *Down* e conta com a participação de colaboradores de diversos segmentos: ativistas, familiares e pessoas com SD. Para cumprir seus objetivos, segue os preceitos da Convenção da ONU, que defende que as pessoas com deficiência devem ter todos os seus direitos garantidos em igualdade de condições com os demais sujeitos da sociedade. Destaca também que todos os apoios necessários sejam oportunizados para que as pessoas com SD possam ser incluídas, de fato, nas atividades de suas comunidades.

f) Escola de Gente e Teatro Inclusivo⁵⁴

A Escola de Gente é uma instituição que surgiu a partir de uma iniciativa da jornalista e escritora Cláudia Werneck, que se interessou em lutar pelos direitos das pessoas com deficiência após fazer uma reportagem sobre SD. Desde 2002, a instituição circula pelos estados brasileiros, realizando uma série de atividades com o objetivo de derrubar barreiras e preconceitos. Também desenvolve peças de teatro que abordam a inclusão/exclusão e conta com audiodescrição, legenda e linguagem de sinais.

g) Revista D+⁵⁵

A Revista D+ possui conteúdo de cunho jornalístico e apresenta diversas reportagens sobre o tema deficiência, incluindo matérias específicas sobre a SD.

h) Coral de Jovens com *Down* no Programa Fantástico⁵⁶, Propaganda “Tudo começa pelo respeito”⁵⁷, Série “Qual é a diferença?” de Drauzio Varella para o Fantástico⁵⁸ e Novela “Páginas da Vida”⁵⁹

Entre outras iniciativas da TV Globo, cita-se que, em 2018, o Fantástico prestou uma homenagem ao Dia Internacional da Síndrome de *Down* com a apresentação da Cia Musical

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.escoladegente.org.br/>>. Acesso em: em: 19 out. 2018.

⁵⁵ Disponível em: <<http://revistadmais.com.br/tag/sindrome-de-down/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

⁵⁶ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6608920/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁵⁷ Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/Responsabilidade-Social/respeito/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

⁵⁸ Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2015/08/qual-e-a-diferenca/>>. Acesso em: 19 out. 2018e.

⁵⁹ Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/paginas-da-vida/trama-principal.htm>>. Acesso em: 19 out. 2018.

Andrea Lobato, composta por jovens com SD, em conjunto com os cantores Herbert Vianna, Gabriel Pensador, Fernanda Abreu e Frejat. Já em 2017, a emissora veiculou uma propaganda, também em homenagem ao Dia Internacional da SD, chamada “Tudo começa pelo respeito”. Nessa peça, o ator Pedro Baião lista as atividades cotidianas de qualquer pessoa e reforça que ele e outros jovens com *Down* são plenamente capazes de executá-las.

Outra iniciativa da emissora em favor das pessoas com SD é a série “Qual é a diferença?”, produzida em 2015, pelo médico Drauzio Varella. O médico dividiu a apresentação da série com Breno Viola (um dos protagonistas do filme “Colegas”) e contou com a parceria do Movimento *Down*, instituição em que Breno trabalhava nesse período. A série teve cinco episódios, que trataram das conquistas e desafios, da importância da estimulação precoce das crianças, da educação e da inclusão, do desejo e da sexualidade e das histórias de pessoas que trabalham e levam a vida de modo independente. Em 2006, a TV Globo veiculou a novela “Páginas da Vida”, com a personagem Clara, de 7 anos, que perdeu a mãe e foi rejeitada pela avó por ser uma criança com SD. Clara era irmã gêmea de Francisco, mas, devido à rejeição, foi criada pela médica Helena, que a adotou. No transcorrer da trama, Clara estabelece uma emocionante amizade com o seu irmão gêmeo.

5.5.2.2 *Leis e Decisões Regulamentares*

Para esta investigação científica, esses dois elementos dos “ditos” foram agrupados, já que as distinções conceituais entre eles, para efeito desta dissertação, não interferem nos resultados almejados. Destaca-se que, nas leis e decisões regulamentares, a noção apresentada de deficiência é mais ampla, não abordando a SD de modo específico, mas abrangendo-a. Desse modo, foram trazidas pela importância que representam na vida dessas pessoas.

Cabe observar ainda que para se compreender a concepção da deficiência no século XXI, é necessário também conhecer o histórico de leis e decisões regulamentares de períodos anteriores. Desse modo, apresentam-se algumas normas legais, segmentadas, didaticamente, pela natureza da temática abordada, com o intuito de conceber um panorama das discussões e proposições acerca do tema. São elas:

Quadro 3 - Arcabouço legal aplicável às pessoas com SD

(continua)

| Gerais | |
|---|--|
| Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ⁶⁰ | Estabelece como princípio fundamental a promoção do bem de todos, sem qualquer tipo de preconceito e assegura garantias e direitos fundamentais invioláveis. |
| Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989 ⁶¹ | Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público e define crimes no artigo 8º, além de outras providências. |
| Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 ⁶² | Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Assegura à criança e ao adolescente portador de deficiência, no parágrafo 1º do art. 11, o atendimento especializado na área da saúde e, no art. 54, trata da educação quando diz que é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente portador de deficiência atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino, entre outros. |
| Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 ⁶³ | É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. |
| Políticas Públicas | |
| Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 ⁶⁴ | Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências. |
| Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001 ⁶⁵ | Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência adotada em Cidade da Guatemala, na Guatemala, em 7 de junho de 1999. No documento, os estados partes reafirmam que as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que esses direitos, inclusive o direito de não ser submetidas à discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano. |

⁶⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 out. 2018.

⁶¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17853.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁶² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁶³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁶⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3956.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

Quadro 3 - Arcabouço legal aplicável às pessoas com SD

(continuação)

| | |
|--|---|
| Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009 ⁶⁶ | Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo ⁶⁷ . |
| Lei nº 11.958, de 26 de junho de 2009 ⁶⁸ e Decreto nº 6.980, de 13 de outubro de 2009 ⁶⁹ | Cria a Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), no lugar do Corde, como órgão da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) responsável pela articulação e coordenação das políticas públicas voltadas para as pessoas com deficiência. |
| Benefícios e Isenções | |
| Lei 8.112, de 11 de dezembro de 1990 ⁷⁰ | <p>O art. 98 da Lei 8.112/90, com alterações da Lei Federal 9.527, de 10 de dezembro de 1997, concede ao servidor público da União horário especial nos seguintes casos: a) para a pessoa com deficiência, quando comprovada a necessidade por junta médica oficial, independentemente de compensação de horário; b) para o servidor que tenha cônjuge, filho ou dependente com deficiência, exigindo-se porém, neste caso, compensação de horário, respeitando a carga horária semanal; c) ao estudante, quando comprovada a incompatibilidade de horários, sem prejuízo do exercício do cargo, com compensação de horário, respeitando a carga horária semanal.</p> <p>O art. 5º, § 2º, da Lei 8112/90, determina que sejam reservadas até 20% das vagas oferecidas em concurso público para deficientes, desde que as atribuições do cargo sejam compatíveis com a deficiência. Porém, o Decreto 3298/99 definiu o percentual mínimo de 5%, ao regulamentar a Lei 7853/89, que é matéria de obrigação nacional, ou seja, deve ser aplicada em todo o país. Na hipótese de o resultado ser fracionário, o número de vagas reservadas deverá sempre ser arredondado para cima.</p> |

⁶⁶ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

⁶⁷ Zoellick e Chan (2012, XI) afirmam o que já foi mencionado diversas vezes ao longo desta dissertação, que a Convenção da ONU “[...] reforçou a nossa compreensão da deficiência como uma prioridade de direitos humanos e de desenvolvimento”. Por isso, representa um marco das conquistas legais para as pessoas com deficiência, incluindo as pessoas com SD.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11958.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁶⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6980.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8112cons.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

Quadro 3 - Arcabouço legal aplicável às pessoas com SD

(continuação)

| | |
|--|--|
| Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991 ⁷¹ | Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. A legislação estabeleceu a obrigatoriedade de as empresas com cem (100) ou mais empregados preencherem uma parcela de seus cargos com pessoas com deficiência. A reserva legal de cargos é também conhecida como Lei de Cotas (art. 93 da Lei nº 8.213/91). A cota depende do número geral de empregados que a empresa tem no seu quadro. |
| Relacionados à Saúde | |
| Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000 ⁷² | Estabelece prioridade de atendimento às pessoas com deficiência e dá outras providências. |
| Relacionados à Educação | |
| Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 ⁷³ | Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. |
| Resolução CNE/CEB nº 2/2001 ⁷⁴ | Estabelece as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. |
| Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001 ⁷⁵ | Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. No documento, foram estabelecidas prioridades segundo o dever constitucional e as necessidades sociais, entre elas, a garantia de ensino fundamental obrigatório de oito anos a todas as crianças de 7 a 14 anos, assegurando o seu ingresso, permanência na escola e a conclusão desse ensino com um processo pedagógico adequado às necessidades dos alunos. |
| Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, do Ministério da Educação - Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica ⁷⁶ | Institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, na modalidade educação especial. |
| Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011 ⁷⁷ | Revoga o Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008, e dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. |
| Relacionados ao Trabalho | |
| Decreto nº 5.598, de 1 de dezembro de 2005 ⁷⁸ | Retira o limite de idade para aprendizes com deficiência e estabelece a avaliação por habilidades para aprendizes com deficiência mental. Regulamenta a contratação de aprendizes e dá outras providências. |
| Relacionados à Inclusão e à Acessibilidade | |
| Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 ⁷⁹ | Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. |

⁷¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8213cons.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110048.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷⁴ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5598.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁷⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

Quadro 3 - Arcabouço legal aplicável às pessoas com SD

| | |
|--|--|
| Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 ⁸⁰ | (conclusão) Regulamenta a Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que confere prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências. |
|--|--|

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base em informações extraídas do portal Movimento *Down*⁸¹.

É importante observar, no quadro acima, a utilização de terminologias como “pessoa portadora de deficiência”, atualmente em desuso. No entanto, quando a referida norma legal foi instituída, essa era a maneira adequada para nomear esses sujeitos. Também cabe destacar que todas essas leis, decretos, resoluções estão em validade no mundo jurídico e que se tratam de um rol exemplificativo, mas que beneficiam as pessoas com SD no assunto que regulamentam.

5.5.2.3 Medidas Administrativas

a) Diretrizes de Atenção à Pessoa com Síndrome de *Down* do Ministério da Saúde⁸²

Em 2012, o Ministério da Saúde lançou as “Diretrizes de Atenção à Saúde da Pessoa com Síndrome de *Down*” e também a versão acessível do manual denominado “Cuidados de Saúde para as Pessoas com Síndrome de *Down*”. A publicação tem por objetivo “oferecer orientações às equipes multiprofissionais para o cuidado à saúde da pessoa com síndrome de *Down*, nos diferentes pontos de atenção da rede de serviço ao longo do seu ciclo vital” (BRASIL, 2013, p. 8).

b) Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva do Ministério da Educação⁸³

Com base na Declaração de Salamanca da ONU, de 1994, na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e em marcos legais

⁸⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁸¹ Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/direitos/legislacao-e-direitos/>>. Acesso em: 05 set. 2018b.

⁸² Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁸³ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

e pedagógicos da educação inclusiva, o Ministério da Educação (MEC) atua para assegurar o direito de todos à educação regular. Em 2008, o MEC estabeleceu a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, documento orientador para estados e municípios organizarem suas ações no sentido de transformarem seus sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusivos.

Além de decretos e resoluções, há um conjunto de documentos - notas técnicas e pareceres - que auxiliam na efetivação dos compromissos estabelecidos pela Convenção da ONU. Esses documentos, oriundos de demandas dos sistemas de ensino e da sociedade em geral, estão disponíveis nas “Orientações para Implementação da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, organizado para auxiliar e subsidiar as discussões, ações e o controle social das políticas públicas voltadas à inclusão escolar das pessoas com deficiência.

c) Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) do Ministério dos Direitos Humanos⁸⁴

A SNPD atua na articulação e coordenação das políticas públicas voltadas para as pessoas com deficiência, com base na Convenção da ONU, e tem como algumas de suas competências:

Exercer a coordenação superior dos assuntos, das ações governamentais e das medidas referentes à pessoa com deficiência; Coordenar ações de prevenção e eliminação de todas as formas de discriminação contra a pessoa com deficiência e propiciar sua plena inclusão à sociedade; Coordenar, orientar e acompanhar as medidas de promoção, garantia e defesa dos ditames da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, mediante o desenvolvimento de políticas públicas de inclusão da pessoa com deficiência; Estimular que todas as políticas públicas e os programas contemplem a promoção, a proteção e a defesa dos direitos da pessoa com deficiência; Coordenar e supervisionar o Programa Nacional de Acessibilidade e o Programa de Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como propor as providências necessárias à sua completa implantação e ao seu adequado desenvolvimento; Fomentar a adoção de medidas para a proteção da integridade física e mental da pessoa com deficiência (BRASIL, 2018, p. 1).

Mais uma vez, vale destacar que apesar da atuação da SNPD não tratar especificamente das pessoas com SD, as ações desenvolvidas e as políticas públicas propostas por ela influenciam também a vida desses sujeitos. Por isso, as informações acima descritas foram trazidas para o âmbito desta dissertação.

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

d) Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CPD) da Câmara dos Deputados⁸⁵

A CPD, criada em 2015, é uma das Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados e tem como proposta construir um diálogo permanente com a sociedade e com o Poder Executivo para garantir os direitos das pessoas com deficiência no Brasil. Para tanto, tem como atribuições regimentais todas as matérias relativas a esses sujeitos, incluindo denúncias de violação de direitos; pesquisas científicas; atuação colaborativa com organizações não governamentais nacionais e internacionais; influência direta na destinação dos recursos públicos em prol da causa; entre outras.

e) Direitos das Pessoas com Deficiência no âmbito do Poder Judiciário⁸⁶

Em 2016, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) tornou pública a Resolução nº 230 que orienta a adequação das atividades dos órgãos do Poder Judiciário e de seus serviços auxiliares às determinações da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Para tanto, entre outras iniciativas, institui-se as Comissões Permanentes de Acessibilidade e Inclusão. Uma das medidas definidas nesta Resolução é a de que todos os concursos públicos do Poder Judiciário devem incluir questões sobre os direitos das pessoas com deficiência.

5.5.2.4 Enunciados Científicos

Segundo o Movimento *Down* (2018d), comparado a outras deficiências, ainda é muito escasso o apoio à pesquisa sobre a SD não apenas no Brasil, mas no mundo. Um dos motivos para esse fato é que, até recentemente, acreditava-se que não era possível tratamento para SD por se referir a uma ocorrência genética. A partir da década de 1990, por meio de experimentos, descobriu-se a possibilidade de tratamentos em diversas áreas, como memória e cognição, que podem contribuir para que esses sujeitos alcancem melhor qualidade de vida.

A maior parte das pesquisas concentra-se nos Estados Unidos e há um movimento que busca aumentar os recursos destinados às investigações sobre a SD. Por meio de uma junção de

⁸⁵ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cpd/documentos/historico-da-cpd>>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3141>>. Acesso em: 20 out. 2018.

esforços, haverá, por exemplo, uma abertura de cadastro, nos Estados Unidos, dos sujeitos com SD, para que se possa ter acesso aos seus dados genéticos para estudos clínicos. Embora ainda incipiente, vem crescendo o número de organizações no mundo que financiam e/ou promovem pesquisa sobre a SD, especialmente nos Estados Unidos e na Europa (MOVIMENTO *DOWN*, 2018d).

a) Pesquisas em Bioquímica

A bioquímica é uma das novas linhas de pesquisa que começou a tomar impulso, a partir dos anos 1990, com o mapeamento dos genes do cromossomo 21. Esses estudos identificaram a produção excessiva de radicais-livres, que são responsáveis pelo processo de oxidação das células do cérebro (e do corpo) de pessoas com SD e desse fato advém a tendência desses sujeitos desenvolverem Alzheimer prematuramente. Para tanto, o tratamento dessa característica é realizado com substâncias ricas em antioxidantes (MOVIMENTO *DOWN*, 2018d).

b) Pesquisas sobre a falta da vitamina B12

Outro gene mapeado é o que gera a falta da vitamina B12, essencial para a integridade dos sistemas nervosos central e periférico. Além disso, a vitamina B12 participa da formação das hemácias e a sua insuficiência pode causar anemia. Há estudos e relatos positivos sobre crianças com SD tratadas com vitaminas, aminoácidos, enzimas e antioxidantes, porém, por ser um tratamento relativamente novo e devido às diferenças genéticas e às particularidades cromossômicas das pessoas com SD, poucos médicos prescrevem esse tipo de tratamento, por não se sentirem confiantes (MOVIMENTO *DOWN*, 2018d).

c) Revista Inclusão Social⁸⁷

Trata-se de um periódico eletrônico semestral que publica trabalhos no âmbito da inclusão social, com temas ligados a ações, programas, projetos, estudos e pesquisas voltados à problemática da inclusão dos cidadãos na sociedade da informação. A publicação conta com

⁸⁷ Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao>>. Acesso em: 19 de out. 2018.

artigos variados, dentre os quais se encontram publicações específicas sobre as pessoas com SD.

5.5.3 “Colegas” como enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social

Para que se possa compreender o dispositivo em todas as suas nuances, faz-se necessário vislumbrá-lo como uma rede em constante construção e reconstrução, na qual um dispositivo concebe outros, ressignifica-se, transforma-se no âmago de dado momento histórico. Nessa perspectiva, se o dispositivo é a rede de relações que se estabelece entre elementos heterogêneos, pode-se dizer que ele tem historicidade, ou seja, que responde a uma urgência histórica, calcada em fissuras, fraturas nas linhas flexíveis e maláveis que compõem o dispositivo. No caso do dispositivo em análise - o de inclusão social - rupturas foram sentidas a partir da concepção da DUDH, de 1948, que buscou trazer a noção de igualdade em prol da reconstrução de uma sociedade arrasada pelas duas grandes guerras mundiais.

Pode-se dizer que a DUDH contribuiu para a produção da história de quem somos nós hoje, ao colocar os direitos humanos no centro dos acordos internacionais e estabelecer obrigações aos Estados Partes de agirem de determinadas maneiras ou de se absterem de certos atos, a fim de promover e proteger esses direitos, bem como as liberdades de grupos ou pessoas. Em se tratando especialmente da defesa de direitos das pessoas com deficiência, paulatinamente essa parcela da população, relegada ao esquecimento, foi se unindo e empreendendo conquistas ao longo dos anos. Na década de 1980, como já apresentado, os movimentos sociais em defesa da causa se fortaleceram e, em 2006, a defesa dos direitos desses sujeitos foram sistematizadas em um documento, que é a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.

Como já destacado, o Brasil é signatário dessa Convenção e ainda que os efeitos sentidos na prática sejam incipientes, trata-se do documento internacional de direitos humanos com maior força legal no país, ao passo que é o único, até o momento, aprovado com o rito de emenda constitucional e, posteriormente, promulgado, em 2009. É nesse contexto que “Colegas” foi concebido e com uma responsabilidade que vai além das telas do cinema, consagrando-se como um dispositivo pedagógico de enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social, já que produz imagens, significações e saberes que se dirigem à educação das pessoas, ensinando a elas modos de ser e de estar nessa nova cultura que está se materializando no presente e que é fundamental para a construção de sujeitos que sempre estão por se fazer (FISCHER, 2002).

Desse modo, abordar “Colegas” como dispositivo pedagógico da mídia é referenciá-lo como um processo concreto de comunicação que abarca, além da linguagem e da produção cultural, questões relacionadas ao poder e às formas de subjetivação, já que os processos de subjetivação são sempre históricos e estão diretamente vinculados à época e ao tipo de formação social do dado momento em que foram concebidos (FISCHER, 2002). Cabe destacar que as curvas de visibilidade e de enunciação e as linhas de força e de subjetivação, operacionalizadas por Deleuze (1996) no dispositivo, constituem-se a partir desses discursos e práticas sociais vivenciados em dado momento histórico.

Para que se possa compreender, ainda mais, a importância de “Colegas” enquanto dispositivo pedagógico de enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social, vale destacar que o filme foi apresentado e referenciado na sede da ONU, em *New York City*, ao ser exibido durante a VI Conferência de Estados Partes da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. A validade do discurso de “Colegas” ainda pode ser mais bem compreendida quando se observa que “o teor esmagador das pesquisas sobre representações mediadas dos Outros é pessimista sobre as habilidades da mídia contemporânea para retratar adequadamente a diversidade cultural” (FÜRSICH, 2016, p. 52).

Para aprofundar ainda mais essa questão, Freire Filho (2004, p. 45) afirma que “debates públicos e análises acadêmicas acerca da veiculação maciça de representações desfavoráveis e danosas das minorias costumam gravitar em torno de um conceito-chave: estereótipo, derivado do grego *stereós* (‘sólido’) + *týpos* (‘molde’, ‘marca’, ‘sinal’)”. Fischer (2002) também problematiza o modo como a mídia trata os “diferentes” e salienta que há grande responsabilidade dos meios de comunicação em relação aos modos de nomear esses sujeitos, evitando, justamente, as estereotipações, já que a mídia tem o poder de amenizá-las ou aprofundá-las.

Nessa perspectiva, com base na análise do dispositivo de inclusão social, composto pelos “ditos” e “não ditos”, já exemplificados anteriormente, observa-se que a construção do sujeito com SD em “Colegas” é fruto dos discursos e das práticas sociais do momento histórico em que foi concebido, pois o espaço de produção do cinema está imbricado na realidade e, portanto, é influenciado por ela. Assim, a inclusão social é o dispositivo que permeia o contexto sócio-histórico de produção do filme, que, em contrapartida, contou a sua narrativa com respeito aos valores e princípios defendidos pela causa, caracterizando-se, como já mencionado, em um importante dispositivo pedagógico de enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As escolhas metodológicas, ou seja, os caminhos sistemáticos pelos quais esta dissertação opta por seguir são frutos de um processo de reflexão que buscou compreender quais as abordagens, métodos e técnicas se apresentam como mais propícios para a análise do objeto, o filme “Colegas”, a partir da noção de dispositivo de Foucault (2015), ou seja, com a análise de “Colegas” busca-se compreender as urgências de um momento histórico que tem a inclusão das pessoas com SD como dispositivo, já que o filme é produto discursivo de um dado contexto sócio-histórico e ainda que não possua um compromisso com a realidade, carrega, em seu discurso, as raízes desse dado momento.

6.1 Abordagem qualitativa

Nas Ciências Sociais, a pesquisa qualitativa foi concebida com o intuito de investigar fenômenos complexos da sociedade e estuda o modo como os atores sociais constroem significados e conhecimentos a partir da compreensão que possuem do sistema social no qual estão inseridos. Para isso, utiliza-se do método indutivo de pesquisa, no qual se tem um entendimento prévio acerca do fenômeno a ser estudado e se captam os dados para, posteriormente, analisá-los e conceber as teorias.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com quantidade, tampouco se baseia em estatísticas, mas sim, com qualidade e profundidade dos dados e descobertas a partir de fenômenos. Enquanto a pesquisa quantitativa se preocupa com a mensuração de intensidade, frequência ou quantidade, a qualitativa se preocupa com a interpretação, ressaltando o processo e seu significado. Na pesquisa quantitativa os resultados são gráficos e números; e na qualitativa os resultados são ideias e textos explicativos, analíticos, críticos. A pesquisa qualitativa é indutiva, ou seja, é conduzida pelos dados que gerarão conclusões e reflexões, baseados em situações, acontecimentos, interações pessoais, comportamentos humanos, relações sociais, atividades, credos, modos e costumes (TUZZO, 2016, p. 144).

Pensar em teorias gerais, nas Ciências Sociais, não responde à crescente diversidade e complexidade que envolve os modos de vida dos atores sociais. As teorias gerais não permitem a compreensão dessas múltiplas facetas e imbricações que constituem a sociedade. Nessa perspectiva, fortalecem-se os estudos voltados para públicos específicos, que possuem características em comum.

Com isso, o método de pesquisa qualitativa apresenta-se como o mais adequado para responder à questão-problema: “como o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme

‘Colegas’, de 2012?’”. Resgatando o argumento central, já mencionado anteriormente, tem-se, à priori, que o sujeito com SD é construído em “Colegas” com base no momento histórico em que foi produzido, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social. Para tanto, elenca-se, como primeira evidência, que as pessoas com SD, em “Colegas”, são capazes de viver como qualquer outro sujeito social e, como segunda evidência, tem-se que o momento histórico no qual o filme foi concebido busca fortalecer o discurso de inclusão na sociedade.

6.2 Seleção e extração dos dados

O filme “Colegas”, entre outros fatores, foi escolhido como objeto de pesquisa por se caracterizar como um dispositivo pedagógico de enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social. Assim, os dados para análise foram extraídos com base em estudos de conteúdos audiovisuais, pois, além de cenas do filme, complementarmente, foram selecionadas a entrevista com Marcelo Galvão para o Programa “Sem Censura”, da TV Brasil, apresentado por Vera Barroso, e a entrevista com Marcelo Galvão e com Ariel Goldenberg, Rita Pokk e Breno Viola para o Programa “De frente com Gabi”, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), conduzido por Marília Gabriela. Também foram extraídos exemplos, a partir de conteúdos dos meios digitais, da rede que compõe os “ditos” e os “não ditos” do dispositivo de inclusão social.

6.3 Métodos de análise

De modo a responder ao problema de pesquisa, foram utilizados dois métodos de análise: o fílmico e o do discurso, que, em conjunto, constituem a análise do discurso fílmico.

6.3.1 Análise Fílmica

A análise fílmica pressupõe duas fases essenciais: a desconstrução e a reconstrução. Na primeira fase, os dados são descritos e decompostos, de modo simultâneo. Segundo Vanoye e Goliot-Leté (2006, p. 15) “parte-se, portanto, do texto fílmico para ‘desconstruí-lo’ e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme”.

“Uma segunda fase consiste, em seguida, em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir o filme ou o fragmento” (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 2006, p.

15). Em outras palavras, na reconstrução realiza-se a interpretação dos dados previamente descritos e decompostos.

6.3.2 Análise do Discurso

A análise do discurso, com base nos conceitos foucaultianos, refere-se não apenas aquilo que os homens dizem, mas também ao que os homens fazem, ou seja, os “ditos” e os “não ditos”, compreendendo o discurso como o conjunto de falas e de práticas sociais. Essa noção não se encontra de modo estanque em uma obra específica do filósofo, ao contrário, para se fazer a análise do discurso, com base em seus ensinamentos, é necessária uma compreensão mais abrangente tanto da fase arqueológica, na qual ele propõe as escavações das camadas sociais para se encontrar os procedimentos que levaram a dados discursivos, quanto da fase genealógica, em que se estabelece um recorte temporal de quando um enunciado se instalou.

Assim, a noção de dispositivo coaduna com a análise do discurso sob a perspectiva foucaultiana, já que os dispositivos tratam da essência do próprio discurso, que são formados pela rede de “ditos” (falas) e “não ditos” (práticas sociais) e permeados por curvas de visibilidade e de enunciação e linhas de força e de subjetivação, conforme Deleuze (1996). Para além do universo diegético do filme, busca-se compreender o motivo pelo qual um conjunto de documentos está posto em dado momento histórico e compõe as urgências e as verdades que constituem o dispositivo. Nessa perspectiva, para se compreender “Colegas” como enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social, é imprescindível que o contexto sócio-histórico, presente no espaço de produção da trama, seja considerado, já que a própria concepção do filme só se torna possível a partir da rede que justapõe os elementos do dispositivo em análise.

6.3.3 Análise do Discurso Fílmico

Para a análise do discurso fílmico, foi utilizada a análise do discurso, com base nos estudos foucaultianos e de outros autores que contribuem com a operacionalização de seus conceitos, e também a análise fílmica, a partir de Vanoye e Goliot-Lété (2006). Com esse híbrido, torna-se possível desconstruir as cenas, a partir dos conceitos da análise fílmica, decompondo-as em textos, imagens, sons e planos. Após a desconstrução, procede-se à reconstrução, na qual se utiliza a análise do discurso para a leitura das cenas do filme, para a interpretação das entrevistas e para a compreensão dos elementos que compõem o dispositivo

de inclusão social. Nessa última, principalmente, a análise do discurso enriqueceu a escrutinação dos dados, extrapolando o universo diegético de “Colegas”.

6.4 Operacionalização da análise

Para a sistematização dos dados desta dissertação, foram consideradas cinco categorias de análise: sujeito afetivo, sujeito desejante, sujeito independente, sujeito lúdico e sujeito transgressor. O sujeito afetivo refere-se ao sentimento terno de afeição por pessoas ou animais. O sujeito desejante alude à expectativa de possuir ou alcançar algo, seja um sonho, um desejo sentimental ou um objetivo de vida. O sujeito independente, por sua vez, expõe a liberdade, a autonomia e a desassociação de um ser em relação a outro, do qual dependia ou era dominado. Já o sujeito lúdico faz menção ao divertimento, ao entretenimento e à brincadeira. Por último, o sujeito transgressor é aquele que rompe com as normas sociais instituídas.

Essas categorias foram selecionadas, e não outras, por estarem presentes de um modo marcante em “Colegas”. Para a exemplificação de cada uma delas, utilizaram-se 6 planos, captados a partir de duas sequências do filme. A primeira, com duração de 2 minutos e 49 segundos, inicia-se em 11 minutos e 03 segundos e vai até 13 minutos e 52 segundos. Já a segunda, com 4 minutos e 26 segundos, começa em 1 hora, 25 minutos e 24 segundos e termina em 1 hora, 29 minutos e 50 segundos.

Complementarmente, foram trazidos para a análise, como já mencionado, trechos de duas entrevistas, uma com Marcelo Galvão, para o Programa “Sem Censura”, da TV Brasil, com duração de 14 minutos e 41 segundos, e a outra com o diretor e com Ariel Goldenberg, Rita Pokk e Breno Viola, para o Programa “De frente com Gabi”, dividido em quatro blocos, sendo o primeiro com duração de 14 minutos e 40 segundos, o segundo com 13 minutos e 45 segundos, o terceiro com 13 minutos e 09 segundos e o quarto com 4 minutos e 17 segundos.

Essas entrevistas são fundamentais para a compreensão do espaço de produção da trama, a partir do “fora de campo” diretamente vinculado à concepção de “Colegas”. Posteriormente, parte-se para uma visão mais abrangente do espaço de produção, analisando o filme como elemento de enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social, de modo a compreender o momento histórico no qual foi concebido.

7 RESULTADOS DA PESQUISA

A seguir, apresentam-se os resultados alcançados por esta pesquisa. Destaca-se que nas sequências selecionadas para a análise (anexos A e B), bem como no filme “Colegas”, em um sentido mais amplo, o enunciado central do dispositivo é o de que as pessoas com SD são capazes de sonhar, desejar e viver como todos os demais sujeitos sociais e, por isso, devem ser tratadas com igualdade e incluídas no convívio social. Desse modo, esse enunciado perpassa toda a análise e sempre estará presente, ainda que implicitamente, como elemento constitutivo na interpretação dos dados.

Decompor as sequências de “Colegas” (anexos A e B) e reconstruí-las com base na noção de dispositivo de Foucault (2015) e de Deleuze (1996), é uma aposta intelectual desafiadora, com vistas à complexidade de unir o “campo”, ou seja, as cenas em si, com o “fora de campo anticlássico”, como descreve Aumont et al. (2014). Do campo discursivo fílmico, advém as sequências, as práticas discursivas, os enunciados, os “ditos” de “Colegas”, que são os elementos centrais da análise.

Já, do “fora de campo”, agregam-se as entrevistas com o diretor e com os três atores principais da trama, as práticas não discursivas, o visível, os “não ditos” (instituições, organizações arquitetônicas, proposições filosóficas, morais e filantrópicas e discursos silenciados) e também os “ditos” (discursos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas e enunciados científicos) que circundam o espaço de produção do filme, além das linhas de força e de subjetivação presentes no dispositivo em análise.

7.1 Reconstrução: interpretação dos dados com base no universo diegético de “Colegas” (“campo”)⁸⁸


Com vistas a sistematizar o escrutínio dos dados, as duas sequências extraídas de “Colegas” (anexos A e B) foram organizadas, como já mencionado, em cinco categorias de análise: sujeito afetivo, sujeito desejante, sujeito independente, sujeito lúdico e sujeito transgressor. Para tanto, alguns planos foram trazidos para exemplificar essas categorias, que estão presentes não apenas nas sequências selecionadas, mas perpassam o filme, de modo geral.

⁸⁸ Os planos que aparecem em preto e branco na análise referem-se à desconstrução das sequências presentes no anexo B, no qual o personagem Márcio leva um tiro de um policial e, após o corrido, as lembranças que ele tem das aventuras vivenciadas em conjunto com Aninha e Stalone passam como um *flash* na mente dele.

É importante salientar que, ao estabelecer categorias, não se almeja engessar a análise e perder de vista que um plano pode estar presente em mais de uma categoria, mas exemplificar que os cinco sujeitos elencados (afetivo, desejante, independente, lúdico e transgressor) compõem a trama. Posteriormente, ao traçar um paralelo entre o “campo” e o “fora de campo”, a categorização dos planos contribuem para a amplificação da interpretação, com a junção de elementos externos.

7.1.1 Sujeito Afetivo

Quadro 4 – Planos que materializam o sujeito afetivo

| | |
|---|--|
| <p>Anexo A – plano 7</p>  | <p>Anexo A – plano 16</p>  |
| <p>Anexo A – plano 28</p>  | <p>Anexo B – plano 33</p>  |
| <p>Anexo B – plano 54</p>  | <p>Anexo B – plano 62</p>  |

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no filme “Colegas”.

O sujeito afetivo em “Colegas”, conforme se observa nos planos selecionados, apresenta-se, por exemplo, na interação de Stalone com o cachorro em frente ao circo (anexo A - plano 7). No momento em ocorreu o encontro, o jovem estava decepcionado com Aninha e Márcio que, com a ajuda dele, conseguiram transpor a cerca que os separava do circo, mas, devido à empolgação dos dois, não se preocuparam em ajudar o amigo. O cachorro fez com que a chateação momentânea de Stalone passasse e a afetividade da relação homem-animal florescesse.

Quando, enfim, Stalone conseguiu entrar no circo, ele encontrou uma caixa repleta de fantasias e chamou Aninha e Márcio para mostrar a novidade. Os três escolheram as fantasias com as quais mais se identificaram. Stalone, ao ver a princesa Aninha, rendeu-se aos seus encantos (anexo A - plano 16). Esse plano, bem como os demais que compõem essa categoria, traz o afeto permeado na infantilização, na valorização dos pequenos detalhes, na amizade.

Aninha, Márcio e Stalone criaram laços de afeto, desde os primeiros minutos do filme, sacramentados pela expressão “um por todos e todos por um” (anexo A - plano 28). Esses laços foram demonstrados, mais uma vez, no plano em que Márcio é ferido pelo tiro disparado por um policial brasileiro em um restaurante francês, em Buenos Aires, na Argentina (anexo B - plano 33), já que os três transgressores estavam sendo procurados pela polícia. Após esse momento, Márcio imergiu em um processo de digressão, resgatando imagens das aventuras que viveu com Aninha e Stalone durante a viagem.

Uma delas se refere ao momento em que o sonho de Stalone de conhecer o mar se concretizou e, em um gesto de afeto, os três se abraçaram e se deitaram em frente às águas oceânicas (anexo B - plano 54). No último plano apresentado nesta categoria (anexo B - plano 62), Aninha, Márcio e Stalone aparecem, novamente, abraçados em uma festa e demonstram grande felicidade com o momento que estão experimentando. O afeto entre os três é celebrado por meio da parceria que permeou o filme “Colegas” e que, para efeito de análise, foi representado pelos planos acima selecionados, devido à correlação entre eles e a mencionada categoria.

7.1.2 Sujeito Desejante

Quadro 5 – Planos que materializam o sujeito desejante



Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no filme “Colegas”.

Nesta categoria, todos os planos foram selecionados a partir da digressão de Márcio, já que os momentos marcantes da trama se encontram concentrados em uma sequência específica. Aninha, Márcio e Stalone também são apresentados em “Colegas” como sujeitos desejantes e a busca pela realização dos sonhos de cada um deles já é um dos elementos que representa essa categoria. Stalone almeja conhecer o mar (anexo B - plano 51), Márcio deseja voar (anexo B - plano 55) e Aninha gostaria de se casar (anexo B - plano 59). Na trama, os três realizaram os desejos deles, graças à parceria que estabeleceram.





Após Stalone conhecer o mar, chegou o momento de Aninha procurar um marido para se casar. Para ela, o príncipe encantado estaria personificado em um cantor famoso. No entanto, Stalone desejava Aninha como esposa e, em dado momento do filme (anexo B - plano 59), casa-se com ela e trocam beijos e carícias. A partir dessa análise, observa-se que a trama também apresenta os seus protagonistas como sujeitos com desejos de estabelecerem relacionamentos amorosos.

Márcio também se apresenta como sujeito desejante de relacionamentos sentimentais. Além de protagonizar uma cena de beijo (anexo B - plano 61), também dança tango, na Argentina, com outra moça (anexo B - plano 64). Vale observar que a dança, por si só, já é um poderoso instrumento de sedução entre os casais e o tango, por natureza, é um ritmo de grande sensualidade. Os três protagonistas também expressam o desejo de aproveitar os bons momentos da vida (anexo B - plano 60) como, por exemplo, na festa em que foram após o casamento de Aninha e Stalone.

7.1.3 Sujeito Independente

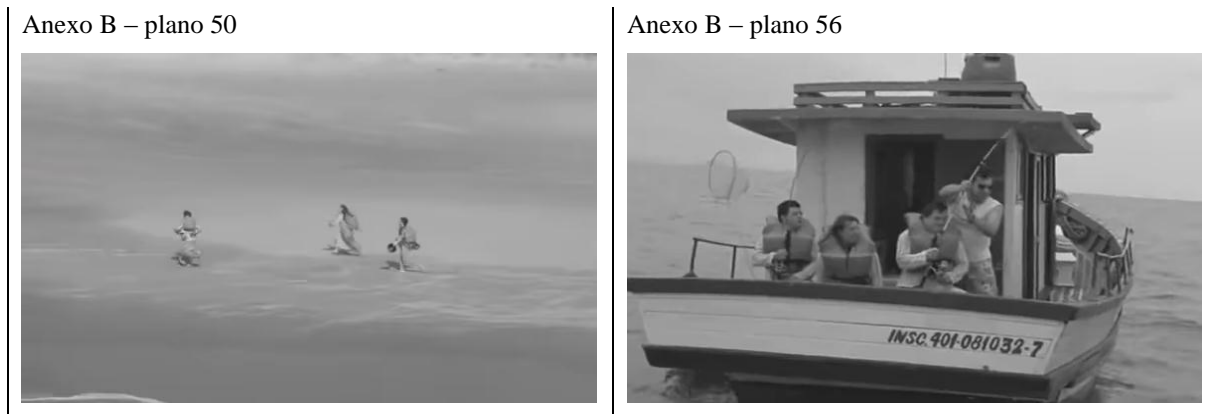
Quadro 6 – Planos que materializam o sujeito independente

(continua)

| | |
|---|--|
| <p>Anexo A – plano 10</p>  | <p>Anexo B – plano 2</p>  |
| <p>Anexo B – plano 40</p>  | <p>Anexo B – plano 41</p>  |

Quadro 6 – Planos que materializam o sujeito independente

(conclusão)



Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no filme “Colegas”.

O sujeito independente, mais uma categoria observada em “Colegas”, remete à experiência de Aninha, Márcio e Stalone fora dos muros do instituto em que viviam para pessoas com SD. Como já mencionado, os três jovens seguiram sozinhos na expectativa de realizarem os sonhos deles. Stalone, que sabia dirigir, conduziu o carro do Senhor Arlindo - o jardineiro do instituto - acompanhado de Aninha e Márcio (anexo B - plano 40) e (anexo B - plano 41).

Stalone, ao entrar no circo, abre os braços e demonstra o quanto a independência e a liberdade são gratificantes (anexo A - plano 10). Essa sensação de liberdade já era um sonho para eles, devido ao ineditismo de tal experiência. Nesse sentido, vale destacar também que Aninha e Stalone se casaram, ainda que apenas em simbologia, mas que a decisão da união é fruto da atitude independente de ambos, sem necessitarem da opinião e/ou aprovação de terceiros. A satisfação com o matrimônio é brindada por Stalone em um restaurante francês, em Buenos Aires, na Argentina (anexo B - plano 2), reforçando, mais uma vez, a categoria em análise.

Exemplos de independência de Aninha, Márcio e Stalone não faltam na trama e também podem ser vislumbrados no momento em que os três correm sobre as águas do mar, sozinhos, rodeados pelo vento e pela imensidão que demonstram a liberdade conquistada (anexo B - plano 50), pois se trata de um ambiente em que a iminência de perigo está implícita. Ainda, como exemplo, cita-se a aventura experimentada por eles em um barco com um pescador, no qual realizaram a primeira pescaria da vida deles (anexo B - plano 56). Com isso, é possível notar a independência que permeou esses sujeitos no filme, já que, na maior parte dos planos, os três aparecem sozinhos em aventuras inéditas e “perigosas” para eles.

7.1.4 Sujeito Lúdico

Quadro 7 – Planos que materializam o sujeito lúdico



Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no filme “Colegas”.

“Colegas” é uma comédia e, como tal, a ludicidade perpassa toda a trama. Na maior parte das sequências do filme, Aninha, Márcio e Stalone estão fantasiados. Como já mencionado, ao entrarem no circo e se depararem com uma caixa que continha inúmeras fantasias, os jovens escolheram-nas de acordo com suas preferências. Aninha, mais romântica, escolheu a fantasia de princesa, que coaduna com o sonho de se casar, de encontrar o príncipe encantado (anexo A - plano 17) e (anexo A - plano 25).

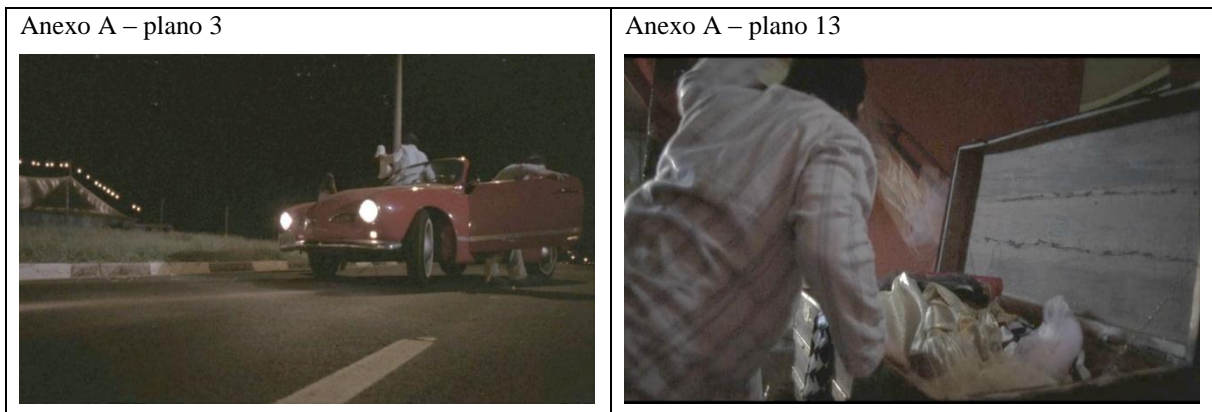
Já Stalone preferiu a fantasia de Aladim: o gênio da lâmpada⁸⁹ (anexo A - plano 17) e (anexo A - plano 24). Em analogia ao personagem representado, Stalone também fez o seu pedido, no entanto, solicitou que os outros dois desejos a serem realizados fossem os de Aninha e de Márcio que, assim como ele, também disseram qual sonho cada um almejava concretizar. Em relação às fantasias escolhidas, Márcio optou por uma capa e um capacete, que remete à possibilidade de voar, de desafiar os limites em alta velocidade, de se desprender do chão (anexo A - plano 25).

É importante salientar que o próprio circo já conta com a ludicidade em sua essência e o picadeiro é o coração desse ambiente. É nesse espaço que os três jovens dormiram antes de seguir as aventuras em busca da concretização dos sonhos deles (anexo A - plano 29). O sujeito lúdico também está presente no plano que apresenta Aninha vestindo uma máscara que utilizará para tentar assaltar o restaurante francês, em Buenos Aires, na Argentina (anexo B, plano 23) e ainda no que mostra Márcio com uma máscara sob a cabeça e vestindo a capa que escolheu entre as fantasias do circo (anexo B, plano 45).

7.1.5 Sujeito Transgressor

Quadro 8 – Planos que materializam o sujeito transgressor

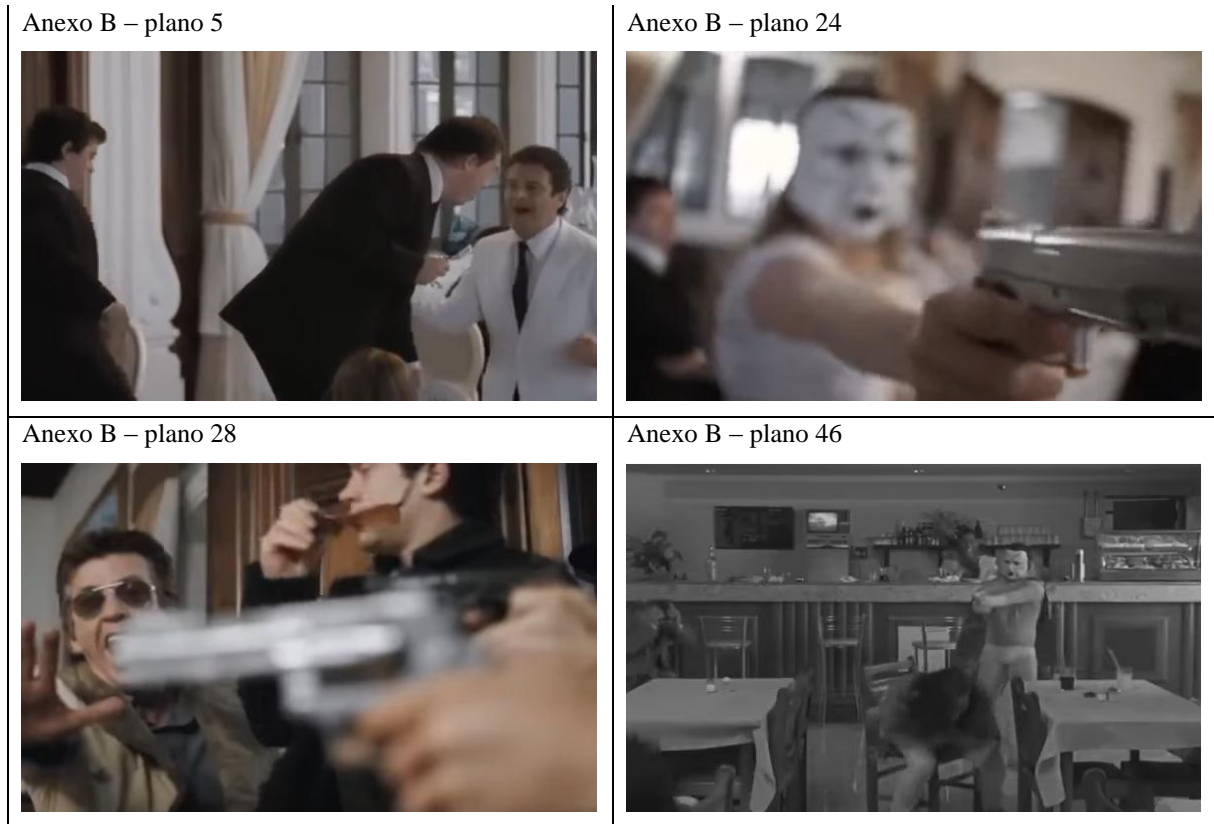
(continua)



⁸⁹ Na história de Aladim, o gênio que habita a lâmpada se manifesta após um gesto acidental de esfregá-la e concede a Aladim a realização de seus pedidos, que são todos consumados.

Quadro 8 – Planos que materializam o sujeito transgressor

(conclusão)



Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no filme “Colegas”.

No filme “Colegas”, Aninha, Márcio e Stalone, após deixarem o instituto para pessoas com SD, tornaram-se contraventores, com o intuito de transformarem a almejada viagem em realidade. Como as categorias não são estaques, a transgressividade está permeada, por exemplo, pela ludicidade na prática dos delitos, mas, de todo modo, a infração das regras é inerente à conduta. Em um primeiro momento, eles roubaram o carro do Senhor Arlindo (anexo A - plano 3). Posteriormente, os três jovens entraram em um circo, localizado na estrada, encontraram uma caixa repleta de fantasias e utilizaram-nas, mesmo não pertencendo a eles (anexo A - plano 13).

Em um restaurante francês, em Buenos Aires, na Argentina, Márcio e Stalone, mais uma vez, transgrediram as regras sociais, ao subirem em uma cadeira, sendo Stalone para comemorar o casamento dele com Aninha e Márcio para anunciar que iria realizar o desejo de voar. O funcionário do restaurante, incomodado com a situação, pediu para que eles descessem das cadeiras. No entanto, em alto tom de voz, eles disseram não ao pedido, incisivamente (anexo B - plano 5). Na sequência, Aninha sacou uma arma com a intenção de cometer um assalto no

restaurante e assustar as pessoas que se encontravam no local (anexo B - plano 24). Entretanto, a arma utilizada era de brinquedo.

Quando os policiais que estavam na área externa do restaurante perceberam o perigo iminente, entraram armados e dispararam contra Márcio (anexo B - plano 28). Após ser atingido pela bala, o jovem começou a delirar e a se recordar de tudo que havia vivido com Aninha e Stalone durante a aventura. Nessa digressão, Márcio se lembra do momento em que, mascarado, sacou uma arma de brinquedo, em uma loja de conveniência, no intuito de deixar o local sem pagar a conta (anexo B - plano 46).

7.2 Reconstrução: interpretação dos dados na conexão entre o “campo” e as entrevistas do diretor e dos três protagonistas

Reconstruídos os planos do filme “Colegas” a partir das cinco categorias de análise elencadas (sujeito afetivo, sujeito desejante, sujeito independente, sujeito lúdico e sujeito transgressor), passa-se para um segundo ponto da interpretação dos dados: o início da transição entre o campo discursivo fílmico e o espaço de produção. No entanto, para tornar essa travessia mais amena e baseada em dados e não em interpretações fantasiosas, foram utilizadas a entrevista do roteirista, produtor e diretor Marcelo Galvão para o Programa “Sem Censura”, da TV Brasil, (anexo D) e a entrevista de Galvão e dos três protagonistas da trama (Ariel Goldenberg, Rita Pokk e Breno Viola) para o Programa “De frente com Gabi”, do SBT (anexo E).

Galvão (2012) afirma que o roteiro de “Colegas” foi escrito há sete anos, contados da data em que a entrevista foi concedida, em 2012, o que leva a crer que o esboço foi estruturado em 2005. O rascunho do filme surgiu a partir de um edital do Ministério da Cultura (MINC), de baixo orçamento, que estava aberto e Galvão não tinha outras obras escritas que se adequassem ao valor exigido. Foi quando ele rascunhou o filme, durante uma viagem internacional para participar de um festival de cinema.

[...] Eu fui criado com um tio que tem síndrome de *Down*. [...] Meu tio é aqui do Rio. Eu sou carioca, mas moro em São Paulo. Eu fui criado em Campinas e as férias do meu tio ele passava sempre em Campinas com a gente e era um momento muito divertido, era um momento muito gostoso quando ele ia para Campinas, porque era uma criança num corpo de adulto. A gente era pequeno, então, era assim: ah o tio Márcio chegou, o tio Márcio chegou! (GALVÃO, 2012, (informação verbal))⁹⁰.

⁹⁰ Entrevista concedida por Marcelo Galvão ao Programa “Sem Censura”, da TV Brasil, em 2012, apresentado por Vera Barroso. Disponível em: <<https://vimeo.com/49708690>>. Acesso em: 20 out. 2018.

Pela proximidade com o tio (pessoa com SD), Galvão escreveu o roteiro com rapidez. No entanto, entre essa etapa e a produção transcorreram seis anos, já que o filme dependia de financiamento. Assistindo a um programa da apresentadora Marília Gabriela, ele se deparou com Ariel Goldenberg e Rita Pokk, respectivamente Stalone e Aninha no filme, que, na época, eram casados na vida real. Por coincidência, os atores viviam em uma cidade vizinha a de Galvão, onde também estava instalada a produtora dele. Essa coincidência fez com que Galvão passasse a ensaiar constantemente as cenas do filme com os atores.

[Goldenberg] é um cara que, desde o início, desde o começo, quando a gente começou o projeto, ele tem essa ansiedade de ver o filme pronto. De ver as coisas acontecerem. Então, ele me ligava, como me liga até hoje, e isso já faz mais de 6 anos, né? Ele liga todo dia, umas 20 vezes por dia, e ele me ligou logo no começo, só para você entender quem é o Ariel, perguntando para mim se eu já tinha arrumado dinheiro. Eu falei: oh Ariel, é muito rápido. É um filme difícil, vai ter muito preconceito. Não é assim fácil arrumar dinheiro. É... Daí ele: você já, já, já perguntou para o Lula? Lula era o Presidente na época e eu falei: eu não tenho o telefone do Lula, Ariel. Então está bom, está bom e desligou. Aí deu 5 minutos e começou a chegar fax com o telefone do Palácio do Planalto. Aí ele me ligou: agora, você tem o telefone, pode ligar para ele. Então, ele é assim. Ele é um cara que não tem não para ele. Ele mesmo captou 300 mil reais para o filme. Ele. Então, é um cara que você fala para ele... Falar que não vai ganhar 5 Óscar [risos]. Não dá para falar para ele que ele não vai ganhar 5 Óscar [risos], porque ele surpreende mesmo. A Rita é casada com ele. São casados. Eles são... se amam assim... É superbonito o amor deles. Um cuida do outro. É superbacana. Já o Breno é o contrário. O Breno é o típico carioca. É mulherengo. Na coletiva de imprensa que a gente fez, logo no início do filme, estava eu, o Lima, a Juliana Didone e os três. Aí, antes de começar a coletiva, o Breno falou assim. Antes de começar, eu queria pedir a mão da Juliana em namoro. Aí a menina ficou assim (cara de assustada) e eu falei: ela já tem namorado, Breno. Daí ele falou assim: então, só um beijinho técnico [Marcelo piscou nessa hora, durante a entrevista] [risos] (GALVÃO, 2012, (informação verbal))⁹¹.

Goldenberg foi decisivo para que o filme se concretizasse, pois, determinado e sonhando em ser um ator famoso, passou a ajudar o diretor a buscar recursos para transformar o projeto em realidade. Seguindo na compreensão do “fora de campo” a partir da entrevista de Galvão (2012), apresenta-se um trecho em que ele e a entrevistadora Vera Barroso, da TV Brasil, dialogam sobre inclusão e evolução:

Vera Barroso: [...] muito antigamente, tipo quando eu era pequena, escondiam as pessoas [com SD]. Marcelo Galvão: É... Esse era o problema... Vera Barroso: No quarto dos fundos, das visitas e tal. Aí vem a evolução, né? Marcelo Galvão: E a inclusão. Vera Barroso: A inclusão e a própria evolução das pessoas, enquanto pessoas. Começaram a trazê-las, as pessoas não *Down* começaram a se tocar que aquilo não era justo, né? E aí as leis vêm para ajudar e tal. Aí eles vão para a sala, vão para a vida, vão para o colégio. Marcelo Galvão: É. Vera Barroso: Mas eu não sabia como é que... Depois eu nunca mais convivi com uma pessoa... [com SD]. Então, eu não sei. Marcelo Galvão: Hoje é assim... [...] O maior problema era esse, família

⁹¹ Entrevista concedida por Marcelo Galvão ao Programa “Sem Censura”, da TV Brasil, em 2012, apresentado por Vera Barroso. Disponível em: <<https://vimeo.com/49708690>>. Acesso em: 20 out. 2018.

mesmo, vem da família, o preconceito que vem de casa, das pessoas esconderem mesmo os filhos e hoje em dia isso não [ocorre]. Hoje em dia você vai ao colégio normal, você vê vários garotos com alguma deficiência ali dentro e incluídos ali dentro, né? E... [...] [tio Márcio era] muito atrasado, muito atrasado comparando com as pessoas que eu conheço hoje. Hoje eu conheci tantos garotos *Down* que você fala: pô, eles podem estar fazendo qualquer coisa, né? [...] Então, assim, a evolução, que acho que tem a ver com a inclusão (GALVÃO, 2012, (informação verbal))⁹².

Nessa perspectiva, compreende-se que a concepção e a produção de “Colegas” estão imersas em um momento histórico no qual a inclusão social é uma premissa, mesmo travestida por outras terminologias, já que a evolução, como mencionada pela entrevistadora, pressupõe uma mudança de mentalidade, que, no caso, pode ser entendida a partir da transição entre a exclusão e a inclusão, como salienta Galvão (2012). Por outro lado, é importante que se compreenda que o processo de inclusão social, embora tenha galgado importantes conquistas em anos recentes, ainda está longe de ser efetivo. De todo modo, as pessoas com deficiência, entre elas as com SD, estão ocupando espaços antes inacessíveis a esses sujeitos.

Resgatando as cinco categorias de análise (sujeito afetivo, sujeito desejante, sujeito independente, sujeito lúdico e sujeito transgressor) e traçando um paralelo com a entrevista que Galvão e os três protagonistas de “Colegas” concederam, em 2013, ao Programa “De frente com Gabi”, observa-se que essas categorias, em maior ou menor grau, são explicitadas durante a entrevista, o que demonstra a conexão da trama com o cotidiano desses jovens, bem como com o dia a dia dos demais sujeitos sociais, nos quais também se encontram a afetividade, o desejo, a independência, a ludicidade e a transgressividade como práticas.

A seguir, apresentam-se algumas partes da referida entrevista, separando-as, de maneira exemplificativa, nas cinco categorias de análise. De todo modo, vale salientar que o fato de determinado trecho ter sido incluído pela autora em uma categoria não significa que ele também não sirva de exemplo para outra. Objetivamente, o intuito dessa segmentação é apenas demonstrar na prática aquilo que se apresentou em teoria, ou seja, que os sujeitos com SD, não apenas no filme, mas também em seu cotidiano, apresentam diversas características que os tornam serem humanos “normais” como qualquer outro sujeito social e que devem ser incluídos na sociedade.

⁹² Entrevista concedida por Marcelo Galvão ao Programa “Sem Censura”, da TV Brasil, em 2012, apresentado por Vera Barroso. Disponível em: <<https://vimeo.com/49708690>>. Acesso em: 20 out. 2018.

Quadro 9 - Sujeito Afetivo

| |
|--|
| Ariel Goldenberg: [...] Ele [Marcelo Galvão] me acolheu, como é que fala, ele é um superpaizão nosso, né? |
| Ariel Goldenberg: [...] quando eu fui pegar o Kikito, eu fiquei muito emocionado. |
| Ariel Goldenberg: Eu queria dedicar o Kikito a ele [Marcelo Galvão]. |
| Rita Pokk: [...] eu estou muito feliz por ter recebido o prêmio Kikito, que teve o melhor de Júri. Foi muito bom, muito emocionante, chorei, chorei, chorei... |
| Rita Pokk: [...] quando eu vi o Breno deitado... Na verdade é groselha, mas dentro do filme é sangue. Aí eu comecei a ver o Breno deitado, aí eu comecei a imaginar o meu pai. Aí, eu chorei, chorei muito. Fora eu chorei, mas dentro da cena eu também chorei. Eu entrei no meu personagem como Aninha do filme, aí eu chorei muito, muito, muito. Eu vi que o Marcelo estava me autorizando e eu chorando super bem e eu contracenei super bem a Aninha. Então, foi muito difícil para eu fazer essa cena do restaurante francês. |
| Marília Gabriela: Quem são os seus ídolos? |
| Breno Viola: Meu irmão, Flávio Canto, Marcelo Galvão e minha mãe, porque, se não fosse ela, eu não estaria aqui no mundo [risos] [suspiro profundo]. |
| Breno Viola: Quando o Marcelo ligou dizendo: Breno, você vai fazer o filme. Meu Deus do céu, meu coração disparou... Mãe, vou fazer um filme. Eu não acredito até hoje [Breno se emociona]. |
| Breno Viola: [...] O Marcelo é como um pai, um pai para todos, né? |

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no Programa “De frente com Gabi” (anexo E).

Quadro 10 - Sujeito Desejante

(continua)

| |
|--|
| Marcelo Galvão: [...] O Ariel sempre correu muito atrás dos sonhos dele, né? [...] Um dia ele [Ariel Goldenberg] falou para mim assim: eu queria muito que o Sean Penn... [viesse à estreia de “Colegas”]. Eu sempre soube que ele gostava muito do Sean Penn, que ele fala que foi o “ <i>I am Sam</i> ” [“Uma lição de amor”] que fez com que ele virasse ator de cinema e ele falou assim: queria muito que ele assistisse o meu filme. Eu achei que fosse comentário dele, mas que não fosse mais do que isso, né? Aí eu fiquei sabendo que eles [Ariel Goldenberg e Rita Pokk] compraram passagem para tentar viajar, mas ele teve um problema, porque o visto não ia ficar pronto e ele me falou. E aí, quando eu contei para as pessoas, as pessoas falaram: incrível, esse garoto corre atrás. E aí, eu e uns amigos, a gente resolveu fazer um vídeo que contasse essa história, que contasse quem é o Ariel. Porque a nossa pretensão não era que o vídeo bombasse, como ele bombou, mas era que chegasse até o Sean Penn. Não ia ser difícil, a gente achava, mas em três dias, depois que a gente fez o vídeo, a gente teve mais de 1 milhão de <i>views</i> , foi o vídeo mais..., o sexto vídeo mais compartilhado do mundo. Então, assim, em cima de um sonho dele a gente criou um vídeo com a intenção de chamar a atenção do ator, mas que, de repente, acabou promovendo o filme. |
| Rita Pokk: [...] famosa eu sou, pela palavra do diretor, eu sempre me sinto famosa, eu vou seguir a minha estrela, a minha vida como atriz. Eu vou com o maior prazer, mais para frente eu planejo fazer outros projetos. Por enquanto, eu quero seguir a minha vida como atriz, do lado do diretor, até o final, mas, no futuro, eu pretendo continuar com ele, mas no futuro mais para frente, como eu disse para o Marcelo uma vez: eu pretendo continuar com você, Marcelo, até o final, mas uma coisa que eu sei é que eu não vou ficar pelo resto da vida com você. Então, eu estou esperando outras oportunidades, de outros diretores me chamarem para fazer filmes. Por enquanto, eu quero só cinema e mais tarde eu vou pensar em fazer novela. |
| Rita Pokk: [...] De vez em quando, o Ariel tem um pouco de ciúmes de mim, quando, assim, eu me aproximo do Theo Werneck nas cenas ou do Felipe Caczan, porque eu achei o Felipe Caczan muito bonito, né? Aí, o Ariel começou a estranhar um pouco. Ariel, é só um filme, é só filme. |
| Marília Gabriela: [...] eu andei lendo que, em contraponto à campanha do Ariel para que viesse o Sean Penn, você falou: por mim não, eu quero que venha mesmo é a Juliana Paes. É isso? |
| Breno Viola: Claro, né? [risos]. Entre um homem e uma mulher, eu prefiro uma mulher, né? |
| Marília Gabriela: E você fez um movimento que é o quê? |
| Breno Viola: Para ver a Juliana Paes. |
| Marília Gabriela: [risos] não é bem assim. O título é “Vem em mim Juliana Paes”, foi? |
| Breno Viola: “Vem Juliana Paes”. |
| Marília Gabriela: Ahhh, “Vem Juliana Paes”. Ahhh, então eu já vi uma adaptação, porque eu vi escrito em algum lugar o: “Vem em mim Juliana Paes”. |
| Marcelo Galvão: Eu ouvi também, mas... [risos]. |
| Breno Viola - [...] eu tenho um sonho de um dia estar representando o Brasil, estar disputando as paralimpíadas. Porque nunca, desde 2012... 2002 que as pessoas com síndrome de <i>Down</i> nunca participam das paralimpíadas. Eu tenho esse objetivo de ter uma chance de disputar. |

Quadro 10 - Sujeito Desejante

(conclusão)

Marília Gabriela: Casamento?
 Breno Viola: Casamento? Ainda não.
 Marília Gabriela: Casamento?
 Rita Pokk: Casamento é uma coisa gostosa e faz a gente se divertir bastante.
 Marília Gabriela: Casamento?
 Ariel Goldenberg: Eu também acho.

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no Programa “De frente com Gabi” (anexo E).

Quadro 11 - Sujeito Independente

Marília Gabriela: Vocês estão morando com a sua mãe?
 Ariel Goldenberg: Isso.
 Marília Gabriela: E vocês conseguem ter uma vida independente?
 Ariel Goldenberg: Apesar de que eu tenho a síndrome, eu levo uma vida normal como as outras pessoas.
 Marília Gabriela: Sem muita interferência da sua mãe?
 Ariel Goldenberg: Exatamente.

Ariel Goldenberg: [...] Além de atuar, além de ator, eu sou o marketing dele [Marcelo Galvão]. Então, eu consegui captar 500 mil para o filme.

Ariel Goldenberg: [...] eu sou bem focado no trabalho, sabe? Eu separo as coisas, eu separo o que é vida real do que é trabalho. Eu sou um cara muito focado. Quando o Marcelo fala... muito focado.

Marília Gabriela: Quando você não está fazendo isso [concedendo entrevistas], você está usando o seu tempo para?
 Ariel Goldenberg: Para Marketing dele [Marcelo Galvão]. Eu o ajudo na divulgação. Qualquer coisa que ele queira fazer, assim, ele me fala, né Marcelo?

Marília Gabriela: Você é o primeiro downiano que... Você é o primeiro faixa preta...
 Breno Viola: ...das Américas...
 Marília Gabriela: Das Américas, é isso? Que é um tremendo título! Você treina diariamente?
 Breno Viola: Treino todo dia.

Marília Gabriela: Você gosta disso? Precisa disso para viver, hoje, o judô?
 Breno Viola: Não só o judô, como outras coisas que eu faço.
 Marília Gabriela: Por exemplo?
 Breno Viola: Eu trabalho num site de internet sobre a síndrome de *Down*.
 Marília Gabriela: Aliás, você vai, no dia 21 de março, que é o Dia Internacional...
 Marcelo Galvão: ...da Síndrome de *Down*.
 Marília Gabriela: ...da Síndrome de *Down*. Você vai à ONU, é isso?
 Breno Viola: Vou.
 Marília Gabriela: O que você vai fazer lá?
 Breno Viola: Eu tenho um texto, que eu estou estudando, que eu vou falar lá na ONU e estamos tentando levar também ou o *trailer* ou o filme para mostrar lá na ONU⁹³.

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no Programa “De frente com Gabi” (anexo E).

Quadro 12 - Sujeito Lúdico

(continua)

Marília Gabriela: Você é um galinha?
 Breno Viola: Galinha não. Galinha é a esposa do galo. Eu sou um galanteador [risos].

Marília Gabriela: E eles se emocionaram muitíssimo, eu me lembro das imagens da época. Eles são muito emotivos, não é? Para a alegria ou para a tristeza. Você teve dificuldade, por isso mesmo, de dirigi-los com mais rigidez aqui ou ali, ou não?

⁹³ “Colegas” foi exibido, em outra oportunidade, na sede da ONU, em *New York City*, durante a VI Conferência de Estados Partes da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. A diplomata Adriana Telles Ribeiro, da missão do Brasil junto às Nações Unidas, estava presente no evento e relatou que a sessão foi um sucesso. Disponível em: <<https://blogcolegasofilme.com/2013/08/08/saiba-como-foi-sessao-do-colegas-na-onu/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

Quadro 12 - Sujeito Lúdico

(conclusão)

Marcelo Galvão: Não. Isso até me ajudou, porque é mais fácil... Eles têm uma facilidade de entrar no personagem que é... Se você fala para o Ariel que ele é um gênio, em 10 segundos, ele vira o gênio. Ele tem o lúdico muito presente e às vezes um ator, você precisa, né? De *Stanislavski*, de técnicas para ele poder criar isso, coisa que para eles já é mais natural. Então, esse lance de eles serem mais emotivos ajuda muito, por exemplo, a Rita é muito profunda em tudo.

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no Programa “De frente com Gabi” (anexo E).

Quadro 13 - Sujeito Transgressor

Marília Gabriela: Você sofreu de preconceito? *Bullying*. Fizeram com você? Eu li em algum lugar sua mãe dizendo que o judô te ajudou a sobreviver ao *bullying*. É isso?
 Breno Viola: Sim. Tinha um rapaz, que ele é alto, acho que são 2 metros de altura, começamos a fazer certas brincadeiras, amarrar aqui [os braços] e os meus pés...
 Marília Gabriela: Na escola?
 Breno Viola: Não, no judô.
 Marília Gabriela: No judô?
 Breno Viola: Ele acha que isso é coisa de homem. É brincadeira de atleta. Aí eu falei para ele: então, aperta mais.
 Marília Gabriela: Você falava isso?
 Breno Viola: Daí eu pá, soltei fora [a corda].

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no Programa “De frente com Gabi” (anexo E).

Ao realizar uma análise conjunta dos planos selecionados em “Colegas” e do “fora de campo” mais próximo da trama, no caso, as entrevistas com Marcelo Galvão e com os três protagonistas, nota-se uma forte conexão entre as categorias observáveis na ficção e as capturadas na entrevista. É evidente que o filme não carrega a obrigação de representação do real e não é esse o enfoque que se busca com essa análise, mas sim de mostrar que dentro ou fora da trama, com mais ou menos intensidade, os sujeitos com SD não são iguais entre si, como as demais pessoas que compõem a sociedade defendiam, pois a semelhança cromossômica não os padroniza enquanto sujeitos.

A diversidade, em todas as suas formas de expressão, é o que enriquece a sociedade e essa riqueza se encontra presente em todo o agrupamento social e não apenas entre os ditos “normais”. Como já mencionado anteriormente, as categorias de análise contribuem para deixar evidente que os sujeitos com *Down* são diferentes entre si e podem ser afetivos, desejantes, independentes, lúdicos ou transgressores como qualquer outra pessoa. Podem ser mais emotivos, como Galvão (2013) arrisca dizer quando se refere à incorporação de personagens, mas, em geral, é a diversidade que caracteriza esses sujeitos, bem como a sociedade.

Equiparando as pessoas com SD, na trama e fora dela, e as pessoas sem a síndrome, o sonho da Aninha no filme, por exemplo, é se casar, Rita Pokk, na época, era casada com Ariel Goldenberg na vida real e considerava o casamento maravilhoso. A reflexão que se faz é que muitas mulheres desejam o mesmo que Aninha ou Rita em relação ao casamento. Do mesmo

modo, assim como ocorre com outros casais, atualmente, Ariel Goldenberg e Rita Pokk se separaram.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, é possível comparar os personagens de Stalone e Márcio, bem como os atores Ariel Goldenberg e Breno Viola. Ariel era casado com Rita, sempre estavam juntos e eram muito parceiros. Já Breno preferia aproveitar a vida de solteiro, sem a responsabilidade do casamento. Atualmente, Breno é noivo. Entre os sujeitos sem SD encontramos perfis mais semelhantes ao do personagem Stalone e do ator Ariel, bem como outros parecidos com o do personagem Márcio e do ator Breno. Além disso, também se nota que os papéis se invertem, ou seja, quem era casado pode se separar, quem não pensava em se casar, agora, é noivo. Isso ocorre também com os demais sujeitos sociais. Na sequência, a interpretação dos dados se dá no sentido de se compreender “Colegas” como enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social, segundo a noção empregada por Foucault (2015) e Deleuze (1996).

7.3 Reconstrução: interpretação dos dados para além da diegese do filme e de sua conexão com a realidade aparente

Como já mencionado anteriormente, 23,9% da população tem algum tipo de deficiência, sendo que, desse total, 1,4% tem deficiência intelectual e, dessas, 0,16% tem SD. Esses números revelam que esse grupo, de um modo amplo, é muito expressivo para ser relegado à inatividade, até porque a expectativa de vida dessas pessoas, sobretudo as com SD, cresceu exponencialmente. Então, em primeiro lugar, vale refletir que a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade ultrapassa o atendimento às reivindicações dessa parcela da população, para se tornar uma necessidade do próprio Estado, ao passo que é insustentável manter esses sujeitos inativos, tendo em vista que se trata de pessoas produtivas, capazes, desde que contem com uma base educacional de qualidade e com oportunidades de inserção no mercado de trabalho.

Nota-se que a DUDH, embora tenha sido concebida em um período longínquo, 1948, teve grande influência em conquistas posteriores pela igualdade de direitos das pessoas com deficiência. Paulatinamente, os movimentos em prol desses sujeitos se fortaleceram e, na década de 1980, como afirma Sasaki (2010), exerceram grande influência sobre o texto da Constituição Federal, de 1988, conhecida como cidadã. No entanto, os estudos, que circundaram esta pesquisa, demonstram que o ponto culminante da conquista de direitos dos sujeitos com deficiência é a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com

Deficiência e seu Protocolo Facultativo, de 2006, promulgada no Brasil, em 2009, como emenda constitucional.

Antes dessa Convenção, havia discursos esparsos em relação à inclusão, mas, após a sua realização e, no caso do Brasil, principalmente após a sua incorporação ao ordenamento jurídico é que o discurso da inclusão passou a ser mais coeso e fortalecido, embora ainda incipiente. Com isso, observa-se que as normas sociais pré-concebidas e embasadas na exclusão, no preconceito e na discriminação, pouco a pouco, estão dando lugar à inclusão social. Porém, como já salientado, trata-se de uma transformação em estágio inicial. Sem perder de vista que o foco desta pesquisa se refere a um tipo específico de deficiência: a SD; é importante destacar, mais uma vez, que o arcabouço legal que circunda a conquista de direitos não é específico para as pessoas com *Down*, mas sim com deficiência, em sentido amplo.

No entanto, como também já foi elencado anteriormente e será reforçado na sequência, muitas instituições, embasadas em um novo discurso social e legal amplificado, direcionam sua atuação especificamente para a SD. É inegável que o filme “Colegas” foi concebido no período que circunda e sustenta o fervor do discurso acerca da inclusão social. Marcelo Galvão, de fato, é sobrinho de uma pessoa com SD, mas, nas palavras dele, o filme “é mais uma homenagem do que uma referência [à vida do tio dele]. O nome é uma homenagem [personagem Márcio], o nome do instituto é o mesmo nome de onde o meu tio estudou. O nome da diretora do instituto também é o mesmo” (GALVÃO, 2013, informação verbal)).

Resgatando os períodos, para fortalecer a análise, o roteiro foi escrito em 2005, momento em que a sociedade internacional estava se articulando em prol da causa das pessoas com deficiência, o recurso foi obtido ao longo dos anos, pois segundo Galvão (2012), referindo-se a uma conversa que teve com Ariel Goldenberg entre a elaboração do roteiro e a obtenção do patrocínio, “Colegas” é um projeto difícil de ser viabilizado financeiramente, devido ao preconceito. Fato é que o recurso foi conseguido em anos subsequentes, como já informado, justamente na intensificação das discussões acerca da inclusão social no Brasil.

Vale destacar que, para as instituições patrocinadoras, associar sua imagem a causas em evidência social é de grande valia. Para intensificar ainda mais a conexão da produção de “Colegas” com o momento histórico no qual foi concebido, o filme foi exibido na sede da ONU em *New York City* durante a VI Conferência de Estados Partes da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Segundo relatos da diplomata Adriana Telles Ribeiro, da missão do Brasil junto às Nações Unidas, a sessão foi um sucesso. Esse discurso coeso com a nova concepção acerca da deficiência fez com que o filme fosse reconhecido nacional e internacionalmente, inclusive com a obtenção de diversos

prêmios, o que consolida ainda mais a visão apresentada nesta pesquisa, que posiciona “Colegas” como dispositivo pedagógico de enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social.

Recompondo alguns pontos marcantes do dispositivo de inclusão social e com a certeza de que a separação entre os “ditos” e os “não ditos” foi empreendida nesta pesquisa apenas para efeitos didáticos, já que ambos estão profundamente imbricados, resgatam-se, a seguir, apenas alguns exemplos dessas práticas discursivas e não discursivas para elucidar esse dispositivo e fortalecer a análise. Em relação aos discursos, foi trazido, como exemplo, o do Instituto MetaSocial, que objetiva conscientizar, reduzir o preconceito e promover a inclusão social e que tem como *slogan* “Ser Diferente é Normal”. Na mesma vertente, a própria existência do Instituto, bem como de outras instituições, como o Movimento *Down*, também já exemplifica mais um elemento do dispositivo, compreendido no rol dos “não ditos”.

Os “não ditos” também são abarcados pelos discursos silenciados, ou seja, aqueles que deixaram de ser proferidos, pelo menos na acepção do “politicamente correto”. Como exemplo, apresenta-se o discurso médico, que vislumbra a deficiência como um problema do portador, em contraponto ao modelo social, consolidado pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, no qual o problema, em relação à deficiência, encontra-se na sociedade, que conta com obstáculos para a inclusão social.

Em “Colegas”, a mensagem que define o modelo social perpassou toda a trama, ainda que de modo implícito, já que as pessoas com SD foram apresentadas com as habilidades necessárias para uma vida em sociedade e as pessoas sem deficiência é que demonstraram dificuldade em relação a essa convivência igualitária. Mais um exemplo de discurso silenciado em relação ao *Down* é a utilização do termo mongoloide, já que essa terminologia é carregada de estigmas e preconceitos. Inclusive, no filme, essa temática foi tratada explicitamente no diálogo travado entre policiais brasileiros e argentinos (anexo B), de modo a demonstrar que a população ainda desconhece conceitos básicos referentes à igualdade e à inclusão.

Ainda exemplificando os “ditos” e os “não ditos” do dispositivo de Foucault (2015), a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, no rol dos “ditos”, é trazida como um dos elementos de destaque, assim como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que compõem o arcabouço legal do ordenamento jurídico brasileiro, entre outras normas. Destaca-se que “o propósito da presente Convenção é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente” (BRASIL, 2009, p. 3).

Como os elementos do dispositivo estão imbricados e um influi decisivamente no outro, é plausível afirmar que essa Convenção teve grande influência sobre os demais elementos, ao passo que, como as pessoas com deficiência sempre integraram uma minoria silenciada, o arcabouço legal influenciou na constituição de práticas discursivas e não discursivas que antes não tinham lugar na sociedade ou ocupavam um espaço periférico. Apresentados alguns exemplos de “ditos” e “não ditos” que compõem o dispositivo de inclusão social, parte-se para elucidação das curvas de visibilidade e de enunciação e das linhas de força e de subjetivação, operacionalizadas por Deleuze (1996) e presentes no dispositivo em análise.

As curvas de visibilidade, que são as “máquinas de fazer ver”, não surgiram na sociedade de modo repentino, ao contrário, viabilizaram-se no bojo do sistema social influenciadas pelas noções de igualdade, trazidas pela DUDH, e pelas lutas em defesa dos sujeitos com deficiência, que culminaram na já mencionada Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Pode-se dizer que, a partir dessa Convenção, as “máquinas de fazer ver” se tornaram muito mais visíveis. Em paralelo às curvas de visibilidade, fortalecem-se as curvas de enunciação, que são as “máquinas de fazer falar”. Os elementos que tornaram visíveis as conquistas empreendidas pelas pessoas com deficiência, em especial as com SD, também deram voz a esses sujeitos, que passaram a defender os seus direitos com eloquência, em comparação a períodos anteriores, em que eram escondidos e nem podiam ser vistos e nem expressar suas ideias.

Todos esses elementos do dispositivo de inclusão social emergem na sociedade porque as linhas de força, conforme explana Deleuze (1996), buscam tensionar os preconceitos, estereótipos e estigmas historicamente arraigados na sociedade que, por muito tempo, excluía as pessoas com SD do convívio social. A inclusão demanda uma mudança cultural profunda, investimentos, reestruturação na saúde pública, no âmbito educacional, no mercado de trabalho, nos discursos, entre outros. É importante salientar que a SD, como deficiência intelectual, coloca em xeque ainda mais a estabilidade dos sistemas sociais, pois expõe o despreparo das instituições em lidar não apenas com esses sujeitos, mas com a sociedade como um todo. Contudo, aos poucos, as mudanças se fazem presentes, mas de maneira gradual.

É importante notar, ainda, as linhas de subjetividade presentes no dispositivo de inclusão social, pois, ao falar dos três protagonistas, Galvão (2012) salientou preferências e habilidades que os definem e os distinguem, na vida real, bem como se pode notar que, no universo diegético, os três também possuem características que os diferenciam. Como defende Fischer (2002), os processos de subjetivação se vinculam à época e ao tipo de formação social do momento histórico em que foram concebidos, construindo sujeitos que não estão prontos, ao

contrário, que estão sempre por se fazer. Assim sendo, as interações sociais exercem influência decisiva sobre a constituição desses sujeitos e, nessa perspectiva, a padronização do *Down* é im procedente, assim como a das demais pessoas que compõem a sociedade.

Reconstruído o dispositivo de inclusão social, que caracteriza o momento histórico em que “Colegas” foi produzido, vale salientar a importância do filme como dispositivo pedagógico de enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social, pois os sujeitos com SD, ao serem estereotipados e estigmatizados, são apartados do convívio social e o filme, enquanto mídia, transmite mensagens às pessoas e pode contribuir, significativamente, para minimizar ou acentuar essas rotulações. Assim, “Colegas” teve o importante papel social de reverberar o discurso de que os sujeitos com SD devem ser tratados com igualdade e incluídos na sociedade.

Nessa perspectiva, “Colegas” aproxima as pessoas com SD dos demais sujeitos sociais, como se pode observar nas categorias de análise elencadas nesta investigação científica, já que o afeto, o desejo, a independência, a ludicidade e a transgressividade não estão atreladas à condição genética dos sujeitos, ainda que possam exercer certa interferência, mas sim a características presentes em pessoas com ou sem deficiência. Portanto, a exclusão social é uma concepção intransigente e que não se justifica no âmbito de sociedades democráticas, pois a deficiência não agride ou abala as relações sociais, ao contrário, as barreiras de sociabilidade são impostas pelos estereótipos e estigmas arraigados na sociedade.

“Colegas”, como já mencionado, foi protagonizado por três jovens com SD, mas também contou em seu elenco com mais de 60 pessoas com *Down*. A experiência vivida por esses jovens na trama deixa rastros da capacidade que dispõem para trabalhar, representar papéis, incorporar personagens, ou seja, o filme apresenta-os de modo diverso do defendido pela sociedade de outrora, que os reduzia à condição de coitadinhos e dependentes. Destaca-se, ainda, que as entrevistas com o diretor da trama e com os três protagonistas foram decisivas para a compreensão de que, as cinco categorias de análise (afetivo, desejante, independente, lúdico e transgressor), em maior ou menor grau, perpassam a própria existência dos três jovens no cotidiano, pois, tanto na trama quanto na vida real, as subjetividades dos sujeitos se fazem presentes.

Ao se pesquisar o espaço de produção, busca-se analisar a concepção de “Colegas” a partir do momento sócio-histórico em que o filme foi concebido, que tem como premissa a inclusão social, presente nos discursos governamentais, legislativos, das instituições que atuam em prol da causa desses sujeitos, entre outros. Como se sabe, a diegese do filme não é a mesma do contexto histórico, ou seja, do “fora de campo”, mas a busca pela realidade não é o que se

almeja com essa investigação e sim a influência que o “fora de campo” exerce na concepção de uma peça audiovisual que não foi criada em outro momento histórico porque não cabia no âmbito de realidades sociais anteriores, que escondiam as pessoas com SD do convívio social.

Posto isso, pode-se notar que a questão-problema que instigou esta investigação científica foi respondida: “como o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme ‘Colegas’, de 2012?”. O sujeito com SD é construído em “Colegas” com base no momento histórico em que foi produzido, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social. Nessa mesma linha, as evidências inicialmente propostas também puderam ser constatadas no transcorrer da análise. Assim sendo, “Colegas” demonstra, como primeira evidência, que as pessoas com SD são capazes de viver como qualquer outro sujeito social e, como segunda evidência, tem-se que o momento histórico no qual o filme foi concebido busca fortalecer o discurso de inclusão na sociedade.

Na mesma direção, o objetivo geral e os específicos também puderam ser alcançados, ao passo que foi possível compreender o dispositivo de inclusão social a partir da análise do filme “Colegas”, de 2012, e do contexto sócio-histórico de sua produção, com base na noção de dispositivo empregada por Foucault (2015) e operacionalizada por Deleuze (1996). Também se pôde tecer a rede do dispositivo de inclusão social, a partir das curvas de visibilidade e das curvas de enunciação, das linhas de força e das linhas de subjetivação, propostas por Deleuze (1996) e presentes no filme em análise; investigar o dispositivo de inclusão social a partir dos discursos circulantes no momento histórico da produção do filme; e identificar as categorias constitutivas do sujeito com síndrome de *Down* em “Colegas”.

8 CONSIDERAÇÕES

Em uma sociedade fortemente permeada por preconceitos, estigmas e estereótipos, fraturas e fissuras podem ser notadas, na contemporaneidade, ao passo que práticas discursivas e não discursivas, antes silenciadas, neste momento, ao menos passaram a compor a pauta das discussões públicas. Entre as mudanças que têm ganhado visibilidade e enunciabilidade, encontra-se a defesa dos direitos das pessoas com deficiência, que nesta investigação científica tem como foco, em especial, os sujeitos com SD. Nesta dissertação, buscou-se compreender o dispositivo de inclusão social a partir da análise do filme “Colegas”, de 2012, que foi concebido como enunciação discursiva do dispositivo em análise.

Nessa peça audiovisual, é possível notar as linhas de força que são produzidas no sentido de romper com os “ditos” e os “não ditos” que sustentam a exclusão social, bem como as linhas de subjetivação, que demonstram que os sujeitos com *Down* não são todos iguais por contarem com uma condição genética similar, ao contrário, assemelham-se às demais pessoas que compõem o sistema social, ao passo que não é a síndrome que define o modo como o *Down* se posiciona nas interações sociais, mas, assim como os demais sujeitos, são as interações que produzem o ser, que não está pronto e se constitui nesse fazer.

Como estratégia inicial, buscou-se compreender as práticas discursivas e não discursivas em relação à deficiência e, sem se preocupar com a origem, encontrou-se a DUDH que, apesar de ter sido concebida em 1948, portanto, em um período que difere do contemporâneo pelas próprias mudanças naturais pelas quais passam a sociedade periodicamente, ainda assim, com os estudos, percebeu-se que essa Declaração influenciou noções que ainda hoje estão sendo buscadas pela sociedade, como a igualdade.

Ao aprofundar os conhecimentos acerca da deficiência, na qual se inclui a SD, notou-se a influência da DUDH sobre a constituição da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, considerada um marco em defesa da causa, que agregou ações esparsas, ressignificou-as e fez emergir diversas outras, fortalecendo e norteando o movimento em prol da inclusão social. Em suma, o que se almeja com essa Convenção é que as pessoas com deficiência sejam, em essência, tratadas como sujeitos singulares e protagonistas de suas vidas.

Ao ampliar o leque de discursos e práticas sociais, notaram-se movimentações importantes da sociedade, em diversos campos, e todos esses elementos, tecidos por uma rede que os entrelaça, compõem o que esta investigação científica, com base nos estudos de Foucault (2015) e de Deleuze (1996), nomeia de dispositivo de inclusão social. Nessa conjectura emerge

“Colegas”, que não é a única peça audiovisual nesse sentido, mas sem dúvida, uma das mais marcantes produzidas na contemporaneidade, já que coloca no centro da trama e também em suas adjacências, atores com SD, empoderando-os e demonstrando para a sociedade que eles são capazes de viver como os demais sujeitos sociais.

Com o olhar para o dispositivo de inclusão social a partir de “Colegas” e de seu espaço de produção, pôde-se observar que categorias de sujeitos encontradas na trama (afetivo, desejante, independente, lúdico e transgressor) também foram observadas nas entrevistas com os três protagonistas, ao falar de seu cotidiano, e fazem parte do dia a dia das demais pessoas que compõem a sociedade. Desse modo, o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme “Colegas”, de 2012, como qualquer sujeito social, ao passo que são afetivos, desejantes, independentes, lúdicos, transgressores, entre diversas outras possibilidades, sustentando a inclusão social como premissa.

Assim, mais uma vez, reforça-se que o sujeito com SD é construído em “Colegas” com base no momento histórico em que foi produzido, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social. No entanto, é imprescindível que se observe que, com este estudo, não se almeja encontrar respostas conclusivas, ao passo que a inclusão social é um campo em franco desenvolvimento, em constante construção. O mais relevante é refletir sobre o momento que a sociedade está vivenciando em relação às pessoas com deficiência, em especial com SD. Ao mesmo tempo em que ainda se notam diversas barreiras, como as comportamentais, as atitudinais, as comunicacionais e as de acessibilidade, também se notam rupturas, que ocasionam mudanças no modo como o dispositivo em análise se constitui.

Sabe-se que, na prática, as pessoas com *Down* ainda são vítimas de preconceitos e discriminações, que as escolas não estão adequadas para recebê-las, que as pesquisas na área de saúde não contam com investimentos para esses sujeitos, que os locais de trabalho estão aquém de suas necessidades de desenvolvimento, além de muitos outros problemas enfrentados no dia a dia. De todo modo, plenamente conscientes da realidade, ainda assim, considera-se um saldo positivo em relação às conquistas empreendidas ao longo da história e “Colegas” é uma prova disso.

Destaca-se que o processo de mudança exige um caminho de lutas e de conquistas graduais. Nesse contexto, é imprescindível que a sociedade, cada vez mais, assuma uma postura propositiva e procure, continuamente, intervir em prol da constituição de práticas cidadãs, estabelecendo novas produções subjetivas que fortaleçam os discursos contra-hegemônicos e ressignifiquem as construções sociais com respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: _____. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. cap. 2, p. 25-54.

ALMEIDA, P.; NICACIO, A.; SALES, M. **10 coisas que todo mundo precisa saber sobre síndrome de Down.** Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Folder-Guia-para-jornalistas-arquivo-digital_bx.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

AMPID. **Convenções e Declarações da ONU sobre a Pessoa com Deficiência.** Disponível em: <http://www.ampid.org.br/ampid/Docs_PD/Convencoes_ONU_PD.php#decladireitospd>. Acesso em: 12 out. 2018.

APAE BRASIL. Disponível em: <<https://apaebrasil.org.br/page/2>>. Acesso em: 20 out. 2018.

ASSOCIAÇÃO AMIGO *DOWN*. Disponível em: <<http://www.amigodown.com.br/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO *DOWN*. Disponível em: <<http://www.adid.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

AUMONT, J.; BERGALA, A.; MARIE, M.; VERNET, M. **A estética do filme.** Tradução Maria Appenzeller. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

BAMPI, L.; GUILHEM, D.; ALVES, E. Modelo Social: uma nova abordagem para o tema deficiência. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1-9, jul./ago. 2010.

BARTALOTTI, C. C. **Nenhum de nós é tão esperto como todos nós:** construindo histórias de sucesso na inclusão de crianças com deficiência mental na creche. 2004. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5. out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 out. 2018.

_____. Decreto nº 186, de 9 de julho de 2008. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jul. 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2008/decretolegislativo-186-9-julho-2008-577811-publicacaooriginal-100742-pl.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

_____. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 ago. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

_____. **Diretrizes de Atenção à Pessoa com Síndrome de *Down***. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

_____. **Resolução nº 1, de 25 de fevereiro de 2015**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cpd/documentos/historico-da-cpd>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. **Resolução nº 230, de 22 de junho de 2016**. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3141>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 09 out. 2018.

_____. **Legislação Brasileira sobre Pessoas com Deficiência**. 7. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, de 07 de janeiro de 2008**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. **Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD)**. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

CASARIN, S. Aspectos psicológicos na síndrome de *Down*. In: SHWARTZMAN, J. S. (Org.). **Síndrome de *Down***. São Paulo: Memnon/Mackenzie, 2003. cap. 12, p. 263-285.

CENTRO de Educação Especial Síndrome de *Down*. Disponível em: <<http://www.ceesd.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

COLEGAS, o filme. Disponível em: <<https://blogcolegasofilme.com/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

CONGRESSO Brasileiro sobre Síndrome de *Down*. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/viii-congresso-brasileiro-de-sindrome-de-down>>. Acesso em: 21 out. 2018.

COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo**. 1996. Disponível em: <http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

ESCOLA de Gente. **Manual da mídia legal 3: comunicadores pela saúde**. Rio de Janeiro: WVA Editora, 2004.

_____. Disponível em: <<http://www.escoladegente.org.br/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

FAMÍLIA *Down* e Amigos. Disponível em: <<http://www.familiadown.com.br/eventos/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

FESTIVAL Assim Vivemos. Disponível em: <<http://www.assimvivemos.com.br/2017/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Microfísica do Poder**. 2. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. O Pensamento do Exterior. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Coleção Ditos e Escritos III - Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 219-242.

_____. **Vigiar e punir**. 42. ed. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

FREIRE FILHO, J. Mídia, estereótipos e representação das minorias. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 45-71, ago./dez. 2004.

FUNDAÇÃO SÍNDROME DE *DOWN*. Disponível em: <<http://www.fsdowndown.org.br/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

FÜRSICH, E. O problema em representar o outro: mídia e diversidade cultural. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 51-71, jan./jun. 2016.

GADIM BRASIL. **Mídia & Deficiência**. Disponível em: <<https://www.gadimbrasil.org/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

GALVÃO, M. **Marcelo Galvão fala sobre Colegas no Sem Censura**. 2012. Disponível em: <<https://vimeo.com/49708690>>. Acesso em: 20 out. 2018.

GALVÃO, M.; GOLDENBERG, A. **De frente com Gabi - Elenco do Filme “Colegas” (parte 1)**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=leNs6N6VnP4&t=723s>>. Acesso em: 20 out. 2018.

GALVÃO, M.; POKK, R. **De frente com Gabi - Elenco do Filme “Colegas” (parte 2)**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PTAwWsKBhdk>>. Acesso em: 20 out. 2018.

GALVÃO, M.; VIOLA, B. **De frente com Gabi - Elenco do Filme “Colegas” (parte 3)**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eqOy-yqVmWY&t=467s>>. Acesso em: 20 out. 2018.

GOLDENBERG, A.; POKK, R.; VIOLA, B. **De frente com Gabi - Elenco do Filme "Colegas" (parte 4)**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eVPfis0XOho&t=13s>>. Acesso em: 20 out. 2018.

IBGE. **Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência**. 2012. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2018.

INSTITUTO ÁPICE *DOWN*. Disponível em: <<https://www.institutoapicedown.org.br/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

INSTITUTO ITARD. Disponível em: <<https://institutoitard.com.br/o-que-e-educacao-inclusiva-um-passo-a-passo-para-a-inclusao-escolar/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

INSTITUTO MANO *DOWN*. Disponível em: <<https://www.manodown.com.br/category/eventos/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

INSTITUTO META SOCIAL. Disponível em: <<https://www.metasocial.org.br/sobre>>. Acesso em: 20 out. 2018.

INSTITUTO OLGA KOS INCLUSÃO CULTURAL. Disponível em: <<http://www.institutoolgakos.org.br/2.0/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

MENDONÇA, M. L. M. As múltiplas faces da cultura. In: _____. (Org.). **Mídia e Diversidade Cultural: experiências e reflexões**. Brasília: Casa das Musas, 2009. cap. 2, p. 39-52.

METZ, C. **A significação no cinema**. Tradução Jean-Claude Bernardet. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MINHA *Down é Up*. Disponível em: <<http://www.minhadowneup.com.br/sobre/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

MORAES, D. **Imaginário social e hegemonia cultural**. 2002. Disponível em: <<https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MOVIMENTO *DOWN*. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2018a.

_____. **Legislação e Direitos**. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/direitos/legislacao-e-direitos/>>. Acesso em: 05 set. 2018b.

_____. **O que é**. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>>. Acesso em: 18 out. 2018c.

_____. **Pesquisas sobre síndrome de Down no mundo**. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2013/01/pesquisas-sobre-sindrome-de-down-no-mundo/>>. Acesso em: 20 out. 2018d.

_____. **Qual é a diferença? - série do Fantástico sobre a síndrome de *Down*.** Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2015/08/qual-e-a-diferenca/>>. Acesso em: 19 out. 2018e.

_____. **21 de março: Dia Internacional da Síndrome de *Down*.** Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/2015/03/21-de-marco-dia-internacional-da-sindrome-de-down/>>. Acesso em: 20 out. 2018f.

MUSTACCHI, Z. **Zan Mustacchi fala sobre Síndrome de *Down* no site de Drauzio Varella.** 2012. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/sindrome-de-down-2/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

NETFLIX. **Colegas.** Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 07 out. 2018.

PIOVESAN, F. **Direitos Humanos e o Direito Constitucional Internacional.** 14. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2013.

PIRES, M. da C. F.; SILVA, S. L. P. da. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, SP, v. 35, n. 127, p. 607-616, abr./jun. 2014.

PRIMEIRO FILME. **Enquadramentos: planos e ângulos.** Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

REDE Globo de Televisão. **Novela Páginas da Vida.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/paginas-da-vida/trama-principal.htm>>. Acesso em: 19 out. 2018.

_____. **Pessoas com *Down* cantam com time de músicos no palco do Fantástico.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6608920/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

_____. **Tudo começa pelo respeito.** Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/Responsabilidade-Social/respeito/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005.

REVISTA D+. Disponível em: <<http://revistadmais.com.br/tag/sindrome-de-down/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

REVISTA INCLUSÃO SOCIAL. Brasília-DF: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), 2005. Semestral. Índice acumulado: 2005-2017. ISSN: 1808-8678. Disponível em <<http://revista.ibict.br/inclusao>>. Acesso em: 19 out. 2018.

SANTOS, M.; MARCELINO, T.; KÖCHE, J. Narrativa Cinematográfica: um dos mundos possíveis para adentrar o universo conceitual da hospitalidade. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 27, n.2, p. 454-468, ago. 2016.

SANTOS, Y. B. da S. **As políticas públicas de educação para a pessoa com deficiência: a proposta dos institutos federais**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2011.

SASSAKI, R. K. Brasília: **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Entrevista concedida a LANNA JÚNIOR, M. C. M., 2010.

_____. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: VIVARTA, Veet (Org.). **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi/Fundação Banco do Brasil, 2003. cap. anexo, p. 160-165.

TUZZO, S. A. **Os sentidos do impresso**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ. **Ensaio sobre análise fílmica**. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

YOUTUBE. **Todo bebê é um bebê Johnson's**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q977nSSYXMo>>. Acesso em: 10 out. 2018.

ZOELLICK, R.; CHAN, M. Prefácio. In: Hartley, Sally et al. (Org.). **Relatório mundial sobre a deficiência**. Tradução Lexicus Serviços Linguísticos. São Paulo: SEDPcD, 2012. cap. prefácio, p. XI.

**ANEXO A – DECOMPOSIÇÃO FÍLMICA DA SEQUÊNCIA DE “COLEGAS” DOS
11 MINUTOS E 03 SEGUNDOS AOS 13 MINUTOS E 52 SEGUNDOS
(2 MINUTOS E 49 SEGUNDOS)**

Quadro 14 - Decomposição fílmica da primeira sequência escolhida: planos 1 a 29

| Plano 1 | |
|--|--|
| Imagem - plano aberto | |
|  | |
| <p>Karmann-Guia vermelho passava pela estrada com Aninha, Stalone e Márcio, em alta velocidade, quando avistaram o circo, à direita.</p> | |
| Palavra/Áudio | |
| <p>Aninha: Olha um circo! Para! Para! Márcio: Dê ré aí, Mr. Green.</p> | |
| <p>Trilha Sonora: “Quando acabar o Maluco sou eu”, do Raul Seixas.</p> | |

Plano 2**Imagem - plano aberto**

O carro retorna de ré e estaciona em frente ao circo.

Palavra/Áudio

Márcio: Isso, isso aí! Aí está bom.

Plano 3**Imagem - plano médio**

Aninha desce na frente, em seguida saem do carro Márcio e Stalone (motorista). Márcio desce com um saco de pano branco nas mãos.

Palavra/Áudio

Aninha: Nossa, que bonito!

Márcio: Vamos, vamos, vamos descer!

Aninha: Vem, vem, vem!

Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense.

Plano 4**Imagem - plano médio**

Para chegar ao circo, há uma cerca no caminho. Stalone segura a cerca para que a Aninha e o Márcio possam passar.

Palavra/Áudio

Stalone: Ou, ou, as damas primeiro, ou!

Márcio: Ahhh!

Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense.

Plano 5**Imagem - plano aberto**

Aninha e Márcio caminham rapidamente em direção ao circo e não esperam por Stalone.

Palavra/Áudio

Stalone: Oh meu, e eu? Não vai me ajudar, não? Me espera, pô! Que saco!

Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense.

Plano 6**Imagem - plano aberto**

Stalone tenta passar a cerca sozinho, mas não consegue e senta-se na grama, chateado.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense.

Plano 7**Imagem - plano médio**

Stalone se levanta e acaricia o cachorro que apareceu próximo à cerca.

Palavra/Áudio

Stalone: Ei, bonitão. Ei, bonitão. Tudo bem com você, bonitão?

Áudio: Au, au, late o cachorro.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense.

Plano 8**Imagem - plano aberto**

O cachorro guia Stalone ao circo, por um trecho de acesso mais fácil.

Palavra/Áudio

Stalone: Cachorro esperto, hein?

Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense.

Plano 9**Imagem - plano aberto**

Stalone e o cachorro entram no circo.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense.

Plano 10**Imagem - plano aberto**

Stalone admira o ambiente interno do circo, olhando para todos os lados e para cima. Ele abre os braços ao se referir ao circo como um local encantador.

Palavra/Áudio

Stalone: Uau! Que circo bacana, cara! Olha isso!

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 11**Imagem - plano fechado**

Stalone abre uma caixa repleta de objetos do circo.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 12**Imagem - plano fechado**

Em outro local do circo, Aninha olha admirada para uma lanterna que ela encontrou.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 13**Imagem - plano fechado**

Stalone chama Aninha e Márcio para olharem as roupas e os acessórios que estão dentro da caixa que ele encontrou.

Palavra/Áudio

Stalone: Gente, vem cá, meu! Tem um monte de coisas legais aqui, meu! Vem, meu! Isso!

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 14**Imagem - plano fechado**

Márcio começa a selecionar as roupas e os acessórios de seu interesse.

Palavra/Áudio

Márcio: Minha capa...

Márcio: Meu capacete...

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 15**Imagem - plano fechado**

Stalone entrega a Márcio uma sunga.

Palavra/Áudio

Stalone: Olha, uma sunga.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 16**Imagem - plano médio**

Eles se vestem com as roupas e os acessórios que mais se identificaram. Stalone se curva a Aninha quando ela se diz uma princesa.

Palavra/Áudio

Aninha: Sou uma princesa.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 17**Imagem - plano médio**

Stalone pega uma arma de brinquedo e atira em direção a Márcio.

Palavra/Áudio

Márcio: Para o alto e avante!

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 18**Imagem - plano aberto**

Márcio, com sua capa e seu capacete, abre os braços e corre em volta do picadeiro, como se estivesse voando, enquanto Aninha e Stalone caminham.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 19**Imagem - plano médio**

Aninha está sorridente. Stalone também está sorridente e caminha pelo circo enviando beijos para o vazio.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 20**Imagem - plano aberto**

Stalone encosta na corda do trapézio e Márcio senta-se no picadeiro.

Palavra/Áudio

Stalone: Bem, como eu sou o gênio, nós temos direito a três desejos.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 21**Imagem - plano médio**

Aninha fala o desejo dela.

Palavra/Áudio

Aninha: eu quero casar.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 22**Imagem - plano médio**

Márcio fala o desejo dele.

Palavra/Áudio

Márcio: eu quero voar.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 23**Imagem - plano médio**

Stalone fala o desejo dele.

Palavra/Áudio

Stalone: eu quero ver o mar.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 24**Imagem - plano fechado**

Stalone dirige-se a Márcio.

Palavra/Áudio

Stalone: oh bonitão, escolha um número.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 25**Imagem - plano fechado**

Márcio responde.

Palavra/Áudio

Márcio: 22.

Plano 26**Imagem - plano fechado**

Stalone começa a enumerar, alternadamente, o Márcio e ele para saber quem terá direito a realizar o primeiro desejo.

Palavra/Áudio

Stalone: 1, 2, 3, 4, 5, 20, 21, 22.

Stalone: eu sou o primeiro [risos].

Trilha Sonora: Música instrumental que indica magia, encantamento.

Plano 27**Imagem - plano fechado**

Aninha dirige-se a Márcio e pede para ele escolher um número. Márcio responde. Aninha começa a enumerar, alternadamente, o Márcio e ela para saber quem terá direito a realizar o segundo desejo.

Palavra/Áudio

Aninha: Escolha outro número.

Márcio: 1000.

Aninha: 1, 2, 10, 20, 30, 40, 1000. Eu sou a segunda.

Márcio: Ah!

Plano 28**Imagem - plano aberto**

Stalone reúne os amigos e os convida para um grito de guerra. Prontamente, o cachorro também se inclui ao time.

Palavra/Áudio

Stalone: Os três mosqueteiros.

Áudio: O cachorro late, avisando que também passará a compor a turma dos colegas.

Stalone: Os três mosqueteiros, que também eram quatro.

Stalone: Então é um por todos...

Aninha, Márcio e Stalone: ...e todos por um.

Trilha Sonora: Música instrumental.

Plano 29**Imagem - plano aberto**

Aninha, Márcio, Stalone e o cachorro deitam-se em uma lona estendida no centro do circo e dormem.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental.

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no filme “Colegas”.

ANEXO B – DECOMPOSIÇÃO FÍLMICA DA SEQUÊNCIA DE “COLEGAS” DE 1 HORA, 25 MINUTOS E 24 SEGUNDOS A 1 HORA, 29 MINUTOS E 50 SEGUNDOS (4 MINUTOS E 26 SEGUNDOS)

Quadro 15 - Decomposição fílmica da segunda sequência escolhida: planos 1 a 66

| Plano 1 | |
|---|--|
| Imagem - plano aberto | |
|  | |
| A polícia está à procura de Aninha, Stalone e Márcio pelas transgressões cometidas. | |
| Palavra/Áudio | |
| Áudio: Sirenes e buzinas. | |
| Trilha Sonora: Música instrumental que indica suspense. | |

Plano 2**Imagem - plano médio**

Stalone chama a atenção das pessoas no restaurante francês, em Buenos Aires, na Argentina, para brindar o seu casamento com Aninha.

Palavra/Áudio

Locutor (Senhor Arlindo): Aquele momento era especial para eles. Agora só faltava um sonho para ser realizado.
Stalone: Um brinde ao meu casamento... meu e o da Aninha.

Áudio: Garfo batido na taça.

Plano 3**Imagem - plano médio**

Aninha e Márcio brindam em comemoração ao discurso de Stalone.

Palavra/Áudio

Áudio: Eeeeeeeee (Aninha e Márcio).

Plano 4**Imagem - plano médio**

Márcio sobe na cadeira do restaurante e anuncia que irá realizar o sonho dele de voar.

Palavra/Áudio

Márcio: Agora, eu vou voar.

Áudio: Márcio profere a frase aos gritos.

Plano 5**Imagem - plano médio**

Garçom pede para Stalone e Márcio descerem da cadeira.

Palavra/Áudio

Garçom: Por favor, bajense de ahí. (Tradução: Por favor, desçam daí.)

Stalone: Não bajo. (Tradução: Não desço, não desço.)

Garçom: Bajense. (Tradução: Desçam.)

Stalone: Não bajo, não bajo. (Tradução: Não desço, não desço.)

Márcio: Não bajo, não bajo, não bajo. (Tradução: Não desço, não desço, não desço.)

Plano 6**Imagem - plano fechado**

Policiais brasileiros em ação.

Palavra/Áudio

Policial 1: Vai.

Policial 2: Vai primeiro.

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 7**Imagem - plano médio**

Funcionário do Grupo Mais Emergências aguardando a ação da polícia para capturar os três jovens.

Palavra/Áudio

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 8**Imagem - plano médio**

Repórter entrevista testemunhas em relação aos infratores.

Palavra/Áudio

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 9**Imagem - plano fechado**

Policial Argentino à espera de comando para agir.

Palavra/Áudio

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 10**Imagem - plano médio**

População querendo entender o que está ocorrendo, pois a área encontra-se isolada devido à gravidade da operação policial.

Palavra/Áudio

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 11**Imagem - plano fechado**

Grupo especial da polícia mira em direção ao restaurante no qual se encontram Aninha, Márcio e Stalone.

Palavra/Áudio

Policial Argentino: Por favor, a todas las personas mantenerse detrás de la faja de seguridad, por favor. (Tradução: Por favor, todas as pessoas devem se manter atrás da faixa de segurança.)

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 12**Imagem - plano fechado**

Grupo especial da polícia mira em direção ao restaurante no qual se encontram Aninha, Márcio e Stalone.

Palavra/Áudio

Policia! Argentino: Sólo repito, no pasar por la faja de seguridad que puede haber disparos en cualquier momento. (Tradução: Somente repito, não passar pela faixa de segurança que pode haver disparos a qualquer momento.)

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 13**Imagem - plano fechado**

Grupo especial da polícia mira em direção ao restaurante no qual se encontram Aninha, Márcio e Stalone.

Palavra/Áudio

Áudio: Sirene.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 14**Imagem - plano fechado**

Preciso levar os meninos pro Brasil
o mais rápido possível.

Interação entre os chefes das polícias brasileira e argentina no caso dos jovens Aninha, Márcio e Stalone.

Palavra/Áudio

Batatinha Ferrari: Necesito llevar los chicos para Brasil lo más rápido posible. (Tradução: Preciso levar os meninos para o Brasil o mais rápido possível.)

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 15**Imagem - plano fechado**

Não me dê ordens.
Quem dá ordens aqui sou eu.

Interação entre os chefes das polícias brasileira e argentina no caso dos jovens Aninha, Márcio e Stalone.

Palavra/Áudio

Chefe da polícia Argentina: No me dé órdenes. Quién da órdenes aquí soy yo. (Tradução: Não me dê ordens. Quem dá ordens aqui sou eu.)

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 16**Imagem - plano fechado**

Investigadores do caso dos jovens Aninha, Márcio e Stalone desde o princípio. Eles foram afastados das investigações pelo novo chefe brasileiro, já que não conseguiram solucionar o caso.

Palavra/Áudio

Investigador brasileiro 1: Não acredito que vocês armaram essa parafernália toda por causa de três crianças.

Plano 17**Imagem - plano fechado**

Interação entre o novo chefe da polícia brasileira e o investigador 2 no caso dos jovens Aninha, Márcio e Stalone.

Palavra/Áudio

Batatinha Ferrari: O que vocês estão fazendo aqui? Já não dispensei os dois? Os dois estão fora. Para fora os dois.

Investigador brasileiro 2: Calma, Batatinha.

Batatinha Ferrari: Batatinha é a sua mãe.

Investigador brasileiro 2: Caralho.

Plano 18**Imagem - plano fechado**

No Brasil, eu estou no comando!

Discussão entre os chefes das polícias brasileira e argentina.

Palavra/Áudio

Chefe da polícia Argentina: Pero que pasa aqui? (Tradução: O que está acontecendo?)

Batatinha Ferrari: Señor, yo soy el responsable por la situación! (Tradução: Senhor, eu sou o responsável pela situação!)

Chefe da polícia Argentina: El único jefe policial aqui soy yo. (Tradução: O único chefe policial aqui sou eu.)

Batatinha Ferrari: Yo soy el responsable por la situación! (Tradução: Eu sou o responsável pela situação!)

Chefe da polícia Argentina: No. Yo soy el responsable. (Tradução: Não. Eu sou o responsável.)

Batatinha Ferrari: En Brasil, yo estoy en el comando, señor! (Tradução: No Brasil, eu estou no comando, senhor!)

Plano 19**Imagem – plano fechado**

Cale a boca, senão te prendo!

Discussão entre os chefes das polícias brasileira e argentina.

Palavra/Áudio

Chefe da polícia Argentina: Callese la boca, se no lo encano. (Tradução: Cale a boca, senão vou prendê-lo.)

Batatinha Ferrari: Claro, señor, un momento. (Tradução: Claro, senhor, um momento.)

Plano 20**Imagem – plano fechado**

Investigadores brasileiros argumentam com o comandante argentino sobre a possibilidade de uma tragédia.

Palavra/Áudio

Investigador 1: Comandante, veja bem... 5 minutos e o senhor pode evitar uma tragédia. Comandante, 5 minutos é o que a gente quer. São 3 crianças... Como fala *Down*?

Investigador 2: Miongoloides.

Investigador 1: Isso.

Plano 21**Imagem – plano fechado**

Mongolóides? Pior ainda.

Comandante argentino indaga acerca do caso dos três jovens, que terá um desfecho ainda mais difícil por serem mongoloides.

Palavra/Áudio

Chefe da polícia Argentina: Mongóles? Peor, todavía. (Tradução: Mongoloides? Pior ainda.)

Plano 22**Imagem - plano fechado**

Comandante argentino indaga acerca do caso dos três jovens, que terá um desfecho ainda mais difícil por serem mongoloides.

Palavra/Áudio

Chefe da polícia Argentina: Cómo lo van a solucionar? Son psiquiatras? (Tradução: Como vão solucionar? São psiquiatras?)

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 23**Imagem - plano fechado**

Aninha prepara-se para anunciar um assalto.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 24**Imagem - plano fechado**

Aninha anuncia o assalto.

Palavra/Áudio

Aninha: Everybody, this is a robbery! (Tradução: Mãos ao alto, isso é um assalto!)

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 25**Imagem - plano médio**

Cliente do restaurante corre para fora e anuncia o que está ocorrendo.

Palavra/Áudio

Cliente do restaurante: Hay una chica armada! (Tradução: Tem uma menina armada!)

Áudio: Gritos de desespero.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 26**Imagem - plano médio**

Policiais invadem o restaurante para conter os três jovens.

Palavra/Áudio

Policiais: Sai, sai, sai.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica ação.

Plano 27**Imagem - plano médio**

Policiais entram no restaurante e miram armas para os três jovens.

Palavra/Áudio

Cliente do restaurante: Miren las armas. (Tradução: Olhem as armas.)

Áudio: Som de passos apressados.

Plano 28**Imagem - plano fechado**

Policial segue com a arma apontada em direção aos jovens, enquanto o investigador 1 gesticula para tentar impedir uma tragédia.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica o clímax.

Plano 29**Imagem – plano médio**

Aninha está com a arma de brinquedo apontada para os policiais e, com o efeito de cena, Márcio sobrevoa Aninha.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica o clímax.

Plano 30**Imagem – plano fechado**

Policial dispara e acerta Márcio.

Palavra/Áudio

Áudio: Barulho do disparo e do gemido de dor de Márcio.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica o clímax.

Plano 31**Imagem – plano fechado**

Policiais após o disparo.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica o clímax.

Plano 32**Imagem - plano fechado**

Expressão de Stallone após o disparo ter acertado o Márcio.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica o clímax.

Plano 33**Imagem – plano médio**

Aninha e Stallone choram ao ver Márcio baleado.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica tristeza e comoção.

Plano 34**Imagem – plano fechado**

Os policiais fixam seus olhares em direção aos jovens, em especial à Márcio, que foi baleado. O investigador 1 parece não acreditar no ocorrido, já o Batatinha Ferrari aparenta se sentir com o dever cumprido.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica tristeza e comoção.

Plano 35**Imagem – plano fechado**

Cliente do restaurante aprecia o ocorrido com o olhar triste.

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica tristeza e comoção.

Plano 36**Imagem - plano médio**

Aninha e Stalone seguem ao redor de Márcio

Palavra/Áudio

Trilha Sonora: Música instrumental que indica tristeza e comoção.

Plano 37**Imagem - plano médio**

Aninha é arrastada pelos policiais para longe de Márcio.

Palavra/Áudio

Policiais: Separa, separa.

Aninha: Não, não quero. Não, não, não.

Áudio: Choro de Aninha.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica tristeza e comoção.

Plano 38**Imagem – plano médio**

Stalone agarra as pernas de Márcio, para não deixar o amigo, mas os policiais o retiram do local.

Palavra/Áudio

Policiais: Vamo, vamo, vamo.

Policial Argentino: [...] espacio para la camisa, por favor. Saque-lo, surto, surtado. (Tradução: [...] espaço para a camisa, por favor [...].)

Trilha Sonora: Música instrumental que indica tristeza e comoção.

Palavra/Áudio dos Planos 39 a 65⁹⁴

Locutor (Senhor Arlindo): De repente, tudo ficou escuro e um turbilhão de imagens começou a surgir como um *flash back* na cabeça de Márcio. Em segundos, ele viveu novamente todas as emoções daqueles últimos dias. Para Márcio, a vida era muito curta para ser pequena. Por isso, até no final, ele tinha que aproveitar.

Trilha Sonora: Música instrumental que indica o sentimento de diversão de Aninha, Márcio e Stalone.

⁹⁴A locução dos planos 39 a 65 está concatenada e as frases perpassam de um plano ao outro, de modo rápido, não sendo possível atribuir uma frase a uma imagem, mas sim ao conjunto de planos apresentados.

Plano 39**Imagem – plano aberto**

Márcio começa a se lembrar do que viveu durante a aventura com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 40**Imagem - plano fechado**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 41**Imagem – plano fechado**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 42**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 43**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 44**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 45**Imagem - plano fechado**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 46**Imagem - plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 47**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 48**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 49**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 50**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 51**Imagem – plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 52**Imagem – plano fechado**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 53**Imagem - plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 54**Imagem - plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 55**Imagem - plano fechado**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 56**Imagem - plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 57**Imagem - plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 58**Imagem - plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 59**Imagem - plano fechado**

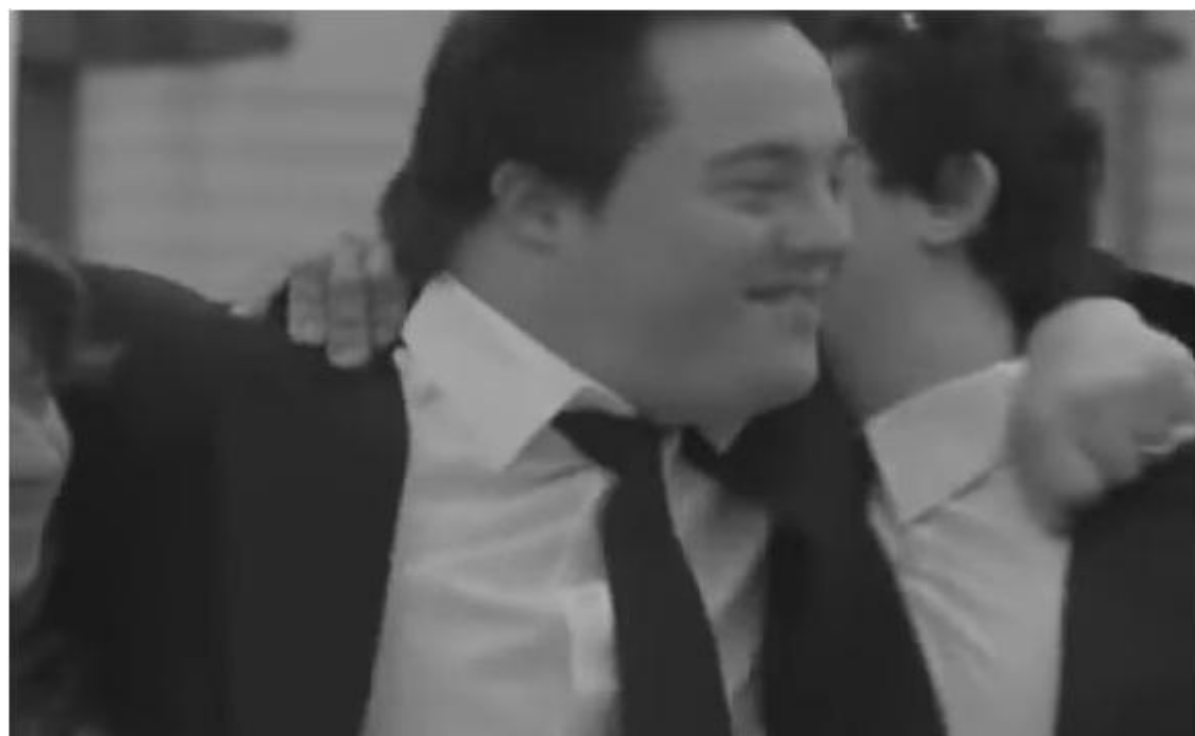
Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 60**Imagem - plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 61**Imagem – plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 62**Imagem – plano fechado**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 63**Imagem – plano médio**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 64**Imagem – plano fechado**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 65**Imagem – plano aberto**

Lembranças de Márcio durante a aventura que viveu com os amigos Aninha e Stalone.

Plano 66**Imagem – plano aberto**

Aninha, Márcio e Stalone são conduzidos ao Brasil pelos policiais.

Palavra/Áudio

Áudio: decolagem do avião.

Fonte: elaborado pela autora (2018) com base no filme “Colegas”.

ANEXO C – BIOGRAFIAS DO DIRETOR E DOS TRÊS PROTAGONISTAS DE “COLEGAS”

Marcelo Galvão é graduado em Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo, e iniciou sua carreira de redator publicitário na Faculdade. Trabalhou no departamento de criação de diversas agências e ganhou diversos prêmios na área de redação. Em 1999, foi morar em *New York City*, onde estudou cinema na *New York Film Academy*. Ao retornar ao Brasil, trabalhou em diversas produtoras reconhecidas no mercado publicitário, como: Espiral, TvZero, O2, MoviArt, Republika e Ioiô Filmes. Galvão é sócio, com Rodrigo Tavares, da Gatacine, uma produtora especializada em produção de conteúdo e cinema, além de ser representado por produtoras estrangeiras em outros países, como Argentina, Estados Unidos, China, Itália, França e México.

Ariel Goldenberg atuou em uma versão teatral de "Romeu e Julieta", na série da TV Globo "Carga Pesada", na novela do SBT "Jamais Te Esquecerei", no documentário "Do Luto à Luta", no curta-metragem "O Índia", entre outros. Também participou de comerciais e, atualmente, é mobilizador do "Criança Esperança" e trabalha na área de marketing da Fato Produções Artísticas. É apaixonado por cinema e sempre sonhou em ser ator e produtor. Seu filme preferido é "Uma Lição de Amor", de 2001, e seu ator favorito é o Sean Penn. Goldenberg foi casado com Pokk, também atriz. Para o lançamento do filme "Colegas", o ator se dedicou à campanha #VemSeanPenn, em que pedia a presença do ator americano, de quem é fã, na estreia do filme. Sean Penn tomou conhecimento da campanha, mas não veio à estreia do filme. No entanto, recebeu Goldenberg e sua esposa na casa dele, nos Estados Unidos, e presenteou o ator brasileiro com um certificado que recebeu de indicação ao Óscar, em 2001, pelo filme "Uma Lição de Amor".

Atualmente, Breno Viola é noivo de Samanta Quadrado e foi o primeiro judoca com síndrome de *Down* das Américas a conquistar a faixa preta nesse esporte. Viola atuou na novela "Páginas da Vida", da TV Globo. Ele já participou das Olimpíadas para Deficientes Intelectuais, que aconteceu na Grécia, e ficou com o 4º lugar, além de ser bicampeão mundial em sua categoria. Em 2006, conquistou o título da edição italiana do Judô Para Todos, em sua modalidade, e o terceiro lugar no Absoluto. Em 2007, novo ouro na competição, em 2011, ficou em quarto lugar no *Special Olympics Summer Games* e, em 2013, ficou com o bronze na etapa italiana do Judô Para Todos. Em 2015, Viola participou de uma série do Fantástico, com o médico Drauzio Varella, denominada "Qual a diferença?", que trata da SD. Diariamente, Viola vai à academia fazer musculação, depois segue para o trabalho e finaliza sua rotina treinando

judô. Ele também atuou como autodefensor e conselheiro no Movimento *Down*, participou de atividades na ONU e, atualmente, é organizador e fundador da instituição *Caminha Down Rio 2018*.

Rita Pokk foi casada com Goldenberg. Atuaram, pela primeira vez juntos, em uma versão teatral de "Romeu e Julieta". Também fez uma participação na novela "Jamais Te Esquecerei", do SBT, e em um episódio da série, da TV Globo, "Carga Pesada". Pokk tornou-se conhecida pela participação no documentário "Do Luto à Luta".

ANEXO D – ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DIRETOR DE “COLEGAS”, EM 19 DE SETEMBRO DE 2012, PARA O PROGRAMA “SEM CENSURA”

Vera Barroso: O roteiro é seu? A ideia é sua?

Marcelo Galvão: O roteiro é meu. Um roteiro de 7 anos. Faz 7 anos que eu escrevi esse filme. Eu estava indo para um Festival de Toulouse com outro filme meu, que chamava “Quarta B” e voltando de Toulouse abriu um edital do MINC de baixo orçamento e aí eu falei: eu preciso escrever alguma coisa. Eu tinha dois roteiros, só que eram muito caros e aí no voo eu escrevi. Escrevi a espinha dorsal do filme. Escrevi 70 páginas e aí depois essas 70 páginas viraram 120, 160 e aí escrevi 13 vezes de novo e comecei a correr atrás de dinheiro para captar. Fiz mais dois filmes nesse processo, desde que eu o escrevi até hoje. Eu realizei outros dois filmes.

Vera Barroso: Que são?

Marcelo Galvão: “Rinha” e “Beline e o Demônio”. Aí..., mas “Colegas” é muito mais... É um filme bem especial.

Vera Barroso: Pois é, mas era um assunto que te interessava, você conhecia alguém? Como assim, senti no avião e escrevi?

Marcelo Galvão: Eu gosto de escrever, né? Minha base assim é... Eu era redator publicitário. Então, sempre gostei de escrever muito. E... Eu fui criado com um tio que tem síndrome de *Down*. Assim, meu tio é aqui do Rio. Eu sou carioca, mas moro em São Paulo. Eu fui criado em Campinas e as férias do meu tio ele passava sempre em Campinas com a gente e era um momento muito divertido, era um momento muito gostoso quando ele ia para Campinas, porque era uma criança num corpo de adulto. A gente era pequeno, então, era assim: ah o tio Márcio chegou, o tio Márcio chegou! Ele era engraçado, ele era ingênuo, ele tinha um coração enorme. Esse momento de felicidade, eu quis escrever alguma coisa que passasse essa sensação. Não que falasse sobre síndrome de *Down*, ao contrário, o filme tem três protagonistas com *Down*, tem mais 60 garotos *Down* no filme, mas ele não fala sobre *Down*, ele fala sobre três garotos que têm um sonho, cada um com um sonho. São três garotos que vivem no instituto, com vários garotos sindrômetros, eles amam cinema, trabalham na videoteca. Daí um dia, assistindo *Thelma & Louise*, eles resolvem fugir. Aí, eles roubam o carro do jardineiro, que é o Lima Duarte, que é quem conta toda a história, e saem em uma aventura em busca de três sonhos. A menina quer casar, um menino quer ver o mar e o outro quer voar. E aí eles saem do interior de São Paulo até Buenos Aires tentando realizar esses sonhos. Foi um filme assim: a gente terminou em 2011 de rodar e o filme agora está pronto, em 2012. A gente foi para Gramado... A nossa primeira projeção foi em Paulínia, porque a gente precisa fazer porque a gente captou

dinheiro lá, então a gente precisava fazer uma projeção lá e a receptividade do público foi enorme. O filme foi aplaudido em cena aberta durante umas três vezes, foi aplaudido de pé no final. Então, isso para a gente foi um superprêmio, melhor que qualquer outro prêmio que a gente pudesse ter ganhado, porque é, é... Ninguém ficou falando sobre síndrome de *Down*, ninguém ficou... Não é um drama, é uma comédia. Todo mundo... As pessoas riram, choraram e isso se repetiu em Gramado também. Então, já ter sido selecionado para Gramado para gente já foi um superprêmio. Aí, em Gramado ter a mesma receptividade. O filme ser aplaudido em cena aberta e no final depois também de pé pelo público. Na segunda sessão, ainda, por crianças. É porque uma segunda sessão era para crianças de escola. Também aplaudido de pé. Para gente era melhor que qualquer coisa. A gente já tinha ganhado o prêmio e aí ganhar o prêmio do Festival foi superbacana.

Vera Barroso: E como é que você achou os protagonistas?

Marcelo Galvão: Eu fiz bastante teste, né? 300 garotos foram testados. Eu descobri o Ariel e a Rita, que são casados, em uma entrevista da Marília Gabriela. Ela tinha me falado: olha, eu entrevistei dois, um casal bem bacana e aí eu fui atrás deles e, por coincidência, eles moram perto da minha produtora. O Breno que é aqui do Rio, que é um judoca, faixa preta, eu conheci por meio do *Premier* Combate, da televisão, que eu o vi. Eu falei: esse garoto é muito bom. E aí, eu chamei um produtor para fazer um teste com ele aqui no Rio. E aí eu cheguei nesses três garotos, né? Mas, dentro do processo, eu conheci muita gente bacana, que deixei na manga para outros projetos, né? O Ariel e a Rita, como eles vivem próximos de onde eu trabalho, da minha produtora, eu comecei a ensaiá-los. Então, a gente ensaiou durante 4 anos, toda semana na produtora. Não porque eles precisassem ser ensaiados, mas...

Vera Barroso: Eles fazem o que na vida real?

Marcelo Galvão: O Ariel trabalha em uma empresa de tinta e a Rita trabalha na Droga Raia e, no momento em que a gente começou, o Ariel trabalhava com o pai dele, numa empresa do pai. Aí como ele foi fazer o filme, ele foi mandado embora do emprego... [risos]. E aí depois, ele...

Vera Barroso: O pai o mandou embora? [risos]

Marcelo Galvão: Mandou embora.

Terceira Pessoa: E depois readmitiu?

Marcelo Galvão: Não, ele entrou em outra empresa. [risos]

Terceira Pessoa: Ah, é?

Vera Barroso: [risos]

Terceira Pessoa: Concorrente [risos]

Marcelo Galvão: Concorrente do pai... [risos]

Vera Barroso: Melhor seria, né? [risos]

Diretor: [risos]

Terceira Pessoa: [risos]

Marcelo Galvão: E ele é um cara que... Ele, ele... Na verdade, não foi o pai que o mandou embora. O pai trabalhava em uma empresa e ele acabou saindo da empresa, porque ele ficou muito tempo afastado e acho que aquela posição dele já não existia mais ali quando ele voltou. Mas o Ariel é um cara que desde o início, ele, ele... Ele sempre quis ajudar o filme... Ele tem um sonho. O sonho dele é ganhar 5 Óscar. O Ariel, ele é superfocado.

Vera Barroso: E 5? [risos]

Marcelo Galvão: 5 [risos]

Vera Barroso: Não quer um? [risos]

Marcelo Galvão: É. Ele é um cara que, desde o início, desde o começo, quando a gente começou o projeto, ele tem essa ansiedade de ver o filme pronto. De ver as coisas acontecerem. Então, ele me ligava, como me liga até hoje, e isso já faz mais de 6 anos, né? Ele liga todo dia, umas 20 vezes por dia, e ele me ligou logo no começo, só para você entender quem é o Ariel, perguntando para mim se eu já tinha arrumado dinheiro. Eu falei: oh Ariel, é muito rápido. É um filme difícil, vai ter muito preconceito. Não é assim fácil arrumar dinheiro. É... Daí ele: você já, já, já perguntou para o Lula? Lula era o Presidente na época e eu falei: eu não tenho o telefone do Lula, Ariel. Então está bom, está bom e desligou. Aí deu 5 minutos e começou a chegar fax com o telefone do Palácio do Planalto. Aí ele me ligou: agora, você tem o telefone, pode ligar para ele. Então, ele é assim. Ele é um cara que não tem não para ele. Ele mesmo captou 300 mil reais para o filme. Ele. Então, é um cara que você fala para ele... Falar que não vai ganhar 5 Óscar [risos]. Não dá para falar para ele que ele não vai ganhar 5 Óscar [risos], porque ele surpreende mesmo. A Rita é casada com ele. São casados. Eles são... se amam assim... É superbonito o amor deles. Um cuida do outro. É superbacana. Já o Breno é o contrário. O Breno é o típico carioca. É mulherengo. Na coletiva de imprensa que a gente fez, logo no início do filme, estava eu, o Lima, a Juliana Didone e os três. Aí, antes de começar a coletiva, o Breno falou assim. Antes de começar, eu queria pedir a mão da Juliana em namoro. Aí a menina ficou assim (cara de assustada) e eu falei: ela já tem namorado, Breno. Daí ele falou assim: então, só um beijinho técnico [Marcelo piscou nessa hora, durante a entrevista] [risos].

Todos: [risos]

Marcelo Galvão: Ele é assim. A gente virou uma família, a gente está sempre se falando, sempre se vendo. Agora o filme vem para o Festival do Rio. Então, vai ser um momento que a gente vai voltar a se ver.

Terceira Pessoa: Faz 6 anos que você filmou?

Marcelo Galvão: Não, não. Eu terminei em 2011. Que eu escrevi o roteiro faz 7 anos.

Vera Barroso: Quando você convivia com o tio Márcio, você era pequeno?

Marcelo Galvão: Sim.

Vera Barroso: Ele era adulto?

Marcelo Galvão: Sim.

Vera Barroso: Ele está vivo?

Marcelo Galvão: Ele faleceu ano passado.

Vera Barroso: Com quantos anos?

Marcelo Galvão: Com quase 60.

Vera Barroso: É uma vitória, né?

Marcelo Galvão: Sim. Hoje em dia a expectativa de vida deles é...

Vera Barroso: Hoje em dia a expectativa é bem maior.

Marcelo Galvão: É bem maior.

Vera Barroso: E a expectativa de independência? De viver? Por exemplo, o Ariel e a Rita, eles moram sozinhos? Eles tocam uma casa? Funciona bem isso?

Marcelo Galvão: Eles moram... Eles têm a vida deles. Eles moram num andar... É um duplex. Então um andar é deles. Eles têm entrada para casa deles e tal, mas embaixo mora a mãe. É... Esse é um problema sim. Às vezes, essa independência, porque é difícil eles terem uma independência total, já que tem muita coisa que eles precisam, né? Então, por exemplo, o Breno é um cara superdescolado. O Breno...

Vera Barroso: Eles sempre precisam de alguns apoios.

Marcelo Galvão: É... O Breno vai ao baile *funk* sozinho, sobe o morro. Ele pega voo. Então ele viaja, ele vai para... Ele é judoca e compete em competições mundiais. Ele vai para Itália, ele vai para Grécia. O Breno é mais descolado nesse sentido. O Ariel e a Rita, eles têm motorista que levam eles para os lugares e tal. Mas acho que tem o lance também da ingenuidade, que é um...

Vera Barroso: É um dado complicador no mundo de hoje...

Marcelo Galvão: É... porque é fácil você enrolar assim, né?

Vera Barroso: Você falou também que eles são muito afetivos. Aí são crédulos.

Marcelo Galvão: É... Eles têm um coração enorme. Tem um coração enorme. Então, as pessoas se aproveitam disso.

Vera Barroso: Na sequência.

Marcelo Galvão: É.

Vera Barroso: Nesse sentido que eu estou perguntando, porque muito antigamente, tipo quando eu era pequena, escondiam as pessoas.

Marcelo Galvão: É... Esse era o problema...

Vera Barroso: No quarto dos fundos, das visitas e tal. Aí vem a evolução, né?

Marcelo Galvão: E a inclusão.

Vera Barroso: A inclusão e a própria evolução das pessoas, enquanto pessoas. Começaram a trazê-las, as pessoas não *Down* começaram a se tocar que aquilo não era justo, né? E aí as leis vêm para ajudar e tal. Aí eles vão para a sala, vão para a vida, vão para o colégio.

Marcelo Galvão: É.

Vera Barroso: Mas eu não sabia como é que... Depois eu nunca mais convivi com uma pessoa... Então, eu não sei.

Marcelo Galvão: Hoje é assim...

Vera Barroso: Como é que funciona, assim, na vida real, sabe? Então, tem que ter algum recurso... Algum apoio...

Marcelo Galvão: É. Tem que ter um apoio, mas eles evoluíram muito...

Vera Barroso: Quanto mais apoio, mais vida independente?

Marcelo Galvão: É... O maior problema era esse, família mesmo, vem da família, o preconceito que vem de casa, das pessoas esconderem mesmo os filhos e hoje em dia isso não... Hoje em dia você vai ao colégio normal, você vê vários garotos com alguma deficiência ali dentro e incluídos ali dentro, né? E...

Vera Barroso: É bacana, né?

Marcelo Galvão: É...

Vera Barroso: Crianças não são tão preconceituosas.

Marcelo Galvão: Não. Nem um pouco. Nem um pouco. É engraçado que o público infantil, apesar de ser um filme para todos, eu acho que o público infantil vai ser um público muito forte. Porque a gente já deu palestras em escolas e eles são heróis ali dentro. Eles dão autógrafos, tiram foto. Tem o lance do lúdico, que a criança também tem. Então... Meu filho... Eu tenho um filho de 3 anos e 6 meses, né? Meu filho vê todo dia e não é por minha causa, mas ele vê todos os dias umas 20 vezes o *trailer* do filme. Ele adora o filme e é um público que se identifica de certa maneira. Eu acho que é porque eles vivem aquela viagem, porque eles são engraçados. Eu

acho que eles evoluíram muito. Eu vejo pelo meu tio. Meu tio tinha 9 irmãos, tinha, porque ele faleceu. 9 irmãos, ele era o último. Meus avôs morreram cedo. Então, ele ficou num Instituto e passava os finais de semana com os irmãos, aqui no Rio, e as férias em Campinas com a gente, mas ele era muito atrasado, muito atrasado comparando com as pessoas que eu conheço hoje. Hoje eu conheci tantos garotos *Down* que você fala: pô, eles podem estar fazendo qualquer coisa, né? A Rita, que é a mulher do Ariel, ela me escreve, ela escreve bilhetes, escreve cartas, ela escreve super bem. Ela escreve melhor que muito estagiário que vai à produtora tentar um emprego. Então, assim, a evolução, que acho que tem a ver com a inclusão.

Vera Barroso: Ah é...

Marcelo Galvão: É...

Vera Barroso: Deve ter super a ver. Foi filmado lá mesmo, em Paulínia?

Marcelo Galvão: A gente filmou 80% na região de Paulínia, 1 dia em Bertioga, 1 semana em Torres, porque eu queria filmar as falésias, a praia em Torres, e 1 semana em Buenos Aires.

Vera Barroso: E a gente vai fazer que nem o filho do Marcelo, a gente vai ver um trechinho. Vai ver o *trailer*. Podemos?

Teaser (narração de Lima Duarte): Um carro velho e três garotos especiais vivem a maior aventura de todos os tempos. Em busca de seus sonhos, eles fogem do Instituto onde vivem para ganharem o mundo. Stalone quer ver o mar, para reencontrar a sua mãe que mora em Atlântida. Márcio deseja voar, para ajudar os seus pais a construir a sua casa na lua. Aninha busca desesperadamente um marido, que saiba cantar. Brincando de bandido e mocinho, eles vivem as mais divertidas e engraçadas situações até conseguirem o que querem. Assim, da noite para o dia, Stalone, Márcio e Aninha tornam-se os fugitivos mais procurados do país, virando um caso que só a polícia especial poderá resolver. Um filme sobre sonhos, coragem e, acima de tudo, amor. Embarque nessa aventura conosco. “Colegas”, uma comédia que irá emocionar você.

Vera Barroso: Belo, hein?

Marcelo Galvão: Esse não é o *trailer*, esse é um *teaser* que a gente fez logo no início, porque a gente vem fazendo vários *teasers* para poder tentar vender a ideia. Hoje a gente já tem um *trailer* que é mais... *trailer* mesmo, né?

Vera Barroso: Podia ter trazido, né?

Marcelo Galvão: É. Ele ficou pronto agora também [risos].

Vera Barroso: [risos]. Está bom. Intervalo. Pode ser, Cris? Então, intervalo e a gente volta já, já.

**ANEXO E – ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DIRETOR E PELOS TRÊS
PROTAGONISTAS DE “COLEGAS”, EM 03 DE MARÇO DE 2013, PARA O
PROGRAMA “DE FRENTE COM GABI”**

PARTE 1

Marília Gabriela: Ei, Sílvio! Hoje eu vou ficar de frente com uma trupe emocionante. O diretor e os três principais atores do filme “Colegas”. Marcelo Galvão é publicitário de formação, mas entregou-se à vida de cineasta em 2000 e “Colegas” é o seu quinto longa-metragem. Nesse lindo e premiadíssimo filme, Marcelo dirigiu três atores com síndrome de *Down*. Ariel Goldenberg sempre quis ser ator e na trama de “Colegas” ele faz o papel principal, de Stalone, o menino que quer mergulhar no mar para encontrar a mãe que mora em Atlântida. Na vida real, Ariel é casado com Rita Pokk, também atriz, e ficou com ela o papel da mocinha da história, a sonhadora Aninha, sempre à procura de um marido que saiba cantar. Para completar o trio, um judoca faixa preta. Breno Viola, que derrotou mais de 600 concorrentes para ficar com o papel de Márcio, o herói que sonha voar de balão até a Lua. Nesse primeiro bloco, eu vou conversar com o diretor e com Ariel, o ator principal do filme. Bem-vindos!

Ariel Goldenberg: Muito obrigado.

Marília Gabriela: E a gente já tinha conversado...

Ariel Goldenberg: Foi

Marília Gabriela: Você tinha, na época, participado do programa do Mocarzel, do filme do Mocarzel.

Ariel Goldenberg: Foi. “Do Luto à Luta”, né?

Marília Gabriela: É exatamente.

Ariel Goldenberg: “Do Luto à Luta”.

Marília Gabriela: Você e a Rita vieram ao meu programa.

Ariel Goldenberg: Foi exatamente.

Marília Gabriela: Agora, você trabalhou com eles todos durante quatro anos... Como que nasceu esse projeto, Marcelo?

Marcelo Galvão: Eu fui criado com um tio que tem síndrome de *Down*, né? Passei grande parte da minha infância vivendo com ele. Ele morava no Rio e passava as férias em Campinas, onde eu fui criado. Era um momento muito agradável para mim, Gabi. Assim, a lembrança que eu tenho desse momento da minha infância era muito divertida e eu queria fazer um filme assim, dessa forma, divertida. Porque ele era uma pessoa assim. Ele tinha o coração gigante. Ele tinha

muita coisa em comum com a gente, apesar de ele ser adulto e a gente ser criança na época. É que ele tinha... Ele acreditava que tudo era possível, ele tinha o lúdico muito presente. Ele era engraçado, ele era divertido. Então, eu quis escrever um filme que tivesse essa alma, esse jeito, esse carisma, mas não que falasse sobre síndrome de *Down*, que falasse sobre deficiência. Queria um filme despretensioso, que falasse sobre sonhos e queria que ele fosse protagonizado por três garotos com síndrome de *Down*, porque eu sabia que assim eu ia ter esse carisma, essa energia boa e foi assim que surgiu a ideia.

Parte do trailer do filme “Colegas”:

Locutor: Stalone, Márcio e Aninha. Três amigos inseparáveis.

Stalone, Márcio e Aninha: Um por todos e todos por um.

Locutor: Resolveram fugir do instituto onde viviam em busca dos seus sonhos.

Aninha: Eu quero casar.

Stalone: Eu quero ver o mar.

Márcio: Eu quero voar.

Locutor: E veja o mundo com outros olhos.

Trilha Sonora: Eu quero dizer, agora o oposto do que eu disse antes. Eu quero viver...

Marília Gabriela: Você pegou os três principais por meio de testes?

Marcelo Galvão: O Ariel e a Rita foram por meio de uma entrevista no seu programa.

Marília Gabriela: Essa que eu fiz com eles.

Marcelo Galvão: É. Eu assisti.

Marília Gabriela: Quando é que foi aquilo? 2005?

Ariel Goldenberg: Acho que foi em 2003.

Marília Gabriela: Ahhhhh.

Ariel Goldenberg: Lembra que eu casei? Não foi?

Marília Gabriela: Foi naquela época.

Ariel Goldenberg: Foi.

Marília Gabriela: Gente! 10 anos, já?

Ariel Goldenberg: 9 anos.

Marília Gabriela: 9?

Ariel Goldenberg: Vão fazer 10.

Marília Gabriela: Claro, você está contando com a do casamento, né? [risos].

Marcelo Galvão: É [risos].

Marília Gabriela: E aí foi lá que você...

Marcelo Galvão: É. Eu os assisti assim e achei incríveis e eu falei: acho que eu tenho duas pessoas legais aí. Aí eu conversei com o Ariel, depois eu testei mais de 300 garotos e daí, por meio de outra matéria na televisão, eu vi um judoca faixa preta incrível também. Eu sempre tinha como referência a eloquência, a forma como lidavam com a câmera, né? E aí eu assisti “Do Luto à Luta”, que na entrevista ele falava sobre o documentário, e defini os três como protagonistas, mas eu descobri muita gente interessante no *casting*, que eu acabei usando dentro do filme. Então, o filme tem três protagonistas com *Down*, mas tem mais de 60 garotos.

Marília Gabriela: E é muito bonitinha a homenagem final com as fotos deles todos que ajudaram. Não sei se de todos, porque os nomes estão todos lá. Ariel, conte-me como é que foi isso. Vamos começar pelo filme e depois eu quero fazer perguntas muito pessoais que você lembrou aqui que foi bonito. O casamento continua bom?

Ariel Goldenberg: Continua bom.

Marília Gabriela: Então, vamos começar pelo pessoal. Continua bom?

Ariel Goldenberg: Continua bom.

Marília Gabriela: Vocês estão morando com a sua mãe?

Ariel Goldenberg: Isso.

Marília Gabriela: E vocês conseguem ter uma vida independente?

Ariel Goldenberg: Apesar de que eu tenho a síndrome, eu levo uma vida normal como as outras pessoas.

Marília Gabriela: Sem muita interferência da sua mãe?

Ariel Goldenberg: Exatamente.

Marília Gabriela: É bom. Tem sido boa a experiência. Agora, conte-me da sua experiência como ator, como é que foi? Foi muito difícil esse trabalho com o Marcelo?

Ariel Goldenberg: Não foi muito difícil, mas valeu à pena. Olha, é minha primeira vez que eu faço um longa-metragem com ele. Ele me acolheu, como é que fala, ele é um superpaizão nosso, né? Ele é gente boa e eu gostei muito da experiência que eu tive com ele. Gostei muito de contracenar com atores globais como a Didone, o Lima Duarte, o Miggiorin e os outros. Então, eu gostaria de continuar esse trabalho com ele.

Marília Gabriela: Bom, você teve trabalho? Foi difícil trabalhar com eles? Nesses quatro anos, vocês fizeram o que exatamente, Marcelo?

Marcelo Galvão: O projeto todo tem 7 anos. Faz 7 anos que eu escrevi o roteiro. Há 5 anos que a gente... A gente demorou 5 anos para captar todo o dinheiro e durante 4 anos eu ensaiei a Rita e o Ariel na minha produtora, toda semana. Não porque eles precisassem ser ensaiados,

mas para que esse sonho não acabasse, porque é um projeto, às vezes, tão duvidoso, não por parte da gente, mas por parte dos patrocinadores, exibidores, críticos... Existe muito preconceito. Então, a gente ensaiava muito e eu também tinha um medo de que pudesse acontecer de eles travarem dentro de uma estrutura de 70 pessoas, 100 pessoas. Então, nós tínhamos esses ensaios para eles poderem se acostumar com várias pessoas que entravam, que chegavam à produtora.

Marília Gabriela: Não me pareceu que tivessem travado em circunstância nenhuma.

Marcelo Galvão: Nenhuma.

Marília Gabriela: Eu achei, pelo contrário, que eles entraram com tudo. Você se sentia aquela personagem?

Ariel Goldenberg: Eu me sentia em casa. Porque a produtora é a minha segunda casa.

Marília Gabriela: E na personagem, você se sentia em casa também?

Ariel Goldenberg: Também, porque eu já atuei...

Marília Gabriela: Fez novela.

Ariel Goldenberg: Fiz novela aqui no SBT.

Marília Gabriela: Você participou do “Carga Pesada”.

Ariel Goldenberg: Foi. “Do Luto à Luta”. Eu fiz um curta-metragem com ele [Marcelo Galvão], “O Índia”, né? Então, eu já estou acostumado a lidar com a câmera.

Marcelo Galvão: E o Ariel, ele é muito bom assim, ele tem um...

Marília Gabriela: Ele é muito bom ator...

Marcelo Galvão: Ele decora texto, você mexe no texto. Ele não só decora, como ele interpreta.

Marília Gabriela: É... E você vê, você vê as emoções todas passando por ali. Ariel, você, quando ele estava falando, da dificuldade de patrocínio, você fez assim [estalou os dedos]: lembrei. Você ajudou a captar?

Ariel Goldenberg: Ajudei, ajudei. Além de atuar, além de ator, eu sou o marketing dele. Então, eu consegui captar 500 mil para o filme.

Marcelo Galvão: É verdade.

Marília Gabriela: Muito bom! E onde? Como? Junto a quem?

Ariel Goldenberg: Olha, na época eu trabalhava... Eu trabalhava na Akzo. É uma empresa que fabrica tintas, tintas Coral. Lá eu trabalhava no Setor de Marketing. Então, eu pedi ajuda para eles, eu mostrei o material de “Colegas”. Eu mostrei para o meu chefe, ex-chefe, que não é mais. Mostrei o material para ele, ele viu, ele gostou. Eu falei com o gerente, não sei o departamento, mas era gerente de marketing, Marcelo Abreu, porque eu não sabia que a Akzo tinha verba. Então, eu consegui uma reunião junto com ele [Marcelo Galvão].

Marília Gabriela: Quer dizer, você foi produtor também?

Ariel Goldenberg: É.

Marília Gabriela: É isso. Agora, Ariel, viver essa personagem, por um bocado de tempo, afinal vocês viveram, vocês ensaiaram durante anos...

Ariel Goldenberg: Isso.

Marília Gabriela: ...e depois, mão na massa para gravar tudo. Foi difícil se separar dessa personagem?

Ariel Goldenberg: Não. Foi fácil, porque eu consigo, como fala, eu sou bem focado no trabalho, sabe? Eu separo as coisas, eu separo o que é vida real do que é trabalho. Eu sou um cara muito focado. Quando o Marcelo fala... muito focado.

Marília Gabriela: E você não está trabalhando no momento em outro lugar?

Ariel Goldenberg: Trabalhava, não trabalho mais.

Marília Gabriela: E você está pretendendo trabalhar?

Ariel Goldenberg: Eu estou pretendendo trabalhar, mas como ator.

Marília Gabriela: Venha cá, você, no momento, está muito ocupado...

Ariel Goldenberg: Com entrevistas.

Marília Gabriela: ...com entrevistas, etc.

Ariel Goldenberg: Isso.

Marília Gabriela: Quando você não está fazendo isso, você está usando o seu tempo para?

Ariel Goldenberg: Para Marketing dele [Marcelo Galvão]. Eu o ajudo na divulgação. Qualquer coisa que ele queira fazer, assim, ele me fala, né Marcelo?

Marília Gabriela: O que você achou mais difícil na personagem Stalone? Fazendo o Stalone?

Ariel Goldenberg: Olha, eu me sinto bem. Não tem difícil aí.

Marília Gabriela: Não?

Ariel Goldenberg: Não. Eu me dou muito bem com as câmeras, como o Marcelo disse.

Marília Gabriela: Não, mas e com a personagem... Ela te deu... Em algum momento você se sentiu desconfortável dentro daquela personagem?

Ariel Goldenberg: Não.

Marília Gabriela: Não... Você tem em você aquele Stalone?

Ariel Goldenberg: Tenho, tenho.

Marília Gabriela: Você tem todos aqueles sonhos do Stalone?

Ariel Goldenberg: Tenho.

Trecho do filme “Colegas:

Stalone: Toma cuidado com aquilo que você deseja, porque você pode acabar, pode acabar conseguindo.

Passageira do Ônibus: Oi, acho que você sentou no meu lugar.

Stalone: Ou, querida... Deu mole [risos].

Stalone: Eu quero um martine, batido, mas sem misturar, por favor.

Barman: Não tem martine.

Stalone: Está bem... Então, eu quero um *whisky... cowboy*.

Marília Gabriela: A sua mãe gostou da sua atuação?

Ariel Goldenberg: É lógico que gostou. Ela adorou.

Marília Gabriela: E me conta como foi receber o Kikito.

Ariel Goldenberg: Olha... Primeiro, eu queria agradecer primeiro o Marcelo, por ter me acolhido. Eu agradeço pela paciência que ele teve, né Marcelo?

Marcelo Galvão: Eu não tive paciência. Você não precisou de paciência.

Ariel Goldenberg: É. Eu sei. Só que na cena, você é um cara focado.

Marcelo Galvão: Sim.

Ariel Goldenberg: Não é um cara focado?

Marcelo Galvão: Trabalho é trabalho, né?

Ariel Goldenberg: Trabalho é trabalho. Agora, quando eu fui pegar o Kikito, eu fiquei muito emocionado.

Marília Gabriela: Imagino!

Ariel Goldenberg: Eu queria dedicar o Kikito a ele [Marcelo Galvão].

Marcelo Galvão: Obrigado.

Marília Gabriela: Eu imagino. E para você deve ter sido... Foi surpresa aquela premiação?

Marcelo Galvão: Foi. Foi surpresa porque “O sonho ao redor” tinha ganhado como o melhor filme de público e era o único prêmio que a gente tinha quase certeza de que a gente iria ganhar por causa da receptividade que houve do público lá em Gramado. Então, o filme foi aplaudido de pé, foi aplaudido em cena aberta. Então, era um prêmio que a gente esperava, pela reação do público que a gente viu, e como a gente não ganhou, eu já não acreditava que a gente fosse ganhar muita coisa. Então, a surpresa de ganhar o melhor filme do Festival foi uma grande surpresa, mas eu fiquei muito feliz com o prêmio especial do Júri, porque, para mim, o meu maior problema era se o Ariel ganhasse um prêmio e o Breno não ganhasse ou se o Breno

ganhasse e o Ariel não ganhasse. Então, a delicadeza do Júri de Gramado de dar um prêmio para cada um, para mim, foi, assim, a melhor coisa que aconteceu.

Marília Gabriela: E eles se emocionaram muitíssimo, eu me lembro das imagens da época. Eles são muito emotivos, não é? Para a alegria ou para a tristeza. Você teve dificuldade, por isso mesmo, de dirigi-los com mais rigidez aqui ou ali, ou não?

Marcelo Galvão: Não. Isso até me ajudou, porque é mais fácil... Eles têm uma facilidade de entrar no personagem que é... Se você fala para o Ariel que ele é um gênio, em 10 segundos, ele vira o gênio. Ele tem o lúdico muito presente e às vezes um ator, você precisa, né? De *Stanislavski*, de técnicas para ele poder criar isso, coisa que para eles já é mais natural. Então, esse lance de eles serem mais emotivos ajuda muito, por exemplo, a Rita é muito profunda em tudo.

Ariel Goldenberg: Emotiva.

Marcelo Galvão: Emotiva. Então, quando ela chora, ela chora mesmo e isso ajuda muito. Lógico que tem o lado de você ter que saber trabalhar, porque, numa produção, numa megaprodução dessa, a gente tem que entender que trabalho é trabalho. Então, às vezes, somos mais duros mesmo, mas é como o Ariel falou, eles sabem separar isso, né? Então, a emoção, ela termina no corta e isso, com eles, funcionou super bem.

Marília Gabriela: Por enquanto, muito obrigada, Ariel. Nós estamos terminando o primeiro bloco de frente com o ator e com o diretor do filme “Colegas”: Ariel e Marcelo. Nós voltamos em seguida.

PARTE 2

Marília Gabriela: De volta, de frente com a turma do filme “Colegas”. Neste segundo bloco, eu continuo o papo com Marcelo Galvão, o diretor, e recebo Rita Pokk, a Aninha da trama, que eu vi chorando, mas chorando quando recebeu esse Kikito. Agora eu vejo que o peso ajuda chorar, hein? [risos]. É pesado, mas foi muito emocionante, não foi?

Rita Pokk: Foi muito.

Marília Gabriela: Conte-me mais... Conte-me daquele dia e me conte da sua experiência como atriz no filme com o Marcelo.

Rita Pokk: Como na primeira vez quando eu estava em Gramado junto com a equipe, o elenco de apoio e eu estou muito feliz por ter recebido o prêmio Kikito, que teve o melhor de Júri. Foi muito bom, muito emocionante, chorei, chorei, chorei...

Marília Gabriela: Chorou, eu vi que você chorou, chorou...

Rita Pokk: ...de tanta emoção. Parece que o meu coração estava saindo pela boca de tanta emoção. Eu não consegui nem subir em cima do palco, de tanta emoção. Aí, eu precisava de ajuda para subir no palco e graças ao meu impulso eu subi. Quando eu subi em cima do palco, o Kikito, fui eu que fui recebida pela Daniela Escobar, que me entregou o Kikito. Quando eu coloquei a mão no Kikito, eu me emocionei na hora, ri, aquela felicidade no rosto e tudo.

Marília Gabriela: Eu soube que vocês querem o Óscar, é isso?

Rita Pokk: Com certeza. A gente quer um Óscar.

Marília Gabriela: Venha cá, eu não perguntei para o seu marido, porque eu quero saber a sua versão dos fatos: que história é essa do Sean Penn? De onde vem essa paixão pelo Sean Penn do Ariel?

Rita Pokk: Pelo filme “*I am Sam*”, “Uma lição de amor”, que o Sean Penn fez a melhor atuação dele no filme.

Marília Gabriela: E que ele faz um... Eu me lembro desse filme... Bonito...

Marcelo Galvão: Faz um deficiente, é lindo.

Marília Gabriela: É um deficiente que é pai e ele...

Marcelo Galvão: Fica com a filha...

Marília Gabriela: Fica com a filha.

Rita Pokk: A Dakota Fanning e a Michelle Pfeiffer.

Marília Gabriela: E aí o Ariel começou... Foi espontâneo isso? Essa coisa de chamar o Sean Penn para ver a estreia do filme, foi espontânea ou foi uma ideia do Marketing?

Marcelo Galvão: Não, foi assim. O Ariel sempre correu muito atrás dos sonhos dele, né? Então, desde o início, do primeiro dia que eu o chamei para fazer parte do filme, no dia seguinte, ele me ligou perguntando se eu já tinha dinheiro. Isso há cinco anos atrás. E eu não tinha... Eu falei, Ariel a gente não tem dinheiro. E aí, ele falou: pede para o Lula então. O Lula era o presidente na época e eu falei, mas eu não tenho o telefone do Lula e ele falou, está bom, está bom e desligou. 5 minutos depois começou a chegar um monte de fax com o telefone do Palácio do Planalto. Ele me ligou: agora você tem, liga para ele. Então, ele sempre foi muito focado, ele corre atrás mesmo, ele captou dinheiro para o filme. Um dia ele falou para mim assim: eu queria muito que o Sean Penn... Eu sempre soube que ele gostava muito do Sean Penn, que ele fala que foi o “*I am Sam*” que fez com que ele virasse ator de cinema e ele falou assim: queria muito que ele assistisse o meu filme. Eu achei que fosse comentário dele, mas que não fosse mais do que isso, né? Aí eu fiquei sabendo que eles compraram passagem para tentar viajar, mas ele teve um problema, porque o visto não ia ficar pronto e ele me falou. E aí, quando eu contei para as pessoas, as pessoas falaram: incrível, esse garoto corre atrás. E aí, eu e uns

amigos, a gente resolveu fazer um vídeo que contasse essa história, que contasse quem é o Ariel. Porque a nossa pretensão não era que o vídeo bombasse, como ele bombou, mas era que chegasse até o Sean Penn. Não ia ser difícil, a gente achava, mas em três dias, depois que a gente fez o vídeo, a gente teve mais de 1 milhão de *views*, foi o vídeo mais..., o sexto vídeo mais compartilhado do mundo. Então, assim, em cima de um sonho dele a gente criou um vídeo com a intenção de chamar a atenção do ator, mas que, de repente, acabou promovendo o filme.

Vídeo da Campanha “#VEMSEANPENN”:

Locutor: Esse aí é o Ariel. Ariel nasceu com um cromossomo 21 a mais que as outras pessoas, por isso, ele é *Down*, mais ou menos uma a cada 600 pessoas nascem assim e é esse pequeno detalhe genético que faz com que os *Down* tenham algo de especial: o poder de acreditar que tudo é possível. Ariel foi convidado para ser protagonista de um longa-metragem, junto com mais dois jovens *Down*. Ariel mal podia acreditar que o seu maior sonho estava se realizando. Ele agora era ator de cinema. Isso mesmo! E, ainda por cima, personagem principal. Agora, para Ariel, só falta que uma pessoa saiba de seu sucesso: o Sean Penn.

Ariel Goldenberg: Sean Penn, eu quero que você venha assistir nosso filme, mas eu quero que você se sente ao meu lado. *Please, my heart! Come here “Colegas”, please!*

Marília Gabriela: Agora, você deve ter ouvido o Marcelo descrevendo-a como atriz.

Rita Pokk: Eu me orgulho muito dele.

Marília Gabriela: É. Foi uma experiência por vezes dolorida fazer o filme? Estou dizendo, é um trabalho que não é fácil ser ator. A verdade é essa. Por mais agradável que seja essa impressão que o Ariel tem, não é fácil. É um trabalho...

Rita Pokk: Eu entendo.

Marília Gabriela: Não é? Então, qual foi a maior dificuldade que você encontrou para fazer a Aninha?

Trecho do filme “Colegas:

Aninha: Escolhe outro número.

Márcio: 1000.

Aninha: 1, 2, 10, 20, 30, 40, 1000. Eu sou a segunda.

Aninha: Um véu, uma cortina de banheiro [risos]. Que maravilha! Um vestido meio esfarrapado.

Rita Pokk: Desde o início, assim, meu pai era vivo, casado com a minha mãe. Meu pai morreu e a minha mãe ficou viúva. Aí quando eu aceitei fazer as cenas mais difíceis do mundo, foi a cena do *cover* do Raul Seixas, a da floresta e a do restaurante francês. Foram as cenas mais difíceis do mundo, mas a cena mais difícil, difícil mesmo, não só do *cover* do Raul Seixas e da floresta, mexeu demais comigo foi uma cena do restaurante francês. Eu vi o Breno deitado...

Marília Gabriela: Eu vi. Você chorou e o Breno chorava muito também, não é?

Rita Pokk: É. Daí depois, quando eu vi o Breno deitado... Na verdade é groselha, mas dentro do filme é sangue. Aí eu comecei a ver o Breno deitado, aí eu comecei a imaginar o meu pai. Aí, eu chorei, chorei muito. Fora eu chorei, mas dentro da cena eu também chorei. Eu entrei no meu personagem como Aninha do filme, aí eu chorei muito, muito, muito. Eu vi que o Marcelo estava me autorizando e eu chorando super bem e eu contracenei super bem a Aninha. Então, foi muito difícil para eu fazer essa cena do restaurante francês.

Marília Gabriela: Foi difícil abandonar o seu personagem também, ou não?

Rita Pokk: Ter essa sensação de... Quando acabou a gravação eu fiquei...

Marília Gabriela: A separação, não é isso?

Rita Pokk: É. A separação. Eu não queria que acabasse. Queria continuar. Só que uma coisa que o Marcelo me falou que é real: quando acaba vira açúcar, porque açúcar, quando acaba, vira para o real, eu tenho que tocar a vida para frente. Não viver só no filme e sim voltar para a realidade.

Marília Gabriela: E agora, você já está famosa ou ainda estão começando a ver o filme agora, é isso?

Rita Pokk: Assim, famosa eu sou, pela palavra do diretor, eu sempre me sinto famosa, eu vou seguir a minha estrela, a minha vida como atriz. Eu vou com o maior prazer, mais para frente eu planejo fazer outros projetos. Por enquanto, eu quero seguir a minha vida como atriz, do lado do diretor, até o final, mas, no futuro, eu pretendo continuar com ele, mas no futuro mais para frente, como eu disse para o Marcelo uma vez: eu pretendo continuar com você, Marcelo, até o final, mas uma coisa que eu sei é que eu não vou ficar pelo resto da vida com você. Então, eu estou esperando outras oportunidades, de outros diretores me chamarem para fazer filmes. Por enquanto, eu quero só cinema e mais tarde eu vou pensar em fazer novela.

Marília Gabriela: O casamento está bom?

Rita Pokk: Está gostoso. Está uma delícia.

Marília Gabriela: Não brigam muito?

Rita Pokk: A gente não é de brigar.

Marília Gabriela: Não? Uma vez, no meu programa, vocês quase brigaram, porque você estava com ciúmes dele.

Rita Pokk: Não. Foi uma discussão boba. Uma discussão boba.

Marília Gabriela: Mas e agora que ele virou astro de cinema também, a vaidade, como é que está?

Rita Pokk: Isso foi muito trabalhado pela Alek e pelo Marcelo. Ensaiaram a gente nesse negócio de ciúmes. De vez em quando, o Ariel tem um pouco de ciúmes de mim, quando, assim, eu me aproximo do Theo Werneck nas cenas ou do Felipe Caczan, porque eu achei o Felipe Caczan muito bonito, né? Aí, o Ariel começou a estranhar um pouco. Ariel, é só um filme, é só filme.

Marília Gabriela: Você fala para ele?

Rita Pokk: Aí o Marcelo também concorda com isso. É um filme, Ariel. Não vai ficar com ciúmes do que a Rita está fazendo com o Felipe Caczan.

Marília Gabriela: [risos]. Oh Rita, diga uma coisa para mim: você já sofreu de preconceito?

Rita Pokk: Já, muito.

Marília Gabriela: Em que situações?

Rita Pokk: Em casa.

Marília Gabriela: Como em casa?

Rita Pokk: É assim, desde a época da minha adolescência eu sofria muito. Eu tinha duas primas que iam muito para a casa da minha mãe. Uma era a Bia e eu perguntei para ela: Bia, aonde você vai? Eu vou sair. Eu vou dançar. Aí eu fiquei assim, né? Porque eu não podia entrar, porque eu era menor de idade. Aí eu fiquei um pouco assim... Aí chegou outra prima. Eu falei para a minha prima Bel, que... Perguntei para ela: Bel, aonde você vai? Eu vou namorar. Daí eu percebi que não tinha ninguém para me apanhar e ir ao cinema. Essas coisas. Então, as duas saíram. Foram se divertir e eu fiquei em casa com a minha mãe. Estava eu, a minha mãe e o meu irmão. Então, subi, fui lá para o meu quarto, fiquei triste, que dizer, fiquei lá ouvindo a minha música. Aí, eu pensei bem: eu vou me arrumar. Aí eu me arrumei, me pintei toda. Fiquei na escada. No momento que a minha mãe estava subindo a escada, ela me viu e perguntou: Rita, porque você está tão arrumada? É que eu queria sair. Mas para onde? Eu não sei. Aí coitada da minha mãe, ela cortou o coraçãozinho dela, ela sentiu pena de mim. Ela perguntou: Rita, você quer sair? Falei: quero. Na época, a minha mãe tinha carro. Quer ir para a casa da Rute comer aquela torta de banana que a Rute sabia fazer? Eu falei: eu quero. Quer tomar um cafezinho lá? Eu quero. Aí minha mãe pegou o carro, ligou o carro, fomos para a casa da minha tia, eu tomei um café e eu melhorei um pouco a minha cara. Então, eu fiquei mais para cima ainda.

Marília Gabriela: Você tem uma memória prodigiosa.

Rita Pokk: Como assim?

Marília Gabriela: Boa.

Rita Pokk: É, obrigada!

Marília Gabriela: Você se lembra de coisas em detalhes, em pequenos detalhes...

Rita Pokk: Eu me lembro de cada coisa que eu passei junto com a minha mãe.

Marília Gabriela: Isso te ajudou a decorar o papel e tudo?

Rita Pokk: O roteiro?

Marília Gabriela: É?

Rita Pokk: Assim, depois que teve muita motivação do roteiro, do filme “Colegas”, foi muito bom, mas tinha umas cenas mais difíceis de falar que tinha que ser toda metidona assim e falar. Eu vou falar assim só um roteiro que eu peguei “eu sou mais bonita do que a Sheula”. Aí o Marcelo falou: Rita não é assim. Mais uma vez. Eu sou mais bonita do que a Sheula. Aí o Marcelo falou: Rita, ânimo, para cima. Ele falou assim: eu sou mais bonita do que a Sheula. Vai falar com desânimo? Para cima! Motivação! A Aleksandra, que é assessora de imprensa, ajudou-me também, junto com o Marcelo, com muita motivação, roteiro, atrás do roteiro. Mais uma vez, mais uma vez, mais uma vez. Eu peguei uma parte na casa da Alek, porque o Marcelo viajou. Daí, quando a parte acabou da Alek, na casa dela, foi na produtora, porque a gente ia todas as quintas-feiras na produtora para poder ensaiar o mesmo roteiro que eu fazia com o Theo Werneck e com uma amiga. Como chama o nome dela?

Marcelo Galvão: Andrea Beni?

Rita Pokk: Eu não sei se era ela. Eu não sei quem é. Daí eu falei para a mulher: Eu sou mais bonita que a Sheula. Daí o Marcelo olhou para mim: Rita, ânimo, para cima! Motivação, vai!

Marília Gabriela: Deu certo, não?

Rita Pokk: Aí chegou na hora. Pronto. Marcelo falou: você já pegou? Eu já peguei. Eu sou mais bonita do que a Sheula. Daí o Marcelo ficou superfeliz. Oba! Palmas!

Marília Gabriela: Muito bom! Olhe aqui, vou fazer um intervalo. Obrigada por enquanto, porque nós estamos terminando o segundo bloco de frente com diretores e atores do filme “Colegas” e voltamos daqui a pouquinho. Até já.

PARTE 3

Marília Gabriela: Estamos de volta e de frente com o diretor e os atores do filme “Colegas”. Neste bloco, eu converso, também, com o Breno Viola, o Márcio do filme. Aliás, o dono deste

Kikito. Agora eu entendi. Este deve ser mais pesado porque você é campeão de judô, deve ter uma força aí brutal.

Breno Viola: Com certeza.

Marília Gabriela: Não é isso? Venha cá, Marcelo, antes de começar a falar com o Breno, que contribuição você acredita que esse filme possa trazer para combater o preconceito em relação à síndrome de *Down*?

Marcelo Galvão: Ele é um filme totalmente inclusivo porque você tem como protagonistas três garotos com síndrome de *Down*, você tem mais de 60 garotos com síndrome de *Down* no elenco, mas não fala sobre síndrome de *Down*. Então, eu acho que a partir do momento que você senta e esquece que eles têm síndrome de *Down*, em 5 minutos de filme, você acaba incluindo eles mesmo...

Marília Gabriela: É verdade...

Marcelo Galvão: ...porque você os vê como atores “normais” e esse filme ainda foi produzido por um... o produtor executivo do filme é um deficiente visual, não enxerga nada, e eu sou publicitário. Então, se for para, né... a gente... publicitário no sentido até de formação mesmo. É um filme totalmente inclusivo. Eles ganharam o prêmio não foi à toa, não foi porque ficaram com pena deles, mas foi por causa da atuação.

Marília Gabriela: Foi porque eles estavam muito bem, mesmo. Marcelo, você, de alguma forma, definiu o Ariel e a Rita como atores. Eu gostaria que você definisse o Breno como ator.

Marcelo Galvão: O Breno é um cara assim que ele tem [risos]... Ele já está todo empolgado [risos]. Ele é muito carismático e o carisma dele ultrapassa a tela do cinema. Então, ele não tem a facilidade que o Ariel tem de decorar os textos, mas, em compensação, ele não tem problema de dicção, que o Ariel tem. Ele, às vezes, não é tão profundo como a Rita é, nos personagens, de se lembrar de referências passadas e chorar de verdade, mas ele tem o improviso dele que é muito bom. Então, ele acaba ganhando assim o filme, porque ele tem um improviso muito bom, ele é carismático e esse carisma aparece.

Trecho do filme “Colegas”:

Márcio: Narigão... Peitinho.

Atendente: Que isso?

Cliente do Restaurante: Ahh garoto, se liga. Você não percebe que a gente é diferente?

Márcio: Não tem problema. Eu gosto de gorda.

Márcio: Eu sou normal [risos].

Marcelo Galvão: Eu tentei usar o Breno a favor de todas as qualidades que ele tem. Ele é divertido, ele é engraçado, ele é mulherengo. Isso tudo no filme a gente tem.

Marília Gabriela: Pois é, eu andei lendo que, em contraponto à campanha do Ariel para que viesse o Sean Penn, você falou: por mim não, eu quero que venha mesmo é a Juliana Paes. É isso?

Breno Viola: Claro, né? [risos]. Entre um homem e uma mulher, eu prefiro uma mulher, né?

Marília Gabriela: E você fez um movimento que é o quê?

Breno Viola: Para ver a Juliana Paes.

Marília Gabriela: [risos] não é bem assim. O título é “Vem em mim Juliana Paes”, foi?

Breno Viola: “Vem Juliana Paes”.

Marília Gabriela: Ahhh, “Vem Juliana Paes”. Ahhh, então eu já vi uma adaptação, porque eu vi escrito em algum lugar o: “Vem em mim Juliana Paes”.

Marcelo Galvão: Eu ouvi também, mas... [risos].

Marília Gabriela: Venha cá, Breno: como é que você foi parar nessa?

Breno Viola: Fia, eu fiz tanta coisa... Eu já fiz “Páginas da Vida”, “Avenida”, da Globo, e o Marcelo viu essas coisas tudo que eu fiz, viu, pesquisou.

Marcelo Galvão: Não foi assim não.

Breno Viola: Eu lembro que era.

Marcelo Galvão: Não. Eu vi você em um programa de esporte, eu vi você.

Breno Viola: No *Premier* Combate.

Marcelo Galvão: ...no *Premier* Combate. Isso!

Marília Gabriela: Você é o primeiro downiano que... Você é o primeiro faixa preta...

Breno Viola: ...das Américas...

Marília Gabriela: Das Américas, é isso? Que é um tremendo título! Você treina diariamente?

Breno Viola: Treino todo dia.

Marília Gabriela: É? Teve alguma dificuldade? Você tem vários irmãos?

Breno Viola: Tenho. De parte de pai são 5.

Marília Gabriela: Por parte de pai 5. E foi com eles que você foi para o esporte ou como é que foi essa decisão?

Breno Viola: Meu irmão, meu segundo irmão mais velho.

Marcelo Galvão: Por parte de mãe.

Breno Viola: Por parte de mãe, eu queria me espelhar nele.

Marília Gabriela: Sim.

Breno Viola: E me espelhei. Aí, eu queria seguir a mesma coisa que ele.

Marília Gabriela: Você sofreu de preconceito? *Bullying*. Fizeram com você? Eu li em algum lugar sua mãe dizendo que o judô te ajudou a sobreviver ao *bullying*. É isso?

Breno Viola: Sim. Tinha um rapaz, que ele é alto, acho que são 2 metros de altura, começamos a fazer certas brincadeiras, amarrar aqui [os braços] e os meus pés...

Marília Gabriela: Na escola?

Breno Viola: Não, no judô.

Marília Gabriela: No judô?

Breno Viola: Ele acha que isso é coisa de homem. É brincadeira de atleta. Aí eu falei para ele: então, aperta mais.

Marília Gabriela: Você falava isso?

Breno Viola: Daí eu pá, soltei fora [a corda].

Marília Gabriela: Você gosta disso? Precisa disso para viver, hoje, o judô?

Breno Viola: Não só o judô, como outras coisas que eu faço.

Marília Gabriela: Por exemplo?

Breno Viola: Eu trabalho num site de internet sobre a síndrome de *Down*.

Marília Gabriela: Aliás, você vai, no dia 21 de março, que é o Dia Internacional...

Marcelo Galvão: ...da Síndrome de *Down*.

Marília Gabriela: ...da Síndrome de *Down*. Você vai à ONU, é isso?

Breno Viola: Vou.

Marília Gabriela: O que você vai fazer lá?

Breno Viola: Eu tenho um texto, que eu estou estudando, que eu vou falar lá na ONU e estamos tentando levar também ou o *trailer* ou o filme para mostrar lá na ONU.

Marília Gabriela: Ahhh! Seria belíssimo. Seria de grande ajuda.

Breno Viola: É, com certeza. Não só como filme e como outras coisas que eu acho que o preconceito é. Acham que somos coitadinhos. Como antigamente tratavam a gente como mongoloide, a gente não é nada disso. A gente quer ser reconhecido na sociedade e ser incluído.

Marília Gabriela: Você teve uma educação diferenciada? Você teve que ir a escolas especiais ou não?

Breno Viola: Primeira parte, eu fui à escola normal e tive dificuldades de leitura.

Marília Gabriela: Aprendizado.

Breno Viola: Porque tem que ter muita escrita, era muito rápido.

Marília Gabriela: Hum!

Breno Viola: Aí eu fui para a escola especial.

Marília Gabriela: Você sempre foi muito... Eu não sei se eu posso dizer: hiperativo? Mas era muito inquieto desde a infância. É isso? Sempre agitado?

Breno Viola: Não, eu sempre quis mais metas para mim. Daí eu fui conquistando as coisas.

Marília Gabriela: Sim. E esse seu engajamento em relação à síndrome de *Down* e o posicionamento diante desta causa é recente ou já é antiga?

Breno Viola: Antigamente, eu não sabia o que era a síndrome de *Down*, mas eu posso lhe explicar que agora eu sei.

Marília Gabriela: Como é que você soube o que era síndrome de *Down*?

Breno Viola: A síndrome de *Down*, antigamente, era aquilo que lhe falei, tratavam a gente como mongoloide, como coitadinho, mas a síndrome de *Down* tem duas partes: uma que as pessoas sem síndrome de *Down* tem 46 cromossomos e a outra parte tem 47 cromossomos no par do 21, que são 3, além de ser 3 são 2.

Marília Gabriela: Entendi. Olha, Breno, conte-me dos campeonatos. Você disputa campeonatos?

Breno Viola: Sim.

Marília Gabriela: E no que importa para você um campeonato?

Breno Viola: O que importa?

Marília Gabriela: Eu estou perguntando isso porque eu imagino como seja também, no resto da sua vida, ganhar coisas, competir em situações. Por exemplo, você é o cara que quer ganhar um Óscar, fazer o melhor ator do filme. Como é que é isso? Você é competitivo?

Breno Viola: Sou. Porque eu tenho um sonho de um dia estar representando o Brasil, estar disputando as parolimpíadas. Porque nunca, desde 2012... 2002 que as pessoas com síndrome de *Down* nunca participam das parolimpíadas. Eu tenho esse objetivo de ter uma chance de disputar.

Marília Gabriela: Quem são os seus ídolos?

Breno Viola: Meu irmão, Flávio Canto, Marcelo Galvão e minha mãe, porque, se não fosse ela, eu não estaria aqui no mundo [risos] [suspiro profundo].

Marília Gabriela: Pode parar agora, está bom de heróis. Deixe-me perguntar uma coisa: você andou dando uns avanços aí na minha produtora, na Ane? É verdade ou não?

Breno Viola: É.

Marília Gabriela: Você é um galinha?

Breno Viola: Galinha não. Galinha é a esposa do galo. Eu sou um galanteador [risos].

Marília Gabriela: Galanteador [risos]. Como é que foi para você fazer esse filme? Você sentiu dificuldades? Você, depois que terminou, sentiu dificuldades de se afastar do grupo também? Como é que foi essa experiência?

Breno Viola: É assim... Quando me chamaram para fazer o filme, eu fiquei tão feliz. É assim, fizeram testes e nesses testes foram mais de 300 pessoas. Quando o Marcelo ligou dizendo: Breno, você vai fazer o filme. Meu Deus do céu, meu coração disparou... Mãe, vou fazer um filme. Eu não acredito até hoje [Breno se emociona].

Marília Gabriela: Você se comove até agora? Então, deve ter sido difícil para você se afastar do processo todo ao final dele, não foi?

Breno Viola: Foi, mas eu ganhei uma família.

Marília Gabriela: É, não é? [sorri]

Marcelo Galvão: Ganhou [Marcelo bate, de modo carinhoso, nas costas de Breno].

Breno Viola: Uma equipe. O Marcelo é como um pai, um pai para todos, né?

Marília Gabriela: Marcelo, você fez um trabalho belíssimo. Você criou vontades e vocações. Você não se preocupa com o que possa vir pela frente para eles e essa vontade da continuação disso tudo, ou não?

Marcelo Galvão: Eu me preocupo, mas é uma preocupação boa. Porque eu sei que eu os lancei, eu os expus. Eu acho que o preconceito existe porque existe a ignorância. Então, quando você os expõe, mostra e o Ariel vira capa de “Veja”, o Breno ser uma página inteira do jornal, você mostra a capacidade que eles têm. Então, isso já me alivia muito. O que me preocupa, que a gente tenta sempre trabalhar, é eles entenderem que existe um... essa relação, óbvio a gente sempre vai continuar amigo, a gente sempre vai continuar uma família, como ele disse, mas essa relação tem um final. Então, assim, o que mais eles sentem é, quando acabaram as filmagens, mas hoje ainda tem muito de mídia então a gente está muito junto, mas a falta da relação diária.

Marília Gabriela: Do cotidiano mesmo.

Marcelo Galvão: O Breno é o que menos sente, porque o Breno já tem uma vida muito sem rotina. Sem rotina no bom sentido, é lógico. Ele tem os treinos, mas ele sai, viaja, ele é um cara mais... A Rita e o Ariel, eles têm uma rotina muito determinada. Então, quando termina isso, essa carência, apesar de existir a amizade, apesar de existir o contato semanal com eles. Isso me preocupa um pouco, de como saber lidar com isso, mas a gente está trabalhando super bem para que isso não seja um problema.

Marília Gabriela: Bom, o papel do seu tio, baseado no personagem do seu tio, é o papel do Breno?

Marcelo Galvão: É... É mais uma homenagem do que uma referência. O nome é uma homenagem, o nome do instituto é o mesmo nome de onde o meu tio estudou. O nome da diretora do instituto também é o mesmo. Então, tem muitas referências, muitas homenagens, minto. Muito mais homenagens do que referências da vida do meu tio.

Marília Gabriela: Aquele instituto, vocês criaram para o filme?

Marcelo Galvão: A gente criou, mas tinha o nome do mesmo instituto.

Marília Gabriela: Sim, mas ele não existe mais?

Marcelo Galvão: Não. É o Instituto Biológico de Campinas, onde a gente criou... a externa é o Instituto Biológico e a interna é a Escola de Cadetes de Campinas.

Marília Gabriela: Ah é? Ficou lindo! Meus parabéns!

Marcelo Galvão: Obrigado.

Breno Viola: Obrigado.

Marília Gabriela: Meus parabéns e obrigada, por enquanto, porque depois vai ter bate bola, jogo rápido. Eu termino aqui o terceiro bloco de frente com o elenco do filme “Colegas”. Nós voltamos já, já.

PARTE 4

Marília Gabriela: De volta para a última parte do Programa. Agora eu vou ficar de frente com os atores de “Colegas”. Estão preparados para o bate bola, jogo rápido?

Ariel Goldenberg, Breno Viola e Rita Pokk: Sim.

Marília Gabriela: Então, vamos lá. Ariel, ser famoso?

Ariel Goldenberg: Ser famoso? Eu sou um cara que já saiu em capas de revistas.

Marília Gabriela: Isso é ser famoso?

Ariel Goldenberg: Isso é ser famoso.

Marília Gabriela: Ser famosa, Rita?

Rita Pokk: Ser uma estrela e brilhar.

Marília Gabriela: Ser famoso?

Breno Viola: Famoso, eu vou dizer rápido. Famoso é reconhecer o seu talento e ser reconhecido pelos nossos fãs.

Marília Gabriela: Cinema?

Breno Viola: Cinema é bom, mas, às vezes, acaba.

Marília Gabriela: Cinema?

Rita Pokk: Coisa boa, que nos leva para o alto, para o além.

Marília Gabriela: Cinema?

Ariel Goldenberg: Cinema, para mim, eu vou falar um raciocínio rápido. Cinema é foco.

Marília Gabriela: Preconceito?

Ariel Goldenberg: Inclusão.

Marília Gabriela: Preconceito?

Rita Pokk: Quebra de preconceito.

Marília Gabriela: Preconceito?

Breno Viola: Preconceito significa que a gente tem que enfrentar o preconceito de cara. Se não encarar, daí o preconceito acaba com a gente.

Marília Gabriela: Casamento?

Breno Viola: Casamento? Ainda não.

Marília Gabriela: Casamento?

Rita Pokk: Casamento é uma coisa gostosa e faz a gente se divertir bastante.

Marília Gabriela: Casamento?

Ariel Goldenberg: Eu também acho.

Marília Gabriela: Um medo?

Ariel Goldenberg: Um medo... Sair da produtora.

Marília Gabriela: Um medo?

Rita Pokk: Ser expulsa pelo diretor Marcelo Galvão.

Marília Gabriela: Um medo?

Breno Viola: Medo? Medo pode ser assim: início, fim. Início, meio e fim.

Marília Gabriela: Um sonho?

Breno Viola: Realizar todos os sonhos e continuar sendo ator de cinema junto com a Gatacine.

Marília Gabriela: Um sonho?

Rita Pokk: A mesma coisa que o Breno.

Marília Gabriela: Um sonho?

Ariel Goldenberg: Ator e produtor.

Marília Gabriela: Um herói?

Ariel Goldenberg: Márcio [nome do Breno Viola no filme “Colegas”].

Marília Gabriela: Um herói?

Rita Pokk: Marcelo Galvão.

Marília Gabriela: Um herói?

Breno Viola: Todos os personagens do filme “Colegas”.

Marília Gabriela: O Óscar?

Breno Viola: O Óscar melhor... [risos].

Marília Gabriela: ...ator [risos].

Ariel Goldenberg, Breno Viola, Rita Pokk e Marília Gabriela: [risos].

Marília Gabriela: O Óscar?

Rita Pokk: O Óscar é chegar lá no alto e ser reconhecida mundialmente.

Marília Gabriela: O Óscar?

Ariel Goldenberg: Chegar lá em cima e receber a estatueta.

Marília Gabriela: Rita por Rita?

Rita Pokk: Rita por Rita é uma coisa que vai para frente até o final.

Marília Gabriela: Breno por Breno?

Breno Viola: Carisma.

Marília Gabriela: Ariel por Ariel?

Ariel Goldenberg: Anjo.

Marília Gabriela: Muito bem! Então, para a Rita que vai até o final, para o carisma do Breno e para o anjo do Ariel, muitíssimo obrigada pela entrevista. Parabéns, vocês mereceram esse Kikito maravilhoso e vocês fizeram um filme delicioso.

Breno Viola: A gente ganhou por nossos méritos, mas, em nome de nós três, acho que temos que agradecer esse prêmio e oferecer à Gatacine porque, se não fosse eles acreditarem na gente... [Ariel Goldenberg, Breno Viola e Rita Pokk pegam o Kikito nas mãos].

Marília Gabriela: Muito bem! Bonita a cena! [aplaude]. Um beijo para cada um...

Ariel Goldenberg: Mas antes nós queremos fazer uma cerimônia aqui com o Kikito.

Marília Gabriela: Então, faça a cerimônia...

Ariel Goldenberg: Eu quero dedicar este Kikito ao Marcelo Galvão e a toda a equipe da Gatacine.

Rita Pokk: Eu digo o mesmo.

Breno Viola: Que a gente consiga realizar os nossos sonhos.

Ariel Goldenberg: Isso mesmo.

Breno Viola: Você [Ariel] com o Sean Penn e eu com a Juliana Paes.

Ariel Goldenberg: Viva o Sean Penn!

Marília Gabriela: Juliana Paes, que se realize o seu [risos]. Eu não sei quem você gostaria que viesse aí? [risos].

Ariel Goldenberg: Vamos lá, aqui...

Breno Viola: Um, dois, três e já...

Ariel Goldenberg: Um, dois, três...

Breno Viola: Já...

Ariel Goldenberg, Breno Viola e Rita Pokk: “Colegas” [soltam o Kikito, colocam as mãos uma sobre as outras e proferem o grito de guerra].